

AMAZAD PANA'ADINHAN



PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Região Serra da Lua - RR



Esta publicação se soma a um conjunto de publicações similares, que tem se avolumado recentemente, enfocando a relação entre povos indígenas e mudanças climáticas em diferentes contextos culturais e ambientais no Brasil e no mundo.

Ela brota do protagonismo do Conselho Indígena de Roraima (CIR) em discutir a questão nos âmbitos regional e internacional, tal como descrito na apresentação. Considerando que a variação climática é uma característica cada vez mais preocupante no cotidiano dos indivíduos e comunidades em áreas agrestes em todo o mundo, o CIR percebeu a necessidade de conhecer de modo mais aprofundado as complexas relações entre os povos indígenas da sua região de abrangência e os seus meios ambientes.

Expressão da preocupação do CIR com a melhor forma de apoiar os povos de Roraima na sua adaptação a tais mudanças, garantindo simultaneamente a sua segurança ambiental e os seus meios de vida, esta publicação sistematiza e sintetiza um longo e cuidadoso processo de pesquisas colaborativas (os “estudos de caso”) conduzidas por agentes territoriais e ambientais indígenas (os ATAs) em comunidades e terras indígenas de uma região específica (a Serra da Lua). Seu objetivo é evidenciar e valorizar a contribuição dos conhecimentos e práticas tradicionais indígenas, de modo a

AMAZAD PANA'ADINHAN

PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS SOBRE AS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Região Serra da Lua - RR

Conselho Indígena de Roraima

Coordenador – Mário Nicácio

Vice-coordenador – **Ivaldo André**

Coordenadora do Movimento das Mulheres –

Telma Marques

Departamento de Gestão Ambiental e Territorial

Coordenadora – **Sineia Bezerra do Vale**

Assistente em Gestão Ambiental – **Jéssica Maria**

Especialista em geoprocessamento – **Genisvan André**

Departamento de Projetos

Paulo Daniel Moraes

Departamento Jurídico

Dra. Joênia Wapichana

Organizadores

Alessandro Roberto de Oliveira e Sineia Bezerra do Vale

Autores

Antônio Ernesto Jerônimo

Ernesto das Chagas Silva

Erivaldo Marcos da Silva

José Davi Manduca

Raoni Emiliano da Silva

Siliviano Rodrigues Messias

Ronaldo Paulino de Souza

Priscila Pereira da Silva

Venício Augusto Vicente

Hélcio Rodrigues Viriato

Geniveive Sá da Silva

Nilton Aniceto Pereira

Francivaldo Tomas Alfredo

Quelton Alves Souza

Wanderson Lima da Silva

Paulino Eduardo da Silva

Nicodemos Pereira de Souza

Denison Estevan

Professores indígenas

Atanásio de Souza

Marineide Paulino de Almeida

Elizete Camilo de Almeida

Criação de Projeto Gráfico e editoração eletrônica

Ribamar Fonseca (Supernova Design)

Revisão Ortográfica

Carmen da Gama

C755a Conselho Indígena de Roraima.
Amazad Pana'adinhan : percepções das comunidades indígenas sobre as mudanças climáticas : região da Serra da Lua - RR / Conselho Indígena de Roraima ; Organização Alessandro Roberto de Oliveira, Sineia Bezerra do Vale. - Boa Vista : CIR, 2014.
154 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-917686-0-8

1. Mudanças climáticas - percepções indígenas. 2. Comunidades indígenas - mudanças climáticas. I. Oliveira, Alessandro Roberto de. II. Vale, Sineia Bezerra do. III. Título. IV. Título: Percepções das comunidades indígenas sobre as mudanças climáticas. V. Título: região da Serra da Lua - RR.

CDU 551.583(=1-82)



Conselho Indígena de Roraima - CIR

AMAZAD PANA'ADINHAN

PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Região Serra da Lua - RR

Organização

ALESSANDRO ROBERTO DE OLIVEIRA E SINEIA BEZERRA DO VALE

Agentes Territoriais e Ambientais Indígenas - ATAls

1ª EDIÇÃO

J U L H O 2 0 1 4

LISTA DE SIGLAS

AIS: Agentes Indígenas de Saúde
AISAN: Agente Indígena de Saneamento
ATAI: Agente Territorial e Ambiental Indígena
APM: Associação de Pais e Mestres
CAFOD: Agência Católica para o Desenvolvimento (em português)
CQNUMC: Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças do Clima
CIFCRSS: Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol
CIMI: Conselho Indigenista Missionário
CINTER: Conselho Indígena do Território de Roraima
CIR: Conselho Indígena de Roraima
COPs: Conferências das Partes sobre o Clima
COIAB: Confederação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
DNIT: Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes
FUNAI: Fundação Nacional do Índio
IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IEB: Instituto Internacional de Educação do Brasil
INPA: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IPAM: Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
INSIKIRAN: Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena
IPCC: The Intergovernmental Panel on Climate Change
ISA: Instituto Socioambiental
MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA: Ministério do Meio Ambiente
MPF: Ministério Público Federal
ONU: Organização das Nações Unidas
PGTA: Plano de Gestão Territorial e Ambiental
PNGATI: Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas
SEINFT: Secretaria Estadual de Infraestrutura e Transportes
SIG: Sistema de Informação Georreferenciada
TI: Terra Indígena
TNC: The Nature Conservancy
UFRR: Universidade Federal de Roraima

APRESENTAÇÃO

A formação do Conselho Indígena de Roraima (CIR) iniciou-se na década de setenta. Nesta época, começaram a serem formados os primeiros conselhos indígenas regionais em Roraima, reunindo comunidades que buscavam alternativas políticas e econômicas frente a uma situação de extrema violência e opressão por parte de fazendeiros, garimpeiros e outros interessados na ocupação de seus territórios tradicionais. Em 1987, uma assembleia geral realizada no Surumu reuniu tuxauas (chefes) de diversas regiões, que decidiram criar uma organização com sede em Boa Vista para representar e encaminhar as reivindicações dos povos indígenas de Roraima. Foi, assim, formalizada a criação do Conselho Indígena do Território de Roraima (CINTER), que, mais tarde, passou a ser denominado de CIR.

O Conselho Indígena de Roraima (CIR) é uma associação civil sem fins lucrativos, organização indígena nos termos do artigo 232 da Constituição Federal de 1988, criada em agosto de 1990, que tem por objetivo a luta pela garantia dos direitos e da autonomia dos povos indígenas no estado de Roraima. Para atingir este objetivo, desenvolve atividades nos campos da saúde, educação, cultura, gestão ambiental e desenvolvimento sustentável, respeitando a organização social e cultural dos diversos povos indígenas do estado. A área de atuação do CIR abrange os territórios onde vive uma população de mais de 54.000 indígenas, distribuída em 458 comunidades, em todo o estado de Roraima, das etnias Macuxi, Wapichana, Ingarikó, Patamona, Sapará, Taurepang, Wai-Wai, Yanomami e Yekuana, todas elas agindo diretamente, ou em parceria com outras organizações indígenas.

Roraima é o estado situado mais ao norte do Brasil, apresentando fronteiras com a Venezuela e a Guiana, além dos estados do Pará e Amazonas, para onde se prolongam algumas das terras indígenas. Está localizado na região amazônica e nele convivem ambientes de florestas ao sul, serras e savanas com vegetação de médio porte no centro e nordeste. Existem 32 terras indígenas reconhecidas, com uma extensão total de 10.344.320 hectares que corresponde a mais de

46% da superfície do estado. As nascentes dos principais tributários da Bacia do Rio Branco estão nas terras indígenas de Roraima, a qual é responsável por 30% do volume de água na Bacia do Rio Negro, que, por sua vez, responde por 14% da água lançada na Bacia Amazônica.

A população indígena de Roraima se caracteriza por uma grande sociodiversidade, constituindo quase 20% da população do estado (incluindo a população indígena nas zonas urbanas), o que representa a maior proporção de população indígena entre os estados do Brasil. Em Roraima, estão localizadas, também, a Terra Indígena mais populosa (TI Raposa Serra do Sol com 22.454 habitantes) e a Terra Indígena mais extensa do país (TI Yanomami com 9.664.975 hectares). O crescimento populacional nas terras indígenas apresentou um incremento médio em torno de 4% ao ano nos últimos 12 anos; a faixa etária de menores de 05 anos representa 20% desta população e os menores de 15 anos representam 52% da população indígena no estado de Roraima.

O CIR tem mais de 30 anos ininterruptos de atuação voltada exclusivamente para a defesa sistemática dos direitos e interesses indígenas frente à sociedade nacional. Apesar das terras indígenas de Roraima terem sido, na maioria, reconhecidas formalmente em atos administrativos, continua o desafio para que as comunidades exerçam efetivamente a posse de suas terras, livres de invasões, usufruindo dos recursos naturais, administrando seus projetos de desenvolvimento sustentável, e gerindo seus territórios conforme suas decisões, crenças, usos e costumes. As terras indígenas foram muito degradadas ao longo dos anos de invasão, como no caso das lavouras de arroz irrigado que existiam na TI Raposa Serra do Sol, as quais provocaram extenso desmatamento, aterramento de lagoas e cursos de água, uso descontrolado de agrotóxicos e bombeamento de água dos rios para as lavouras.

Uma vez concluída a retirada dos invasores, as comunidades indígenas passaram a reivindicar a implementação pelo governo federal de projetos de recuperação ambiental e desenvolvimento sustentável nas áreas atingidas pela destruição das fazendas, sem que medidas concretas e duradouras tenham sido adotadas até o momento. Preocupado com esta situação de invasões e ameaças

ao meio ambiente em seus territórios tradicionais, agravadas pelos impactos crescentes das mudanças climáticas que têm provocado eventos extremos como secas, queimadas e inundações nas últimas décadas, o Conselho Indígena de Roraima tomou a iniciativa de propor e executar um programa permanente de vigilância, gestão e capacitação na área territorial e ambiental.

Desde o ano de 2008, o CIR realiza cursos de formação continuada para Agentes Territoriais e Ambientais Indígenas (ATAI), através do seu Departamento de Gestão Ambiental coordenado pela técnica indígena Wapichana, Sineia Bezerra do Vale, envolvendo representantes de todas as etnorregiões do estado e um total de mais de 240 agentes capacitados. Os agentes ambientais atuam diretamente no dia a dia das comunidades, enfrentando problemas como o acúmulo de lixo, desmatamento, queimadas e pesca predatória, e problemas externos ou no entorno das terras indígenas, como a limpeza periódica dos limites da terra, e denúncias sobre desmatamento, contaminação dos mananciais de água, queimadas descontroladas, e retirada de recursos naturais por invasores.

Entre as atividades de incidência política na área ambiental realizadas pelo CIR, nos últimos anos, estão o Seminário de Gestão Territorial e Ambiental Indígena em março de 2010, a Consulta Regional sobre a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas (PNGATI) em junho de 2010, e o Seminário sobre Etnodesenvolvimento dos Povos Indígenas de Roraima em setembro de 2010. Foram realizados, também, Seminários sobre mudanças climáticas, em outubro de 2011, maio de 2013 e abril de 2014, com o objetivo de promover informação e discussão entre as lideranças indígenas de temas relacionados ao contexto das mudanças climáticas e salvaguardas em programas de Redução de Emissões por Degradação e Desmatamento (REDD-Plus), a partir de uma análise crítica e do diálogo intercultural.

A partir do ano de 2011, foram realizados os estudos de caso sobre Mudanças Climáticas e Povos Indígenas na etnorregião Serra da Lua (TI Malacacheta, TI Jacamim e TI Manoá-Pium), envolvendo os agentes ambientais indígenas no levantamento dos impactos das mudanças climáticas nas práticas tradicionais de manejo ambiental das

comunidades indígenas. Foram construídos, também, neste período, com a participação intensa das comunidades indígenas, seis Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) na TI Jacamim (etnorregião Serra da Lua), TI Aningal (etnorregião do Amajari), TI Serra da Moça (etnorregião do Murupu), TI Boqueirão e TI Mangueira (etnorregião do Taiano), e TI Raposa Serra do Sol, com o Centro Indígena do Maturuca (etnorregião das Serras) e Centro Indígena Santa Cruz (etnorregião da Raposa).

Outro avanço significativo foi a conquista progressiva de espaços políticos. Como instâncias nacionais, membros do CIR têm sido indicados a fazer parte da Comissão Nacional da Biodiversidade (CONABIO), Comitê Orientador do Fundo Amazônia (COFA), e mais recentemente do Comitê Gestor da PNGATI, através do seu coordenador geral Mario Nicacio Wapichana. Em nível internacional, sua atuação também é reconhecida, mantendo parceria com diversas instituições voltadas à defesa dos direitos dos povos indígenas. O CIR mantém, ainda, participação sistemática em conferências, fóruns e conselhos voltados ao controle social e gestão participativa nas áreas de saúde, educação, cultura, desenvolvimento sustentável, direitos indígenas, e na gestão de diversas unidades de conservação.

A partir da parceria com a rede coordenada pela Fundação Tebtebba, organização indígena das Filipinas, o CIR tem participado por meio de sua coordenadora jurídica, Joenia Wapichana e outras lideranças, em diversos fóruns internacionais de discussão envolvendo povos indígenas sobre mudanças climáticas, programa REDD-Plus, intercâmbios intercontinentais, Caucus Indígenas, processos da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças do Clima (CQNUMC), e Conferências das Partes sobre o Clima (COP) promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU). O posicionamento do CIR, no âmbito internacional, tem sido importante como manifestação brasileira e indígena pelas salvaguardas de direitos nos processos de negociações internacionais das COPs. Da mesma forma, participou da Conferência Global sobre Mapeamento Participativo dos Povos Indígenas, realizada em agosto de 2013, na Indonésia, representado pelo técnico indígena Macuxi do Sistema de Informações Georreferenciadas (SIG-CIR), Genisvan André e pelo agente ambiental, José Davi Manduca da Terra Indígena Jacamim.

A aprovação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas (PNGATI) sancionada pela Presidência da República do Brasil em junho de 2012, após um processo de discussões com representantes indígenas em todo o país, representa um instrumento importante para a gestão e proteção ambiental e o uso sustentável dos recursos naturais nas terras indígenas. Permanecem, no entanto, inúmeras pendências e deficiências para a efetivação das políticas públicas que assegurem financiamento e assistência técnica específica e diferenciada, além de ingerências políticas e burocráticas que paralisam os órgãos públicos responsáveis pela execução destas ações junto aos povos indígenas.

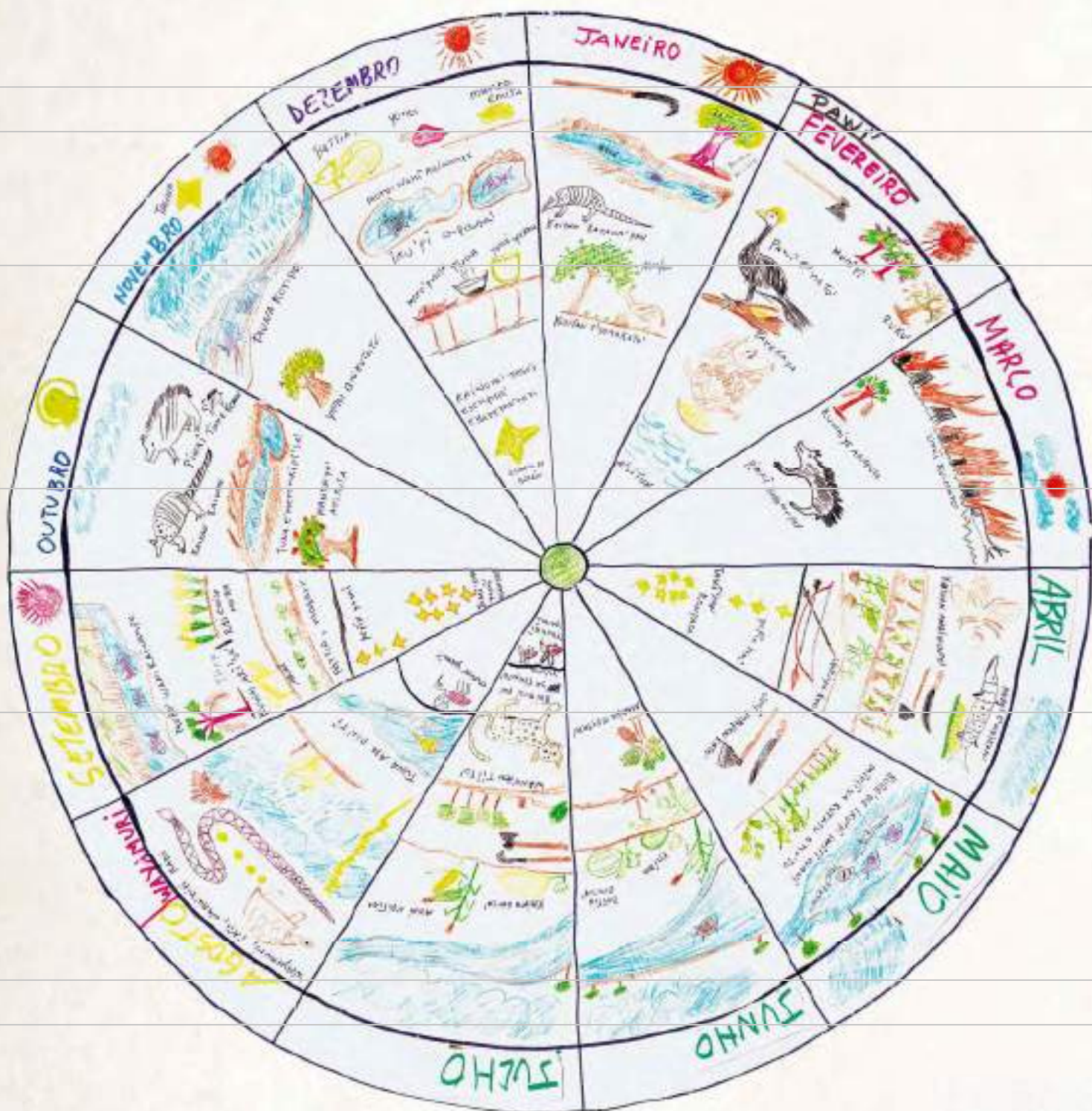
Não existe nada mais importante para os povos indígenas do que lutar pela Mãe Terra, que representa a sua casa e a morada de todos os seres visíveis e invisíveis que integram o seu modo de vida tradicional. Os resultados alcançados pelo CIR na área de gestão ambiental têm assegurado uma maior integridade do meio ambiente nas terras indígenas e no seu entorno, através de autuações realizadas em parceria com órgãos como o IBAMA, a FUNAI e o Ministério Público, controle no ingresso de gente de fora nas terras indígenas, controle do lixo e resíduos sólidos, e implantação de projetos de reflorestamento e cuidados com nascentes, mananciais de água e matas ciliares dos igarapés, lagos e rios existentes na região.

Todo este trabalho só foi possível graças ao apoio permanente de parceiros como a Embaixada Real da Noruega, o Programa Indígena da CAFOD, a Fundação Tebtebba (Filipinas), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), o Instituto Insikiran (UFRR), o Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), a Fundação Gordon e Betty Moore, a The Nature Conservancy (TNC), o Instituto Socioambiental (ISA), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Diocese de Roraima.

Em especial, gostaríamos de registrar agradecimento ao apoio da Fundação Tebtebba e da CAFOD para a realização dos estudos, e à Fundação Gordon e Betty Moore pelo suporte à publicação.

Boa Vista - Roraima, maio de 2014.

Conselho Indígena de Roraima - CIR



SUMÁRIO

Introdução	14
Parte I	
Contexto socioambiental das nossas terras	28
TI Jacamim	32
TI Malacacheta	46
TI Manoá-Pium	58
Parte II	
Práticas tradicionais e ciclos anuais	82
Paupeizu	92
Atamyn aka	104
Baiayt kary	114
Kubawyp kary	122
Parte III	
Amazad Pana'adinhan. Percepções das comunidades indígenas sobre as mudanças climáticas	130
Inverno na Comunidade Jacamim	134
Uma conversa no meio da mata	138
Quando cheguei, era frio.	142
Rotina das mulheres	145
Últimas palavras: percepções e ações	146
Parte IV	
Planos de enfrentamento às mudanças climáticas	148

INTRODUÇÃO¹

“Amazad Pana’adinhan – Percepções das comunidades indígenas sobre as mudanças climáticas. Região Serra da Lua - RR” – apresenta os resultados da iniciativa do Conselho Indígena de Roraima e das comunidades indígenas da Serra da Lua de promover a discussão sobre *“Mudanças climáticas e povos indígenas”* nos últimos três anos. Para debater o tema localmente em três terras indígenas, três equipes de Agentes Territoriais e Ambientais (ATAIs) realizaram estudos de caso para saber como suas comunidades percebem as mudanças do clima a partir de seus conhecimentos e práticas tradicionais. Este volume reúne as interpretações conjuntas desenvolvidas pelos ATAIs durante o processo de revisão e análise dos materiais produzidos durante estes estudos.

Nas últimas décadas, as comunidades indígenas do leste de Roraima, em particular as comunidades que vivem na Região Serra da Lua, localizadas na zona de transição entre os biomas de savana (lavrados) e floresta amazônica, vêm percebendo o surgimento de novos problemas ambientais. Destacam-se, como exemplos, o desmatamento e as queimadas nas proximidades das terras indígenas, além de uma sucessão de eventos climáticos extremos.

Nos anos de 1998 e de 2005, ocorreram graves secas no estado de Roraima, que determinaram grandes incêndios e queimadas, atingindo todas as regiões do estado e, particularmente, as áreas protegidas de mata existentes nas Terras Indígenas. Na primeira quinzena de junho de 2011, aconteceram as maiores cheias da história de Roraima, e o principal rio do estado (Rio Branco) chegou a 10 metros acima do nível normal, quando a marca histórica anterior tinha sido em 1976, quando ele chegou a 9,8 metros.

Esses eventos climáticos extremos foram seguidos de perdas das roças existentes nas comunidades indígenas com o apodrecimento dos plantios. Outra consequência percebida foi o surgimento de pragas e o desequilíbrio ecológico desencadeado por estes desastres ambientais. Estas alterações causaram, ainda, impactos sobre as criações, em especial de gado, interferindo nas populações de animais da floresta e nas dinâmicas dos rios e dos peixes em todo o estado de Roraima.

Estes fenômenos podem estar relacionados a uma discussão que vem mobilizando governos, cientistas e a opinião pública mundial: a intensificação das mudanças do clima, em nível global, causadas pela ação humana.

1

Texto: Alessandro Roberto de Oliveira. Antropólogo/Colaborador CIR

Sabemos que o clima varia naturalmente, de modo que alguns anos são mais quentes e secos, enquanto outros são mais frios e têm períodos de chuvas mais intensos. Portanto, *mudanças climáticas* são diferentes de *alterações climáticas*, que acontecem normalmente de modo cíclico, ligadas às estações do ano. *Mudanças climáticas* correspondem justamente aos eventos do clima que aparecem fora desse ritmo padrão das estações e de suas alterações verificadas regularmente.

Há setores da sociedade global que não consideram as mudanças climáticas como um problema real, apesar de muitos estudos científicos estarem apresentando dados que mostram que o fenômeno está ocorrendo, de fato, e provocando acontecimentos importantes. A exemplo do aumento do nível dos mares e do aumento da temperatura do ar, mudanças do clima têm provocado alterações em ciclos de vida de plantas e animais em diferentes ecossistemas do mundo.

Os estudos científicos sobre mudanças climáticas revelam que o desflorestamento e a diminuição das florestas tropicais no mundo são fatores importantes para entender o fenômeno, pois as queimadas das florestas representam aproximadamente 20% do total de gases de efeito estufa liberados na atmosfera. Neste cenário, os povos indígenas têm exercido um papel importante para a conservação ambiental, uma vez que seus padrões de ocupação

territorial e suas formas de gestão ambiental de seus espaços de vida têm, historicamente, garantido a manutenção de muitas áreas de matas e florestas. Os povos indígenas detêm conhecimentos detalhados sobre os ciclos anuais e organizam diversas práticas de manejo de seus ambientes, baseados nesta experiência, na observação, e na elaboração de medidas adaptativas de acordo com as dinâmicas ambientais.

O objetivo central da iniciativa dos estudos de caso foi justamente trazer uma amostra destes conhecimentos tradicionais das comunidades da Serra da Lua como uma contribuição ao debate sobre o tema das mudanças climáticas. Em idioma Aruaque, falado pelos Wapichana, a palavra *Amazad* pode ser entendida como uma categoria cosmológica². Trata-se de um termo que significa o *mundo*, o *tempo*, e, simultaneamente, também pode significar *espaço*. *Pana'adinhan* refere-se à mudança, à transformação.

Nas narrativas indígenas, a expressão ganha um sentido abrangente e remete às transformações do mundo, do tempo e do espaço percebidas pelos mais experientes nas últimas décadas. Neste sentido, *Amazad Pana'adinhan* é uma aproximação, em língua Aruaque, de um entendimento compartilhado durante a produção dos estudos de caso, quando definimos como

mudanças climáticas – as significativas mudanças do tempo e do espaço nos ciclos anuais do clima, em particular a intensificação das duas estações principais, de seca e de chuva, ou verão e inverno, que organizam o ciclo anual na região Serra da Lua, vistas sob o prisma dos conhecimentos e práticas tradicionais. Esta expressão representa o ponto de abertura que encontramos para estabelecer a comunicação entre os discursos políticos e científicos sobre as mudanças climáticas e os conhecimentos tradicionais, as visões das comunidades sobre a desordem do tempo e do espaço nos últimos vinte, trinta, quarenta anos. Como se verá, estas mudanças são reconhecidas por grande parte daqueles que participaram do trabalho.

Os estudos de caso produziram uma série de informações sobre o atual contexto socioambiental das comunidades que vivem nas TIs Jacamim, Malacacheta e Manoá-Pium e apresentam as percepções dos moradores sobre efeitos locais das mudanças climáticas nos últimos vinte anos. Durante suas pesquisas os ATAs focalizaram a relação entre práticas tradicionais de manejo ambiental e os ciclos anuais. E, a partir desta correlação, foi possível identificar como estas mudanças do clima estão afetando algumas dimensões fundamentais de seus modos de vida, bem como as medidas de adaptação que já são historicamente colocadas em prática para lidar com estas situações.

O resultado é um detalhado registro atual destes efeitos nas plantações, na vida dos animais, nas dinâmicas dos rios e dos peixes, na disponibilidade dos recursos naturais de um modo geral, tendo como base de referência os conhecimentos tradicionais. O desdobramento pragmático dos estudos é a proposta de um plano regional de ações de enfrentamento às mudanças climáticas na região Serra da Lua.

Contexto

Nos últimos três anos, o Conselho Indígena de Roraima (CIR) tem promovido dinâmicas de diálogos interculturais entre os povos indígenas do estado e diferentes setores governamentais e da

sociedade civil para discutir o tema das mudanças climáticas. Em diversos eventos os participantes estão abordando tanto a sua dimensão política (de defesa dos direitos indígenas frente às novas agendas discutidas no plano nacional e internacional), quanto a sua dimensão prática, dos efeitos das mudanças do clima observados localmente pelas comunidades indígenas. Identificando-se, assim, os impactos sobre os modos de vida, e, também, apresentando-se as formas de adaptação e soluções desenvolvidas pelas comunidades no enfrentamento dos problemas derivados destes eventos climáticos.

Estas discussões vêm reunindo as comunidades indígenas, tuxauas (chefes), as lideranças, os representantes da sociedade civil, de universidades e de órgãos públicos indigenistas e ambientais, através de reuniões, seminários e cursos que tematizam a questão ambiental. Desde 2008, o CIR desenvolve o Programa de Agente Territorial e Ambiental Indígena (ATAI), através de parcerias com instituições governamentais e não governamentais, promovendo atividades de formação continuada para mais de 240 agentes ambientais de todo o Estado. Dentre os diferentes temas debatidos, destacam-se os que estão relacionados aos direitos indígenas e à questão ambiental, ao combate e à prevenção de incêndios nas comunidades indígenas, e, finalmente, às estratégias de estímulo e apoio a iniciativas que promovem a melhoria da qualidade de vida dos povos indígenas.

Nos últimos anos, o CIR também tem contribuído em discussões internacionais

através da atuação em uma rede de articulação global entre povos indígenas que participam dos debates sobre as mudanças climáticas entre Estados nacionais, especialmente no âmbito das Conferências das Partes COPs – da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima (UNFCCC). Esta série de reuniões regulares, promovidas entre os países signatários da Convenção do Clima, têm por objetivo estabelecer a base para a cooperação internacional sobre as questões técnicas e políticas relacionadas ao aquecimento global.

Neste processo, representantes do CIR participaram das três últimas COPs, juntamente com representantes indígenas de todos os continentes, contribuindo para a discussão de estratégias que visam influenciar o processo de negociações dos Estados, através do grupo conhecido como Caucus Indígena. Esta articulação indígena atua por meio de Grupos de Trabalho, que acompanham os Grupos da COP, participam de discussões em plenárias e eventos paralelos, e elaboram textos para pronunciamentos em nome do Caucus Indígena. A coordenadora do departamento jurídico do CIR foi co-presidente do Caucus Indígena na COP 17, em Durban na África do Sul em 2011, e da COP 18, realizada em Doha, no Qatar, em 2012. A coordenadora do departamento de gestão territorial e ambiental do CIR também participou de eventos internacionais sobre o tema em 2012, dentre eles o seminário preparatório para COP sobre o Protocolo de Nagoia e Convenção da Diversidade Biológica e o treinamento de

técnicos em desenvolvimento sustentável e autodeterminação dos povos indígenas na Tailândia.

Para estabelecer a conexão entre os debates internacionais e os contextos locais das comunidades indígenas, o tema também vem sendo discutido em uma série de seminários e encontros. Em outubro de 2011, o CIR promoveu o “*I Seminário Sobre Mudanças Climáticas e REDD+*”, em Boa Vista, reunindo representantes dos povos Macuxi, Wapichana, Yanomami, Yekuana, Ingarikó, Taurepang, Sapará, Waiwai e Waimiri-Atroari, de suas organizações indígenas, técnicos da Fundação Nacional do Índio e parceiros.

O objetivo do Seminário foi promover a informação e a discussão entre as lideranças indígenas sobre os temas relacionados ao contexto das mudanças climáticas, dos serviços ambientais e os dos mecanismos de Redução de Emissões por Degradação e Desmatamento (REDD+), a partir de uma análise crítica e de um diálogo intercultural. O evento visou a proteção, gestão e monitoramento das terras indígenas no Estado de Roraima.

Em maio de 2013, foi realizado o “*II Seminário sobre Mudanças Climáticas e REDD+*” no Centro Indígena Lago Caracaranã. O seminário contou com a presença de 150 participantes, entre Agentes Territoriais e Ambientais Indígenas (ATAIs), Brigadistas e Lideranças Indígenas, representantes do CIR, representantes da FUNAI regional e nacional, convidados de diferentes instituições, como IPAM e IEB, além de colaboradores.

Em convergência com estas discussões no plano internacional, nacional e estadual, nos anos de 2011, 2012 e 2013, o CIR também promoveu uma iniciativa de discussão sobre as mudanças climáticas no plano local de três terras indígenas na região Serra da Lua. Estes debates foram desenvolvidos através da realização de três estudos de caso para saber como as comunidades percebem as mudanças climáticas a partir de seus conhecimentos tradicionais. Estes estudos foram realizados pelos ATAIs, com o objetivo de trazer à luz as percepções dos povos indígenas sobre este fenômeno. O primeiro estudo foi realizado na Terra Indígena Jacamim, no ano de 2011.

O segundo, em 2012, na Terra Indígena Malacacheta e, no mesmo ano, na Terra Indígena Manoá-Pium. Durante o ano de 2013, os resultados destes estudos foram revisados pelos ATAls, junto com as comunidades participantes e em oficinas de atualização e avaliação dos resultados.

Para trazer os diferentes pontos de vistas das comunidades, o que abrangeu as pessoas mais experientes, os tuxauas (chefes), os capatazes, os professores, os pajés, os rezadores, os catequistas, as parteiras, os pastores, os agentes de saúde, os homens, as mulheres e os jovens, e incluiu os seus conhecimentos sobre agricultura, caça, pesca e sobre os recursos naturais de um modo geral – 16 ATAls, que vivem nas 14 comunidades indígenas situadas nas terras indígenas Jacamim, Malacacheta e Manoá-Pium – receberam treinamento em metodologias e técnicas de pesquisa social colaborativa.

Dentro da perspectiva de produção de autodiagnósticos socioambientais de seus territórios, a temática das mudanças do clima surgiu como eixo orientador. Em cada terra, uma equipe formada por, ao menos, um ATAl de cada comunidade, produziu um estudo de caso abordando as percepções locais dos moradores sobre o que tem sido caracterizado pelos discursos políticos e científicos como “mudanças climáticas”.

Metodologias colaborativas

Os sistemas de manejo dos recursos ambientais desenvolvidos pelos povos indígenas representam nichos de conhecimentos que começam a ser reconhecidos, valorizados e estimulados em diversas instâncias políticas. Nos últimos anos, o grupo de cientistas que integram o *The Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC) – responsável por fornecer informações científicas, técnicas e socioeconômicas relevantes para o entendimento das mudanças climáticas – vem, através de seus relatórios, chamando atenção para a importância dos conhecimentos locais para compreender os efeitos das mudanças climáticas, à escala regional, e como as comunidades absorvem tais mudanças, adaptando seus modos de vida e atividades produtivas tradicionais.

Na medida em que os povos indígenas têm seus estilos de vida essencialmente baseados no manejo de recursos naturais, suas práticas tradicionais de manejo ambiental fazem deles observadores meticolosos das mudanças ambientais e climáticas. Assim, os conhecimentos indígenas surgem, neste cenário, como bases valiosas para a compreensão deste fenômeno, em escalas regionais que podem prover e complementar as pesquisas científicas globais voltadas para este tema.

Contudo, apesar dos indicativos internacionais de valorização das contribuições dos conhecimentos indígenas para a compreensão e desenvolvimento de estratégias de adaptação às mudanças do clima, o IPCC também tem reconhecido as dificuldades de estabelecer a interlocução com os saberes destes povos. E isto se dá em razão da existência de barreiras de ordem política, sociocultural, linguística e epistemológica, que bloqueiam a visibilidade destas contribuições.

Diante destas dificuldades, a realização dos estudos de caso é uma contribuição neste sentido, de dar visibilidade aos entendimentos, às observações e avaliações dos moradores da região Serra da Lua.

Isto se dá em paralelo às transmissões de informações sobre o contexto de disputas e negociações globais sobre o tema das mudanças climáticas, realizadas através dos seminários temáticos.

Para trazer estes entendimentos locais sobre o fenômeno, ao invés de transferir pacotes

conceituais, procuramos colocar os desafios locais da gestão territorial e ambiental em primeiro plano, no desenvolvimento das atividades. Desse modo, seguimos o preceito da aprendizagem via pesquisa, criando espaço para que os ATAls e seus colaboradores construíssem uma compreensão do fenômeno, por meio da iconografia, da conversação e da reflexão sobre as informações disponíveis.

A concepção da proposta de estudos de casos através de pesquisas colaborativas foi elaborada de acordo com uma série de preceitos e fontes de informações que, atualmente, orientam as atividades de diálogo intercultural desenvolvidas na Amazônia brasileira, em especial relacionadas ao tema das mudanças climáticas com povos indígenas (COIAB 2009; IPAM 2010; FUNAI 2010; ISA/FOIRN 2010; IEB 2011). A partir dos suportes conceituais e metodológicos destas referências, a organização de informações pautou-se no processo histórico das relações entre os povos indígenas em Roraima, representados pelo CIR, e o Estado brasileiro, colocando em tela os processos de demarcação e os desafios atuais da gestão territorial e ambiental das terras indígenas na região Serra da Lua.

Uma das principais fontes de orientação dos estudos foi o conjunto de recomendações da Coordenação Geral de Monitoramento Territorial da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) quanto aos conteúdos e aos métodos a serem contemplados e utilizados em capacitações que abordem, pontual ou complementarmente, o contexto de

mudanças climáticas, povos indígenas e REDD no Brasil (FUNAI, 2010). Com base nestas recomendações, o processo foi estruturado com especial atenção:

- a) À leitura da própria realidade e cultura local;
- b) Ao estímulo ao diálogo entre as gerações;
- c) À valorização dos conhecimentos e das práticas tradicionais; e
- d) À formação dos ATAls como *pesquisadores locais* para o processo de conquista da autonomia que reflita em escolhas de adoção, ou não, de novas tecnologias, conhecimentos e atitudes.

Nesta linha, os estudos buscaram incentivar o caráter autoral indígena e o diálogo entre as comunidades por meio do uso de metodologias colaborativas que promovem a produção coletiva de conhecimentos compartilhados. Os ATAls que participaram da realização dos estudos de casos foram indicados por suas comunidades e foram constituídas equipes respeitando os critérios locais de autoridade que incluíram lideranças e professores. Estes atores tiveram um papel importante na promoção do diálogo intergeracional e de gênero sobre o tema.

A partir da coordenação geral por parte do Departamento de Gestão Territorial do CIR e da assessoria antropológica, durante o desenvolvimento do trabalho em cada uma das terras, os ATAls foram acompanhados de perto por lideranças locais. Junto a este acompanhamento sociopolítico, eles também contaram com a orientação pedagógica de professores indígenas que atuam em suas comunidades, além da colaboração dos especialistas em gestão ambiental e em Sistemas de Informações Georreferenciadas (SIG) e etnomapeamentos do CIR.

Em cada TI, as atividades do projeto foram desenvolvidas em uma média de quatro a seis meses. Em cada uma delas, o trabalho teve início com uma oficina de treinamento para os ATAls em métodos e técnicas de pesquisas participativas e, depois, o processo foi desenvolvido em quatro etapas. Durante todo o período, os ATAls

conduziram os estudos apresentando produtos mensais de cada etapa e, ao final do período programado, foram realizadas reuniões de apresentação dos resultados para as comunidades. Nestes momentos, a partir dos resultados encontrados, os participantes discutiram planos de adaptação e de enfrentamento às mudanças climáticas em cada contexto. Basicamente, os estudos percorreram o mesmo caminho, dividido em quatro passos:

O primeiro passo foi dado quando os ATAls realizaram reuniões de produção de mapeamentos de cada comunidade e a elaboração de um etnomapa de cada Terra Indígena. Nesta etapa, foram produzidos mapas mentais, ou livres, de cada microrregião de uso de cada localidade. Em seguida, foram produzidos mapeamentos apoiados na base cartográfica oficial da demarcação da Terra Indígena. Nestas reuniões, os ATAls contaram com a colaboração de um antropólogo, de um geógrafo, dos professores indígenas e do técnico em geoprocessamento e Sistema de Informações Georreferenciadas (SIG) do CIR, Genisvan André.³

Nestes mapas, produzidos em conjunto com as pessoas mais experientes, foram identificadas as principais áreas utilizadas para agricultura, caça, pesca e extrativismo. Nos mapas também foram registradas as ilhas de mata e as diferenças entre ecossistemas (lavrado, matas e balatais). Os desenhos destas paisagens revelaram-se importantes instrumentos de planejamento para as áreas que os moradores pensam em destinar à conservação em um plano de futuro. Além destas informações, os mapas também registraram as áreas ambientalmente mais frágeis, como aquelas situadas nos limites das Terras Indígenas e que estão próximas de assentamentos rurais, bem como os pontos que demandam vigilância por causa de invasões e subtrações de recursos naturais.

³ Em Jacamim, a oficina de etnomapeamento foi facilitada por mim (Alessandro) e por Genisvan, com apoio de professores indígenas da comunidade. O técnico em SIG do CIR colaborou em todas as demais oficinas. Na Malacacheta, as reuniões de mapeamento foram conduzidas pelos ATAls e pelas professoras indígenas Marineide Paulino de Almeida e Elizete Camilo de Almeida. Em Manoá-Pium, os mapeamentos foram conduzidos pelos ATAls e professores. Eles também contaram com a colaboração do geógrafo Lucas Lima do CEPPAC/UnB que desenvolveu pesquisa sobre as estratégias e feições territoriais dos moradores da terra indígena Manoá-Pium. Ver Lima (2013)

Na segunda etapa, os ATAlS trabalharam com as práticas tradicionais e os ciclos anuais e produziram os chamados “calendários ecológicos” de acordo com as percepções dos moradores de cada uma das comunidades que vivem nas terras indígenas. Os calendários apresentam graficamente como as comunidades percebem as mudanças no ambiente, entre as estações do ano, e como organizam suas práticas produtivas a partir de seus conhecimentos tradicionais. Nestes calendários, está codificado um conjunto variado de informações sobre os ciclos de vida de plantas e de animais, sobre as práticas tradicionais como a agricultura, a caça, a pesca e o extrativismo de frutos silvestres. Para a produção dos calendários ecológicos, os ATAlS conduziram oficinas em cada uma das comunidades e, depois, uma reunião integradora de todos os dados em um calendário unificado para cada Terra Indígena.

Na terceira etapa de atividades, os ATAlS realizaram entrevistas com as pessoas da comunidade e procuraram respostas para as seguintes perguntas:

Nos últimos vinte anos, as comunidades têm observado mudanças climáticas na Terra Indígena? O que os mais velhos têm falado? Como eles explicam o que está acontecendo?

Esse trabalho de entrevistas foi realizado com suporte do material de apoio e um roteiro de entrevistas semiestruturadas, disponibilizado e discutido durante as oficinas inaugurais. As entrevistas foram feitas com os senhores e senhoras mais experientes e também incluiu tuxauas, rezadores, catequistas, pastores,

capatazes, vaqueiros, professores, agentes de saúde, agricultores, parteiras e demais lideranças de cada comunidade. Cada um dos ATAlS escolheu, ao menos, cinco pessoas para realizar suas entrevistas, gerando um número de aproximadamente 70 entrevistados.

Incorporando a forma tradicional de pensar os temas coletivos, algumas entrevistas transformaram-se em rodas de conversa e trocas de impressões sobre o fenômeno. O resultado é um debate intercomunitário fortemente baseado nos conhecimentos tradicionais e nas formas de adaptação desenvolvidas pelas famílias indígenas. Este material foi registrado em vídeo e, no final da atividade, foi montado um pequeno filme sobre a experiência, editado pela assistente ambiental do CIR, Jéssica Maria, que também cuidou da recepção e ordenação de todo este material.

Durante todas estas etapas, os ATAlS utilizaram diferentes formas de registro e sistematização de informações. Todos mantiveram cadernos de campo, onde foram feitas anotações de entrevistas, reuniões e atividades culturais. Estas atividades e eventos também foram registrados em vídeos e fotografias. A maioria das entrevistas foi gravada em idioma Wapichana e/ou Macuxi e, depois, parte deste material foi traduzido para a língua portuguesa.

Finalmente, reunindo os mapeamentos, os calendários, as entrevistas e as anotações de campo, o quarto passo da pesquisa foi o momento em que cada equipe analisou, coletivamente, todo o material,

com os objetivos de: identificar os sinais dos impactos destas mudanças do clima, percebidos na produtividade agrícola; entender como estas mudanças interferem nas atividades de caça, pesca e coleta, portanto, na qualidade de vida da população das comunidades que vivem nas três terras. Estes resultados foram sistematizados em três relatórios individuais, enfocando o trabalho voltado para cada uma das TIs.

Já para a produção deste volume, um novo ciclo de atividades foi desenvolvido em 2013. Neste ano, os ATAls realizaram a revisão dos resultados de cada conjunto de produtos (calendários, mapas, entrevistas, cadernos de campo, relatórios) desenvolvidos localmente, em suas comunidades e, juntos, discutimos e construímos o formato da presente publicação em mais duas oficinas.

Uma vez reunidos em um novo formato, os estudos passaram por uma revisão final coletiva, quando também foi montado um plano regional de enfrentamento às mudanças climáticas que articula os planos locais e, assim, finalmente, chegamos ao material aqui apresentado. Portanto, esta publicação surge como um dos produtos gerados pela iniciativa.

É importante observar, por fim, que, tão ou mais valioso que o resultado materializado neste volume, foi o processo de diálogo comunitário propriamente dito, instaurado localmente pelos ATAls, nos contextos em que o tema em debate foi inserido. O sentimento compartilhado de valorização das pessoas que integram as comunidades e de seus

conhecimentos tradicionais foi um dos resultados intangíveis alcançados, o qual, sem dúvida, merece ser destacado.

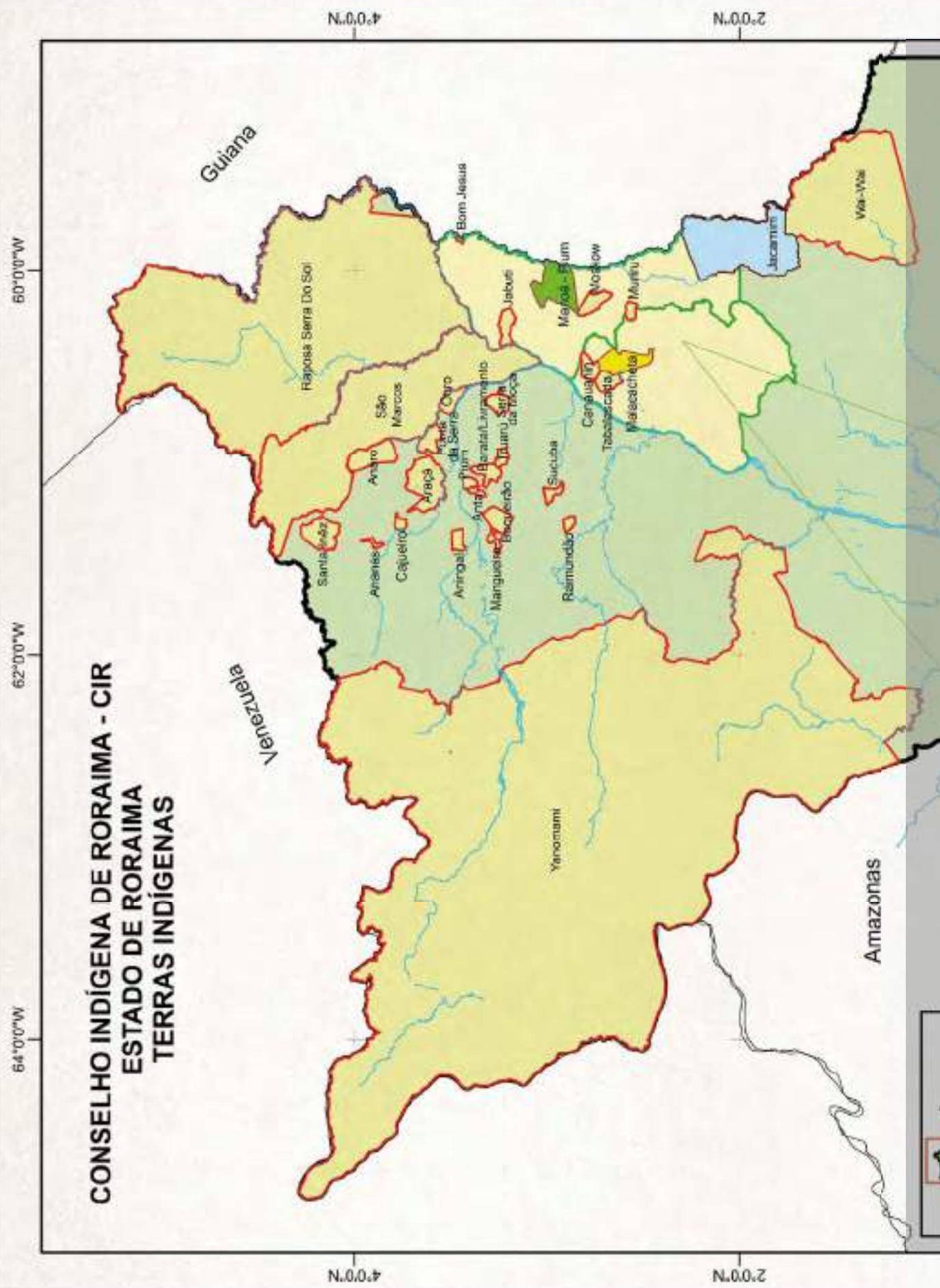
A organização do material (a seguir) reflete esta dinâmica. A primeira parte “*contexto socioambiental de nossas terras*” é uma apresentação de cada uma das comunidades e de cada Terra Indígena. A segunda parte “*Práticas tradicionais e ciclos anuais*” mostra como as atividades de agricultura, de caça, de pesca e extrativismo, através das quais as comunidades sustentam seus modos de vida, estão articuladas aos conhecimentos sobre os ciclos anuais do clima e a alternância entre as estações. A terceira parte, *Amazad Pana’adinhan*, traz as percepções das comunidades indígenas da região Serra da Lua sobre as mudanças climáticas.

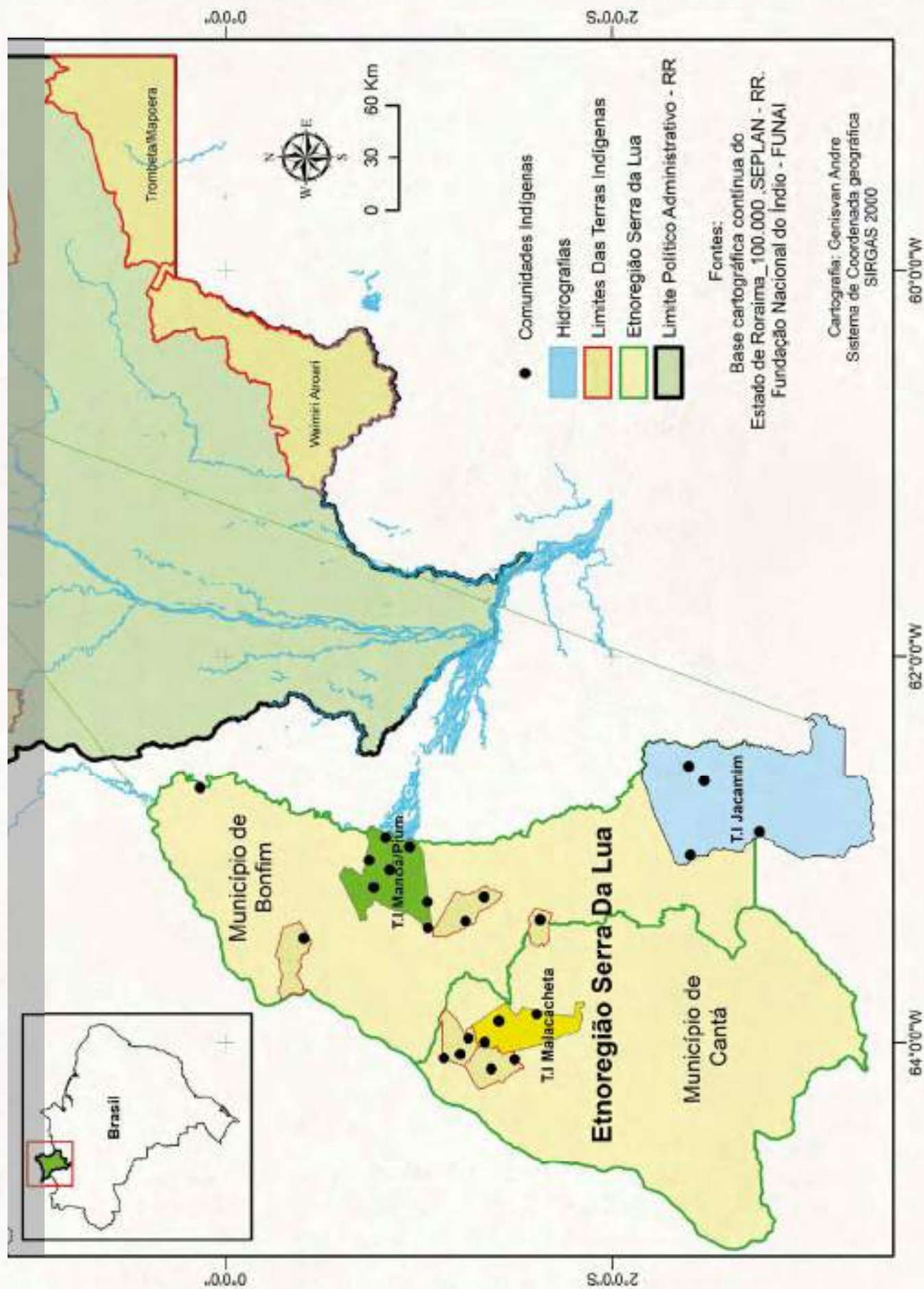
Nessa terceira parte, alguns dos entrevistados e entrevistadas durante os estudos refletem sobre como percebem estas mudanças do clima, trazendo memórias sobre eventos climáticos ocorridos nos últimos vinte anos e, principalmente, apresentam suas observações sobre as mudanças nas paisagens das matas, nas dinâmicas das águas, na vida dos animais e dos peixes, no comportamento das plantações e dos produtos naturais.

A quarta parte fecha a publicação com um “*Plano Regional de Enfrentamento às Mudanças Climáticas na Região Serra da Lua*” – que apresenta uma série de ações em curso e que devem ser fortalecidas para os próximos anos, bem como ações que os ATAls consideram importantes para serem colocadas em prática.



CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA - CIR ESTADO DE RORAIMA TERRAS INDÍGENAS





PARTE I

CONTEXTO SOCIOAMBIENTAL DAS NOSSAS TERRAS

MAPEAMENTOS



Territorialidade e Cartografia⁴

As demarcações das terras indígenas impõem uma nova maneira de lidar com o espaço. A criação de limites espaciais com a fixação de fronteiras transforma uma relação com o espaço, que, antes, era fluída, em algo enrijecido. Pensar as terras indígenas da Serra da Lua é lidar com esse novo cenário, onde a territorialidade indígena é confrontada com formas dissonantes das suas práticas tradicionais de interagir com o ambiente.

Cercada de fazendas, as pequenas “ilhas” protegidas possuem particularidades que devem ser encaradas caso a caso. E, isto, sem deixar de levar em conta que a territorialidade dos seus moradores não está isolada dentro desses limites, ela é forjada em intensas relações estabelecidas com o espaço fora da área demarcada.

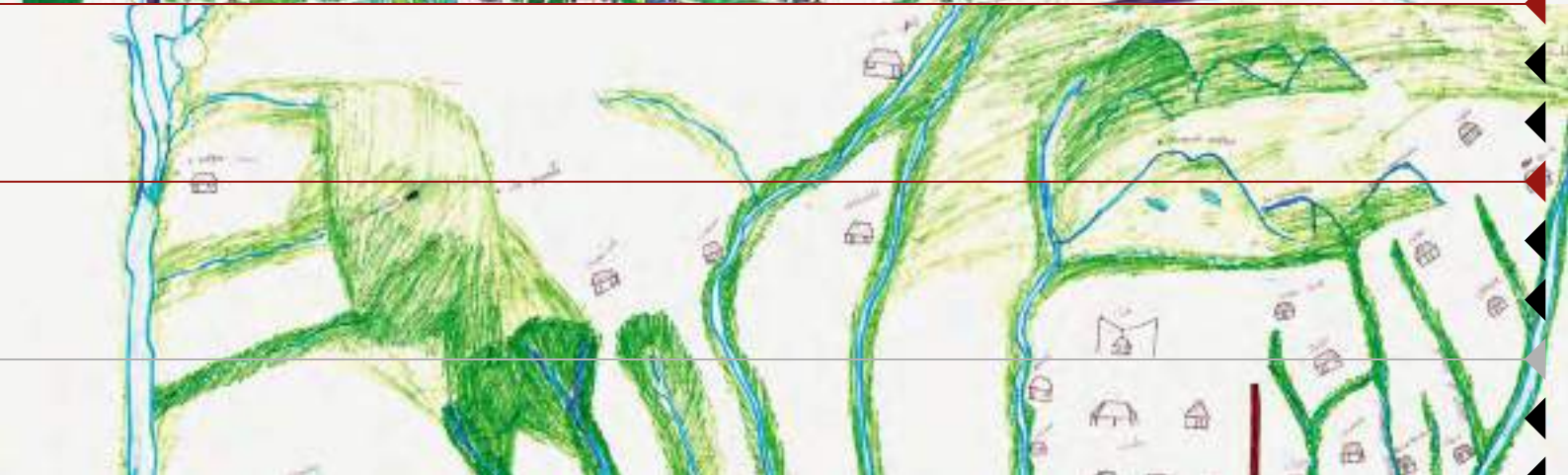
Uma forma de representar essas novas dinâmicas é a construção dos etnomapas, ferramentas importantes que muito contribuem para a compreensão desse novo cenário territorial. Os etnomapeamentos buscam conciliar a ciência cartográfica ocidental com os conhecimentos que os indígenas possuem do território. As informações são colhidas em oficinas onde os moradores constroem, com a ajuda das modernas tecnologias cartográficas, mapas que enunciam suas relações com o ambiente.

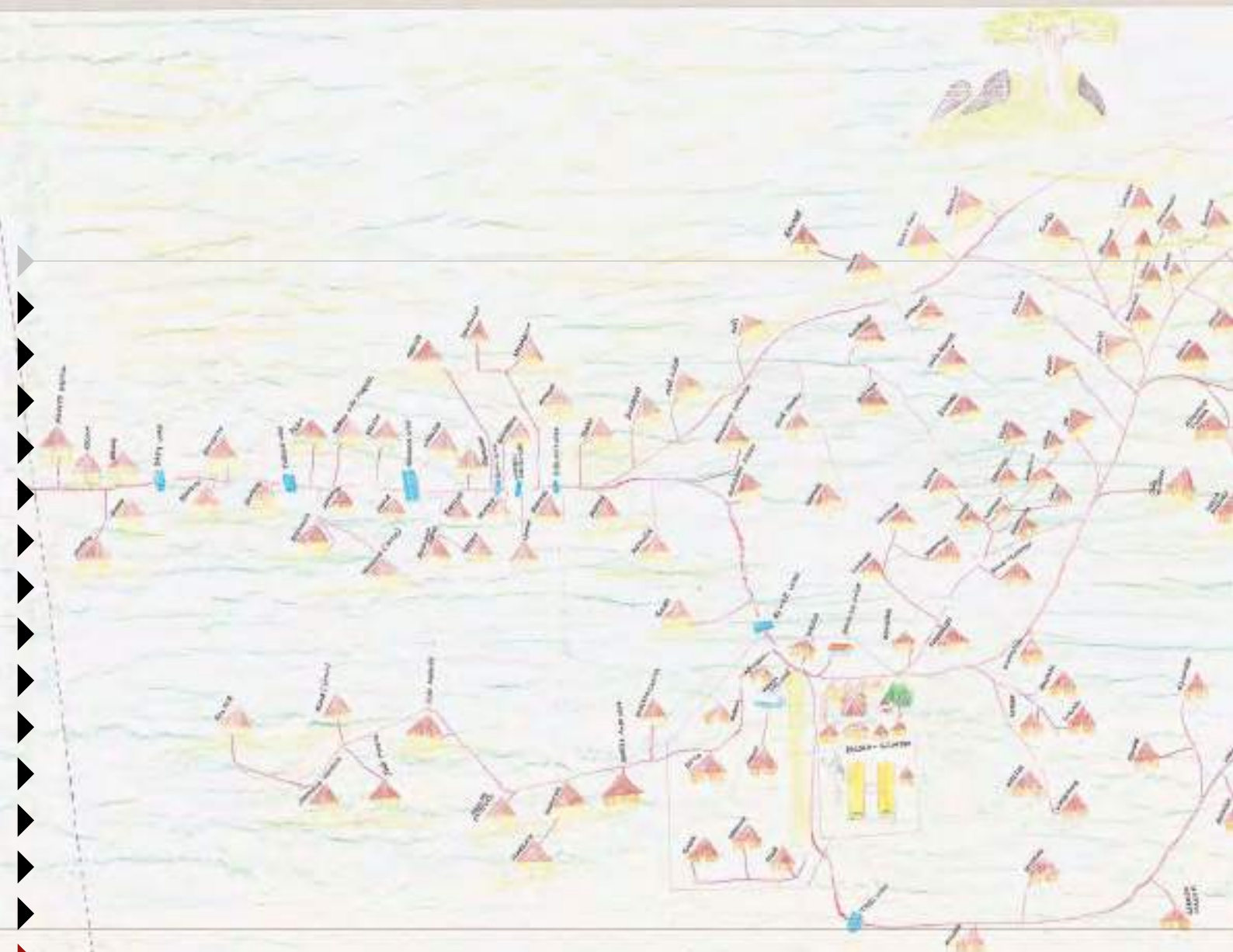
É importante ressaltar que o mapa não é o único produto das oficinas de etnomapeamento. Outro importante elemento é a própria realização das oficinas. Promovidas de forma participativa, estas refletem a visão dos moradores na construção do produto cartográfico que irá representar o local onde vivem os participantes da atividade.

O etnomapeamento é parte de um amplo processo de formação e debate, que sensibiliza as comunidades e instrumentaliza as suas demandas. Nesse sentido, a construção dos etnomapas deve ser vista como mais uma prática espacial aliada às outras ações territoriais. É, acima de tudo, um procedimento que contribui significativamente para o amplo processo de gestão territorial.

4 Lucas Pereira das Neves Souza Lima é Geógrafo e Mestre em Ciências Sociais/CEPPAC/UnB. Colaborou com a iniciativa nos trabalhos de etnomapeamento na TI Manoá-Pium.

[TI JACAMIM

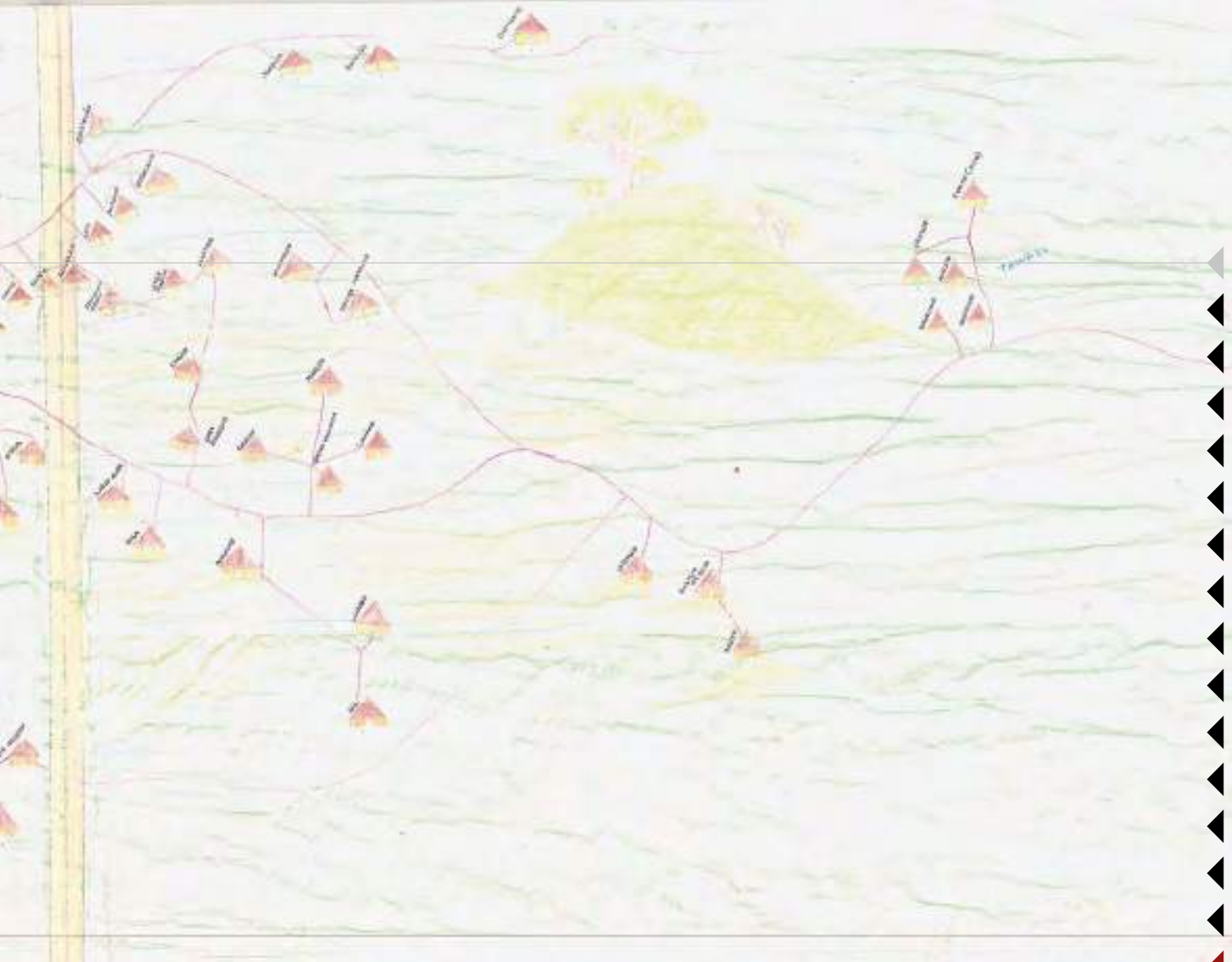




JACAMIM

A Terra indígena Jacamim está localizada na Região Serra da Lua, nos municípios de Bonfim e Caracaraí, no estado de Roraima, com superfície de cento e noventa e três mil, quatrocentos e noventa e três, cinquenta e seis e noventa e quatro hectares. Está situada na faixa de fronteira entre o Brasil e a República da Guiana, aproximadamente a 160 km da cidade de Boa Vista, capital do estado.

Na TI Jacamim, vivem quatro comunidades: Jacamim, Marupá, Wapum e Água Boa. Estas comunidades são compostas principalmente por famílias Wapichana e também integrantes



Macuxi, e Aturaius Jaricuna. O principal idioma utilizado no cotidiano é o Wapichana, mas a maioria das pessoas que vivem nestas quatro comunidades domina o português e também o inglês, em razão da proximidade e dos laços de parentesco com outras comunidades localizadas na Guiana. Atualmente, a população total que vive na TI Jacamim é de aproximadamente 1.400 pessoas.

O nome da terra e da comunidade indígena Jacamim foi dado porque, há muito tempo

atrás, foi encontrada uma onça chamada de *Namach*, ou Jacamim, em português. Ela vivia numa serra onde ninguém podia lavar as mãos, se estas estivessem sujas de pimenta, porque ela ficava logo valente e podia comer as pessoas, principalmente as mulheres menstruadas.⁵

5

Texto e mapeamento: Erivaldo Marcos da Silva e José Davi Manduca.



MARUPÁ



“Marupá” é o nome de uma árvore. A comunidade de “Marupá Velho”, fundada em 1968 por Braulino, um índio Wapichana, deu lugar à comunidade de “Marupá Novo”, a partir de 1978. Hoje, as 420 famílias (sendo que os pais de família são 66) se organizam através de reuniões realizadas na igreja. A comunidade também conta com uma escola.⁶

WAPUM

A comunidade indígena do Wapum fica localizada a 180 km da capital Boa Vista, na Terra Indígena Jacamim, localizada no município de Bonfim.

O primeiro morador da comunidade era chamado Bere, no ano de 1975. Neste tempo, existiam poucos moradores, mas agora já são 33, os pais de família; e a população é de 173 pessoas.

O nome da comunidade do Wapum coincide com o nome da serra onde está localizada (com 200 m de altura) e foi escolhido pelos primeiros moradores. Ninguém sabe exatamente o seu significado.

Segundo as histórias contadas tradicionalmente, existia um morcego que carregava as pessoas e as levava para serem devoradas no alto da serra.⁷







ÁGUA BOA

A comunidade Água Boa foi fundada em 1995.

Mas, antes, já existiam moradores no local. Segundo os que sabem contar como tudo começou, o primeiro a chegar chamava-se Bernardo da Silva Pereira. Com o passar do tempo, outros parentes foram se fixando, e foi aumentando o número de pessoas. Hoje, a comunidade conta com escola, igreja, posto de saúde, e abastecimento de água.

A população é formada, na sua maioria, por agricultores, que plantam milho, cana, feijão, melancia, jerimum, batata, banana, macaxeira, maniva, dentre outras plantas. Existe, ainda,

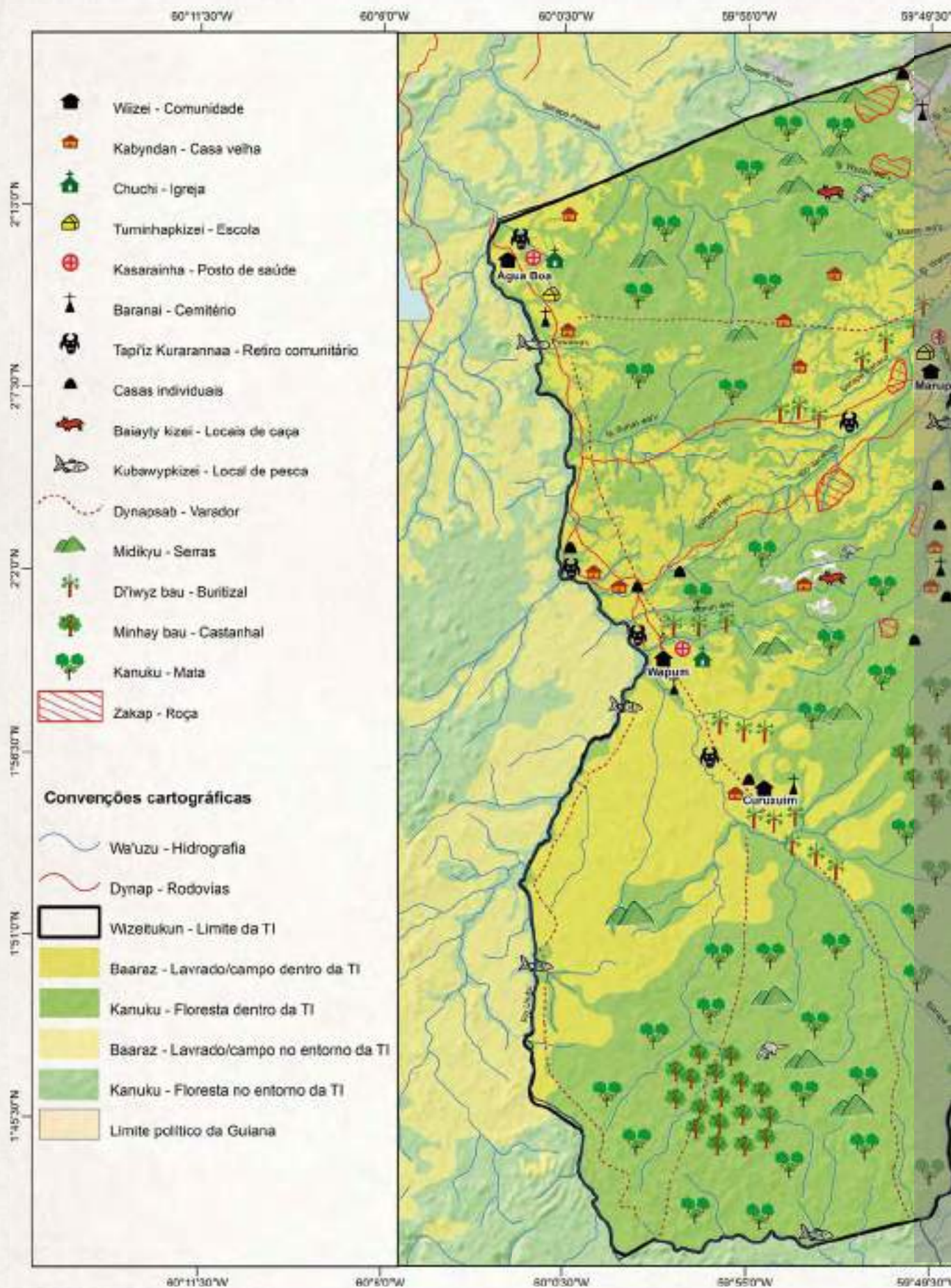


a criação de gado e, também, de galinha, de pato, de porco, e dos demais animais típicos da região.

Tem um igarapé bem próximo da comunidade, chamado Água Limpa. Este igarapé nunca seca no verão. Então, por isso, a comunidade foi denominada Água Boa.

Na população, integrada por 69 pessoas, 13 são pais de família. Além de um professor, atuam na comunidade um agente de saúde, um agente indígena sanitário (AISAN), um catequista, um Agente Territorial e Ambiental Indígena (ATAI), um tuxaua, o segundo tuxaua e três capatazes.⁸

ETNOMAPEAMENTO DA TERRA INDÍGENA JACAMIM - REGIÃO SERRA DA LUA





LOCALIZAÇÃO: ESTADO DE RORAIMA



CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA - CIR ETNOMAPEAMENTO DA TERRA INDÍGENA JACAMIM - REGIÃO SERRA DA LUA POVO WAPICHANA

Fonte:
Informações das comunidades indígenas.
Conselho Indígena de Roraima - CIR
Base cartográfica: Base contínua do
Estado de Roraima, 100.000, SEPLAN-RR,
Fundação Nacional do Índio, FUNAI

Cartografia: Genisvan André
SCG - SIRGAS 2000

Analizando o mapa

O trabalho de mapeamento na Terra Indígena Jacamim representa, com detalhes, as estradas, os limites, os rios, as comunidades que estão dentro da TI.

São mostradas, ainda, as casas velhas, onde moravam os primeiros habitantes, os avós da atual geração de integrantes da comunidade. Nos mapas, uma cabeça de boi indica a localização dos retiros das comunidades. Também estão sinalizados os cemitérios onde foram enterrados nossos parentes.

Nas quatro comunidades, como está apresentado, existem postos de saúde, escolas municipais e estaduais, igrejas e pistas de pouso para o acesso dos técnicos que trabalham na área da saúde.

As serras ganham destaque. Entre estas, a Serra do **Aykuy**, onde aconteceu uma guerra histórica.

Na Terra Indígena Jacamim existem muitos varadouros, que são usados para caçar e verificar os limites da área. As comunidades fazem a renovação dos limites todos os anos, realizando a limpeza duas vezes por ano.

Através das estradas, muitos “marreteiros” – como são chamados – entram na área para vender diversos produtos, como peixes e cestas básicas. O problema é que



existem denúncias de que alguns estão explorando as comunidades.

Existem registros, ainda, da passagem de muitos garimpeiros pelas comunidades. Alguns rios e igarapés estão sendo poluídos pelos garimpeiros do lado da Guiana. Eles estão trabalhando no igarapé do Camaleão. Isso tem sujado a água com óleo e mercúrio e os peixes dos rios estão morrendo. O garimpo tem prejudicado não só as comunidades de Jacamim, mas também as que ficam do outro lado da fronteira. Além dos problemas ambientais, o garimpo traz muita insegurança para as comunidades.



A comunidade tem feito o manejo do campo e da parte de mata dentro da área, além do controle do desmatamento. As pessoas da comunidade têm o controle das derrubadas para deixar a mata crescer. O castanhal, que é importante para todos os moradores da comunidade, está representado com destaque.



Os moradores das comunidades esperam realizar o projeto de castanha dentro do Plano de Gestão Territorial e Ambiental.

Um ponto considerado positivo é que as queimadas descontroladas, que acabavam com os buritizais, estão diminuindo.

[TI MALACACHETA

CENTRO

A Terra Indígena Malacacheta encontra-se a 37 km, em direção sudeste de Boa Vista, capital do Estado. A comunidade Malacacheta tem uma área de 28.631 hectares. Limita-se, ao norte, com a TI Tabalascada, Canaúanim e com as plantações de acácia.

A língua predominante é a língua portuguesa. Em seguida, vem o Wapichana, o inglês, e o Macuxi.

Há muito tempo atrás, às margens do rio **Quitauaú** foi encontrado, pelos primeiros moradores da comunidade, um minério chamado malacacheta. Os moradores não tinham conhecimento sobre o nome desse minério, e, então, foi quando um não índio falou aos moradores que aquele minério chamava-se malacacheta. A partir dessa época, deu-se o nome Malacacheta à comunidade. No entanto, apesar de, na língua Wapichana, ser chamada **Pyrat dik**, até hoje, é conhecida como TI Malacacheta.

De acordo com a contagem feita, no ano de 2013, pela equipe de agentes de saúde, na comunidade Malacacheta vivem 220 famílias, com a população de aproximadamente 1.060 habitantes, contabilizando-se o Centro e os bairros de Bacabal e Jacaminzinho.

O centro da comunidade localiza-se em um terreno plano, relativamente alto. Existem, no local, escola, igrejas católicas e evangélicas, barracões de reunião, além das casas familiares. As casas são construídas em estilo indígena, com adobe e palha, mas algumas também são de alvenaria.

O desmatamento é feito de forma controlada, pois os moradores só o fazem na época de preparar a roça para o plantio de produtos agrícolas como mandioca, milho, macaxeira, cará, batata, arroz, feijão e pimenta.

Estes produtos são usados para a subsistência do povo Wapichana, bem como outros produtos encontrados na mata, como a bacaba, o açaí e o tucumã, que servem para o consumo e a comercialização. Uma estrada atravessa as três comunidades. Existe uma linha de transmissão de energia elétrica.

Na escola, a maioria dos alunos não falam a língua Wapichana, devido à proximidade da cidade de Boa Vista e aos impactos dos meios de comunicação como televisão, rádio, entre outros.

Por isso, é uma preocupação das lideranças locais que todos os habitantes possam se



organizar para reivindicar a implantação do centro de formação de professores bilíngues (que também falem as línguas Macuxi e Wapichana).

A comunidade Malacacheta conta, ainda, com duas equipes de saúde que atendem aos moradores. No campo da educação, foi criada a Associação de Pais e Mestres (APM). As reuniões são feitas sempre no primeiro dia de cada mês. O transporte tem um caminhão e um trator.⁹

BACABAL

A comunidade Bacabal fica localizada aproximadamente a 7 km de distância ao norte do centro. No nosso bairro, a maioria das 21 famílias são Wapichana e a população é de 113 moradores entre crianças, jovens e adultos.

Segundo um morador do Bacabal, o Sr. José Eloi Pereira, de 41 anos de idade, quando eles caçavam com seus companheiros eles chegavam na estrada que passa por dentro da nossa área. Nessa região tinha muita bacaba, algumas de porte alto e outras de porte baixo, que davam frutas em cachos e as frutas são bem redondinhas, gordurosas e saborosas.

Os pássaros como: arancuan, jacú, cujubim, mutum, jacamim, comem destras frutas e nós também, humanos, gostamos de tomar o vinho.

Antigamente, era farto de caças e peixes. Mas quando nós íamos caçar e não encontrávamos nada, nós tirávamos a envira e amarrávamos nas nossas pernas e amarrávamos também o facão na nossa cintura e subíamos para cortar bacaba. Nós botávamos no ombro e levávamos para casa. Chegávamos em casa e entregávamos para nossas esposas e elas faziam o vinho.

Portanto, assim que era chamada essa área de bacabal, porque tinha muita bacaba.¹⁰

10 Texto e mapeamento: Ronaldo Paulino de Souza.

ÁREA DO BAIRRO BACABAL COMPONENTE RONALDO

- LEGENDA**
-  MATÁ VIRGEM
 -  ÁREA DE ROÇA
 -  ÁREA DE PESCA
 -  ÁREA DE MADEIRAS
 -  ÁREA DE BACABAS
 -  ESTRADA
 -  IGARAPÉ
 -  SERRA



JACAMINZINHO

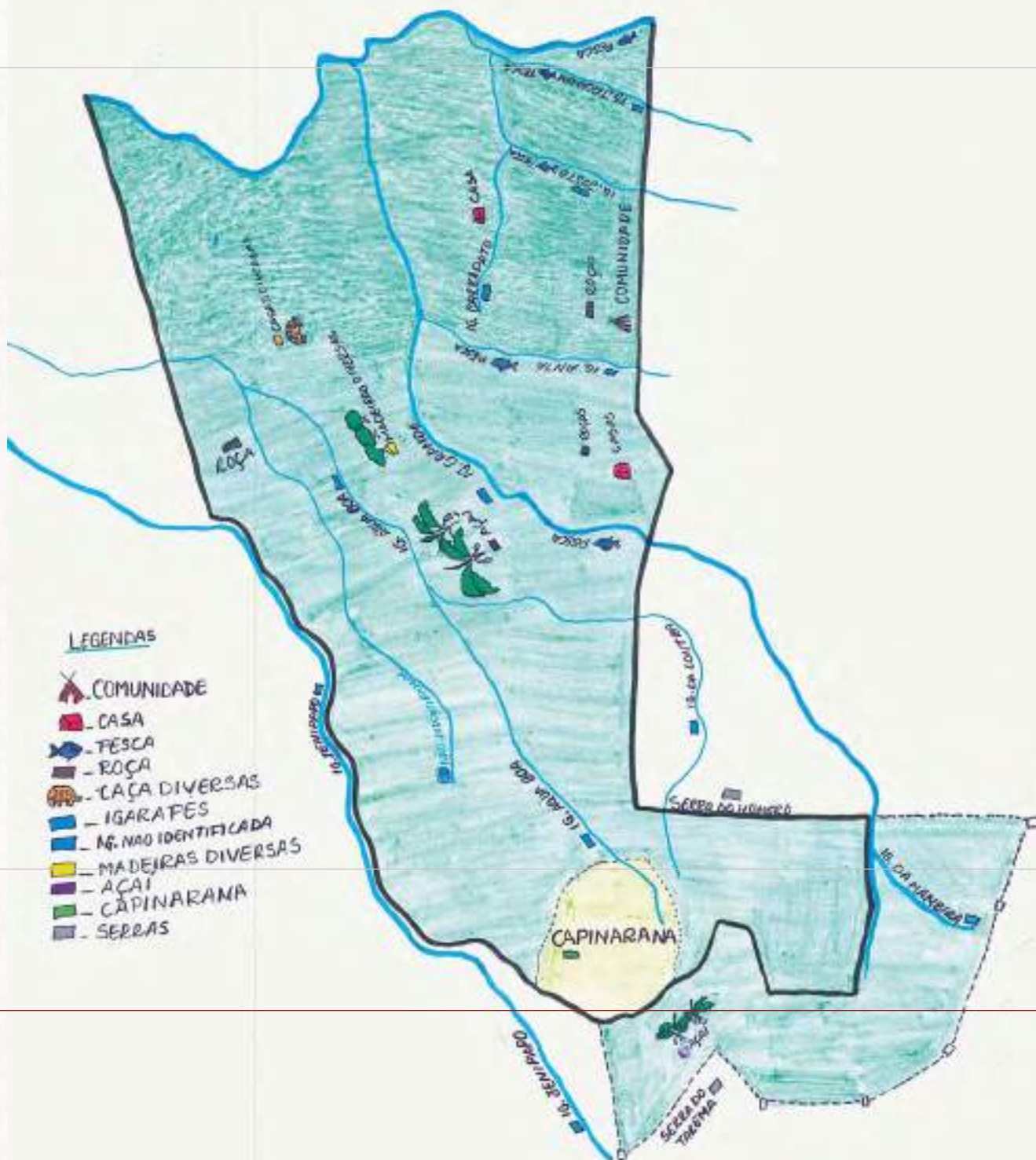
A comunidade Jacaminzinho fica localizada ao leste do centro da comunidade Malacacheta, onde a maioria é da etnia Wapichana e da mesma localidade da TI.

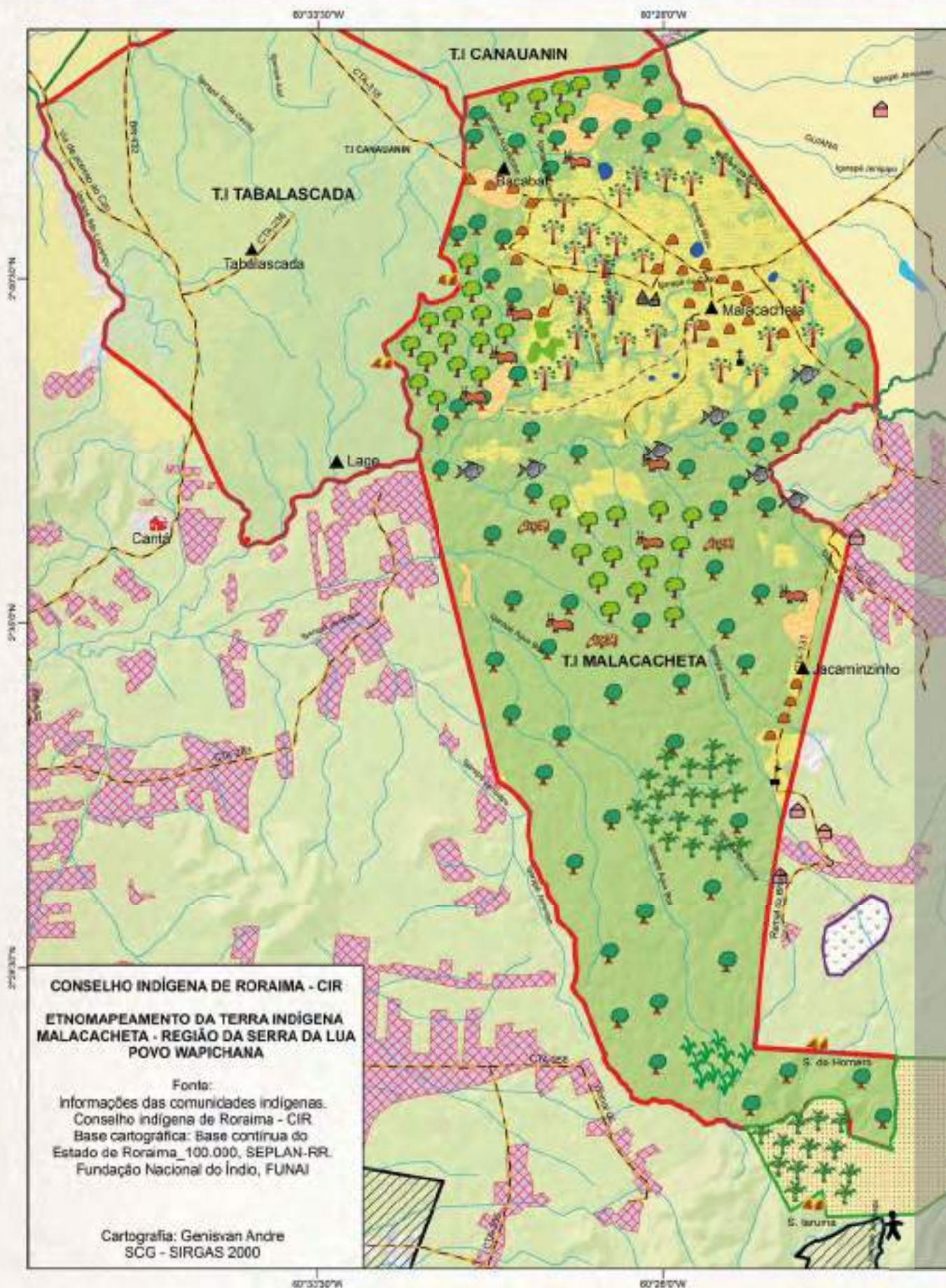
São 24 famílias e a população total é de 107 moradores, crianças, jovens e adultos, professores e lideranças locais.

Segundo o morador da comunidade, o Sr. Carlos Alberto da Silva, filho do Sr. Edgar e da Sra. Ângela, (os dois primeiros moradores da comunidade da Malacacheta que fundaram Jacaminzinho), falou que quando seu pai caçava com seus companheiros chegavam na beira de um dos rios que fica dentro da área, tinha muito Jacamim, um pássaro de penas cinzentas e que na língua materna é chamada **Namach**.

Esse pássaro era muito bravo na época, porque não tinha contato com o ser humano e até hoje o Namach não é facilmente criado pelas comunidades na TI Malacacheta. Como já existia a comunidade de Jacamim, desde esse tempo a localidade recebeu esse nome de Jacaminzinho.¹¹

11 Texto e mapeamento Venicio Augusto Vicente







ETNOMAPEAMENTO DA TERRA INDÍGENA MALACACHETA

LOCALIZAÇÃO: ESTADO DE RORAIMA



- | | |
|--|---|
| ▲ Wízel - Comunidade | 🏠 Cidades/municípios |
| 🏠 Kabayrnau - Moradias | 🏠 Tapi'iz kuparan dapnaa karsine idiwei - Fazenda |
| 🏞️ Midiky - Serra | 👤 Amazad kazitakau - Invasão |
| 🕒 Amad Kadura'u - Local sagrado | 🌿 Área da plantação de acácia |
| 🐟 Kubauwypkary - Locais de pesca | 🏠 Projeto de assentamento |
| 🐾 Amazad tiwepkizei - Locais de caça | 🏠 Área de fazendas e vicinais |
| 🪦 Beranei - Cemitério | 🏠 Pasto introduzido |
| 🏠 Escola antiga | 🌊 Kupay dapnaa - Açude |
| 🏠 Tapi'iz kuraran dapnaa - Retiro | |
| 🌿 Amazad ketunery Inpen - Campinarana | |
| 🛤️ Puna - Caminho | |
| 🌳 Di'wyz bau - Buritizal | |
| 🌳 Wab bau - Açacizal | |
| 🌳 Madeira diversas - Atamyn ba'u | |
| 🌳 Karuku - Mata | |
| 🌳 Amazad tybarikau - Área de ampliação | |
| 🌊 Karixi - Lago | |
| 🏠 Zakap Wíiz - Área de Roça | |
| 🌳 Katunary - Ilha de mata | |
- Bases cartográficas:**
- | |
|--------------------------------------|
| — Ta'skut, wauz - Hidrografia |
| — Dynapdaru - Rodovias |
| 🏠 Pyratdik - Terra indígena |
| 🌳 Katuku - Floresta dentro da TI |
| 🌳 Baeraz - Lavrado dentro da TI |
| 🌳 Katuku - Floresta no entorno da TI |
| 🌳 Baeraz - Lavrado no entorno da TI |

Analizando o mapa

O mapeamento mostra a situação atual da nossa terra Malacacheta. No mapa, as estradas que passam dentro da área estão destacadas em amarelo.

Em azul, estão marcados os rios, igarapés e lagos. São poucos os lagos existentes dentro da área, mas, quando enchem, dão muitos peixes.

As serras estão indicadas em alaranjado. Com pontos vermelhos, foram sinalizadas as áreas onde se encontra madeira. E de marrom, as áreas de roças.

As áreas de mata virgem, que nunca foi derrubada, estão destacadas com a cor verde. Enquanto as áreas de pesca foram marcadas com desenhos de peixes. Os campos de buritizais estão em azul escuro. E o símbolo de uma árvore indica as áreas de capoeira.

Podem ser localizadas, ainda, as fazendas que estão situadas ao redor das TIs, além das áreas de acácias, bem próximas. Localizamos os pastos que estão perto dos grandes açudes. Os agrotóxicos usados nos açudes

poluem as cabeceiras dos rios que passam dentro da área da comunidade. Quanto aos pontos em que estão acontecendo invasões, também estão mapeados.

Assim como as casas da comunidade, os cemitérios e as áreas sagradas.

O mapa mostra problemas como o desmatamento nas nascentes e poluições. E inclui as áreas preservadas de lavrado, os buritizais, as madeiras e as plantas nativas.

Muitas áreas preservadas estão sendo invadidas por queimadas, provocando extinção de algumas plantas.

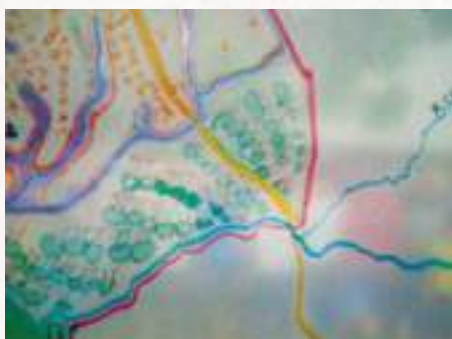
Antes, havia uma grande variedade de espécies que podiam ser destinadas para a caça e a pesca. Colocamos antas e veados para situar as áreas de caça, e em cor violeta, registramos os pontos de açaizal. Algumas dessas espécies estão desaparecendo, devido ao crescimento da população e aumento das queimadas e desmatamentos, que ocorrem nas áreas que fazem limites com a área da comunidade.

Vivemos em uma terra demarcada e homologada. Junto com as lideranças, fazemos reuniões mensais para discutir a situação dos moradores dentro da comunidade.

As estradas estão precárias e precisam melhorar. As beiras das estradas que entram na área estão com muito lixo, que é jogado pelas pessoas que veem da cidade.



Essa é uma área de mata virgem da região que ainda é rica em caça e tem muita madeira. É uma área de preservação da comunidade.

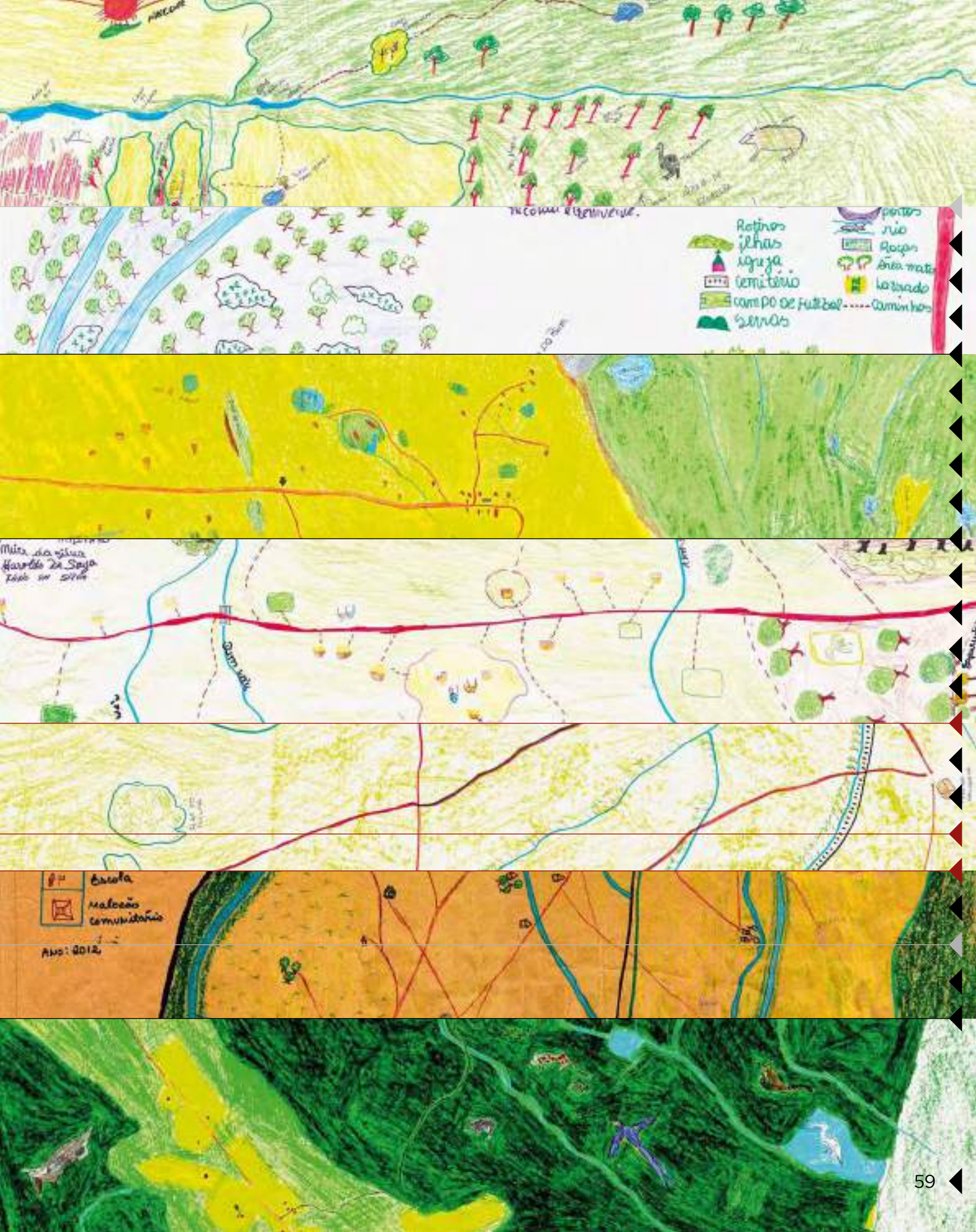


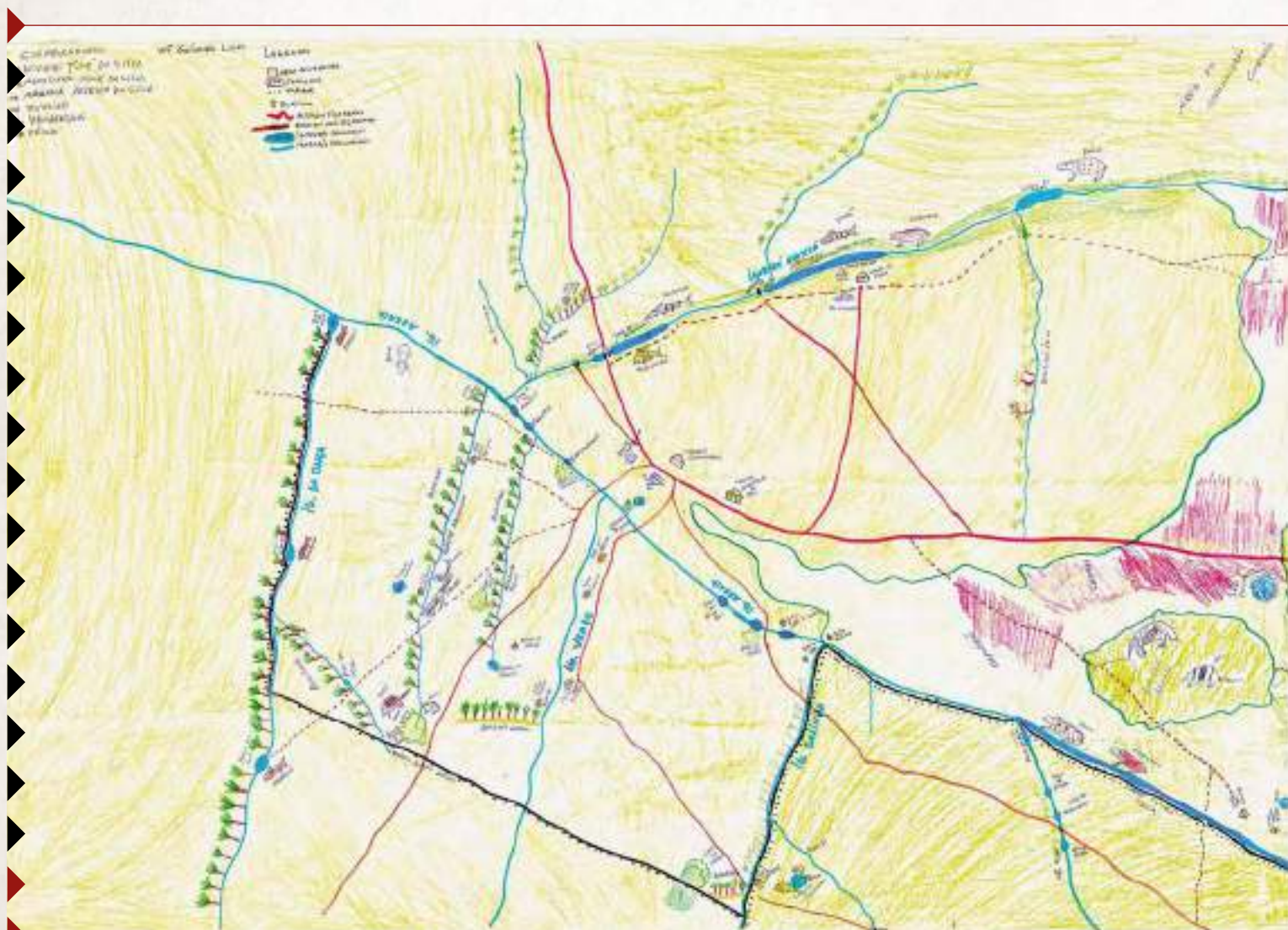
Essa é uma área onde os rios Quitauau e Capivara se encontram. As nascentes não estão dentro da comunidade. Do lado de fora, as fazendas despejam venenos nos rios. Quando o rio enche, tudo passa para dentro da comunidade. Isso prejudica nossa comunidade porque a água fica poluída.



Essa é uma área de muitos buritizais. Hoje, muitas casas usam telhas. Esta é uma área que é foco de incêndio na época das secas, o que prejudica os buritizais.

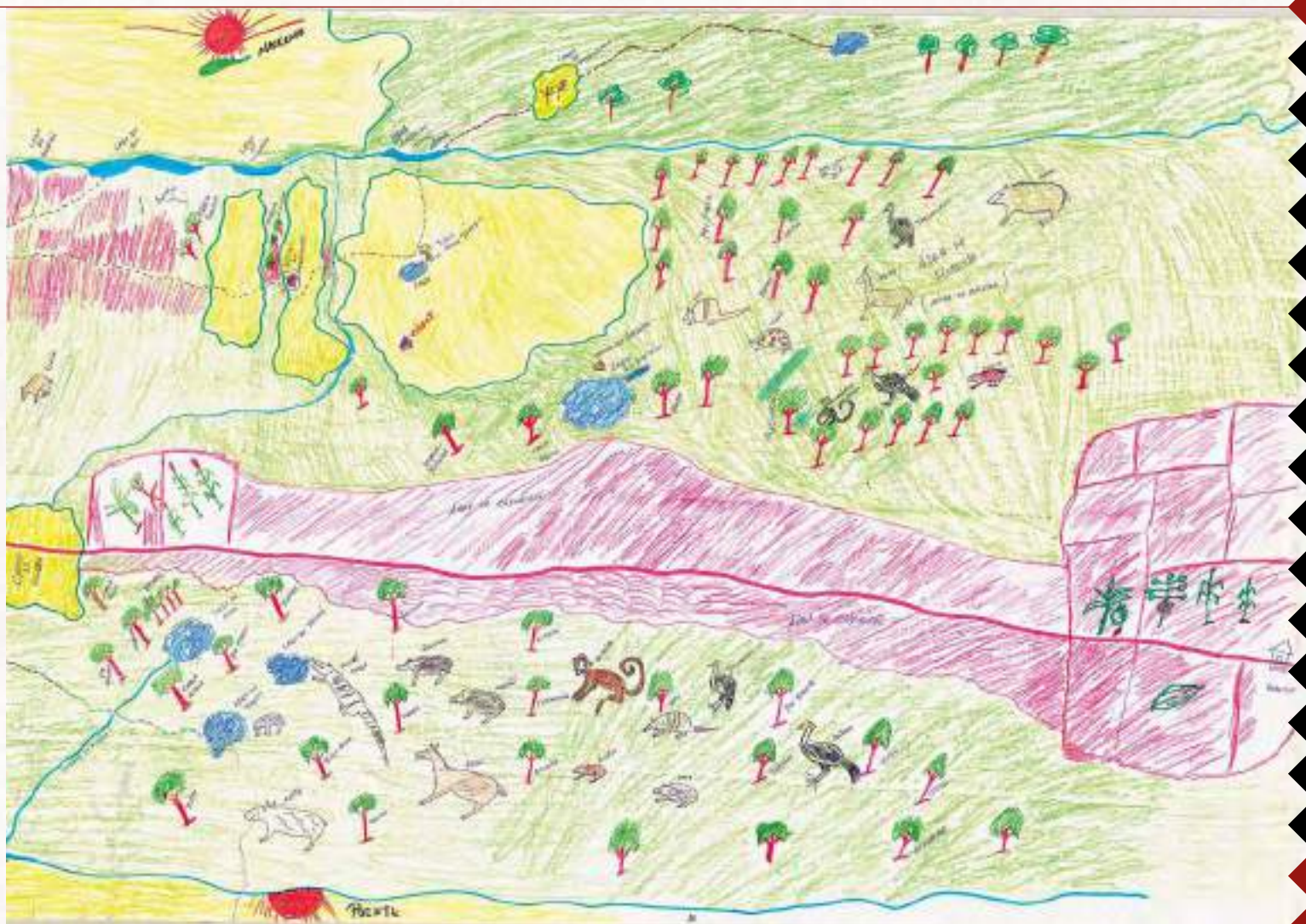
TI MANOÁ-PIUM





MANOÁ

A comunidade Manoá está localizada ao leste do Estado de Roraima, a aproximadamente 93 km de distância da capital Boa Vista, no município de Bonfim. O lago do Manoá e o igarapé Arraia, que atravessam a



área, são de extrema importância. É por causa deste lago que a comunidade tem esse nome.

Em 1903, já existiam moradores na comunidade e, em 1910, chegaram as primeiras pessoas de outra comunidade,

segundo o pesquisador Ermano Stradelli. Em 1940, foi escolhido o primeiro representante da comunidade, chamado de Tapayuna da tribo Macuxi. Mas só entre 1965 a 1967, foi nomeado o primeiro tuxaua, que passou a fazer valer a sua autoridade e

representatividade de liderança na comunidade. Como tuxaua, o Sr. Macuxi Angelico começou a promover a união, a organização, a luta dos povos, pelo direito à terra e à vida.

A Terra Indígena Manoá-Pium foi demarcada entre 1967 e 1979, durante a liderança do tuxaua Constantino Trindade, também Macuxi.

Em 1982, no dia 7 de fevereiro, foi reconhecida e homologada a liderança do tuxaua Enedino João da Silva (Macuxi). Seu mandato foi de 1981 a 1983. A terra foi demarcada com uma área de 43.336,7308 hectares, com perímetro de 112 km e 780 m, com uma população de aproximadamente 200 pessoas.

Hoje, a comunidade Manoá tem 193 famílias e uma população de 1.087 pessoas. A maioria da população vive da agricultura, principalmente do plantio e da colheita de produção de farinha. Por isso, desde setembro de 1998, a comunidade realiza a tradicional festa da farinha, em homenagem a quantidade e qualidade da farinha, e, também, dos derivados da mandioca, tais como: goma, tapioca, tucupi. A festa é realizada todos os anos.

Diante dos dados obtidos, não houve consenso entre os entrevistados com relação à justificativa do nome Manoá. A realidade étnica da maloca, entre Wapichana e Macuxi, um grupo Aruaque, outro Karib, revela o encontro entre os dois universos, duas culturas, duas línguas e, conseqüentemente, versões distintas sobre a motivação e a origem do topônimo.

Conta-se, na versão do índio Wapichana, que, antigamente, o nome da maloca chamava-se *Mana wa'u*, que na língua Wapichana significa “lago perigoso”. Por outro lado, os Macuxi, que eram a

maioria, ao pronunciar “*mana wa’u*”, falavam “*mana wa*”, de acordo com o morador e professor Geraldo Douglas, índio Wapichana.

Já para os Macuxi, na maloca, existia muito arumã na beira dos igarapés, e, por isso, várias pessoas vinham de outra maloca em busca da planta na comunidade. O Arumã, na língua Macuxi, chama-se “*mana*”. Como houve o encontro entre duas culturas e duas línguas, isto resultou no encontro do prefixo mana, e, daí, considerou-se o wa’u. Em Macuxi, a tradução seria Mana (Macuxi) Wa’u (Wapichana), lago (Wapichana) do Arumã (Macuxi).

Diz o morador Faustino da Silva, do povo Macuxi, que, então, se pronunciou “*Manawa*”. Com o tempo, sofreu alterações com a entrada de missionários que também se pronunciava “*manaua*”, a “*manoá*”, nome bíblico. Hoje, o nome da comunidade chama-se Manaua ou Manoá. Os dois estão corretos para registrar em documentos, pesquisas e outros fins.

Hoje a comunidade continua realizando a sua organização como antes. Fazem eleições para escolher novas lideranças para o cargo de tuxaua. Na comunidade não existe hierarquia, e, sim, coletividade. O tuxaua representa o povo diante e mediante as autoridades competentes.¹²

12 Texto e mapeamento: Hécio Rodrigues Viriato

PIUM

A comunidade do Pium foi formada, inicialmente, com oito pais de família. Essas famílias viviam bem, um ajudando o outro, não havia briga e todos trabalhavam juntos, alegres e unidos. Naquela época, não existia estrada, só existia um caminho, mas agora existe uma boa estrada para as pessoas da comunidade que podem viajar de ônibus. Já existe transporte para eles levarem seus produtos para a cidade.

Também, naquele tempo, havia muita caça e pesca para essas famílias, os pais caçavam com flecha e pescavam de linha, não tinham malhadores, naquele tempo, eles pescavam só de linha. Naquele tempo, as caças andavam perto das casas das pessoas, as pessoas não iam longe para caçar; as caças eram tatu, caititu, queixada, jabuti, paca, cutia...

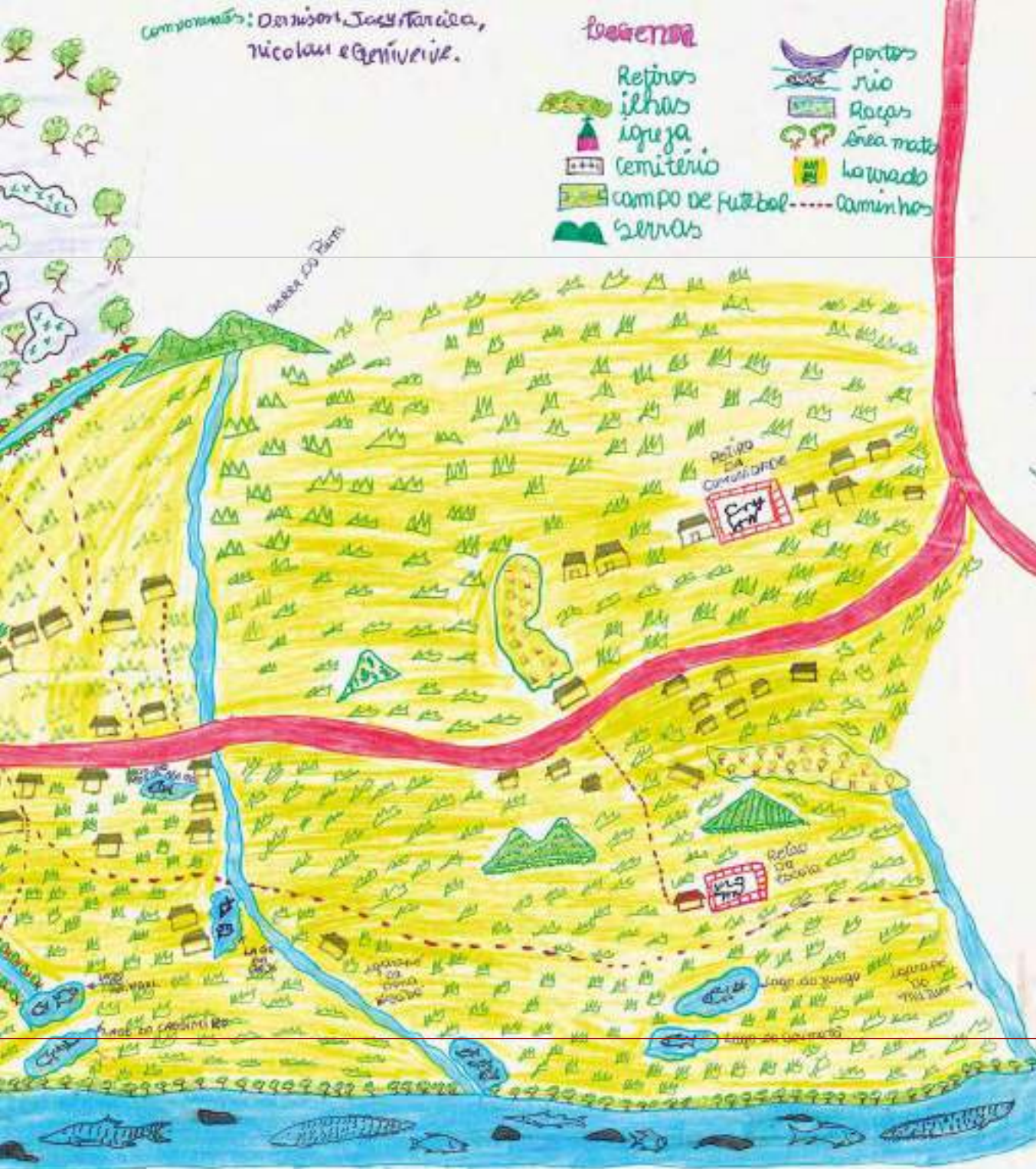
Nesse tempo, também não havia escola para as crianças estudarem. Quando a população foi aumentando, a escola surgiu. Também não tinha professor para dar aula para as crianças.

Depois de alguns anos, os pais de família construíram a escola de palha, e tinha aulas da 1ª à 4ª série. Eram poucos alunos, e não existia ensino médio, como agora. Hoje em dia, a comunidade tem duas escolas, uma do governo estadual e outra do municipal. São muitos alunos e muitos professores.

O nome da comunidade é **Mariwyd**. Foi o primeiro morador da comunidade que



Ihe atribuiu o nome de Pium. Ele escolheu esse nome porque tem muito daquele mosquito pequeno, chamado pium no local. Existia pium no inverno e no verão, quando eles chegaram. Agora, eles são em menor quantidade. Existia tanto pium naquela serra, que, hoje em dia, os moradores da comunidade a chamam de Serra do Pium.



Vou comentar um pouco sobre a população atual da comunidade. Agora, a população é de 637 pessoas e são 137 pais de família.

peixes suficientes para a comunidade. Tem pessoas que vão longe à procura de alimentação para sua família.¹³

O tempo de caça e de pesca não é mais como era antes, porque aumentou a população. Já existem malhadores para a comunidade pegar peixe. Hoje em dia, não tem mais

CUMARU

A comunidade Cumaru é filha do Manoá. O nome da comunidade é Kumaruwa (Macuxi). O nome se deve à existência de um lago próximo à comunidade e lá existem muitas árvores com esse nome. É uma árvore frondosa, que também é medicinal. Suas sementes, cascas e raízes servem como remédio caseiro.

A população atual da comunidade, em 2012, é de 200 moradores, incluindo-se 46 pais de família, sendo que todos são Macuxi.

No ano de 1970, chegaram ao local duas famílias, oriundas da Guiana Inglesa, mas que já moravam há alguns anos aqui no Brasil. Essas famílias são: o Sr. Damásio Bernardo e Isaura Bernardo da Silva e os filhos; o Sr. Francisco Caetano e Paulina Thomas e seus três filhos eram os primeiros moradores indígenas.

Quando estas duas famílias chegaram, já havia uma fazenda velha, na qual morou, por muitos anos, um senhor chamado Zito Trajano. Antes deste, morou outro senhor chamado Caxias, dono da fazenda Caxias, que existiu na década de 1960 e, na qual, havia um retiro com muito gado.

As duas famílias adentraram a mata para fazer suas roças e os fazendeiros disseram para os índios não plantarem espécies

frutíferas, para não situarem a área. Eles permitiam somente plantar e colher a roça, para que ninguém se fixasse no lugar.

Entre 1980 e 1981, o fazendeiro resolveu retirar o gado e transferi-lo para outro local. A comunidade foi crescendo. Ainda não tinha tuxaua, tinha somente o capataz. A comunidade era comandada pelo tuxaua do Manoá. Reuniões e cultos dominicais eram realizados no Manoá. Devido às dificuldades para transportar tudo o que era necessário, principalmente no inverno, a população resolveu nomear um tuxaua para a comunidade. Em 1991, foi eleito o primeiro tuxaua do Cumaru, o Sr. Norberto Bernardo da Silva, formando, assim, uma comunidade com seu tuxaua.

Neste mesmo ano, foi fundada a primeira escola, construída pela comunidade com uma cobertura de palha e parede de adobe de barro batido. Em 1992, foram iniciadas as primeiras aulas com 21 alunos.

Todos os moradores são do povo Macuxi. E, assim, continuam vivendo; trabalhando; traçando planos e projetos. Após longa caminhada de muitos trabalhos, lutas e conquistas almeçadas, continuam lutando pela sobrevivência na comunidade. Com alguns parceiros, ainda resistem. E como diz “Makunaima”: “resistimos até o último índio”. Assim, os líderes procuram desempenhar um trabalho de qualidade nas terras indígenas, sendo guardiões e fiscalizadores.¹⁴

CACHOEIRINHA DO SAPO

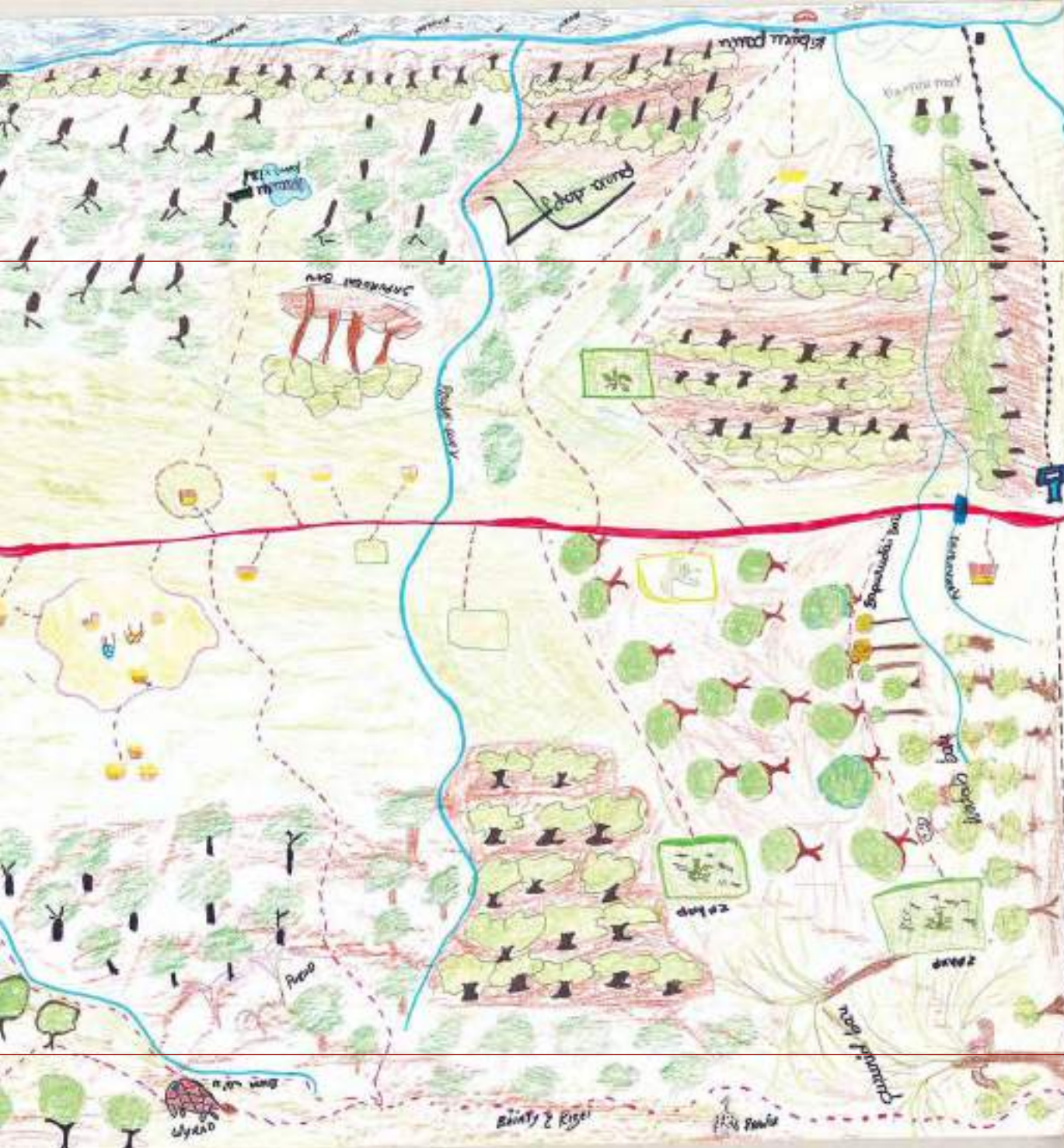
A comunidade Cachoeirinha do Sapo foi fundada no ano de 1990, com os seguintes moradores: Rodrigo da Silva, Constantino, Estevão, Jaime, Vicente. Desde então, a população vem aumentando com os filhos, netos e parentes que foram morar na comunidade.

Em 1996, deu-se início à construção da primeira escola, de palha, e, também, da Igreja. Essa escola existe, até hoje, feita de palha e barro e, tendo sido construído, ainda, o posto de saúde para atender às pessoas na comunidade.

Hoje em dia, os moradores vivem bem na comunidade, apesar da caça e pesca terem diminuído, estão bem com os filhos, netos e parentes.

O nome da comunidade é **Kiberu pau**. Esse nome foi criado por causa da cachoeira que existe perto da comunidade. Cachoeira que foi chamada de “Cachoeirinha do Sapo” devido à uma pedra grande e com a forma de um sapo, que fica no meio da cachoeira.





Essa pedra, antigamente, era considerada sagrada, e ninguém podia brincar com ela. Disseram que, naquele tempo, ninguém podia passar por lá, senão ficava meio adoentado. Até hoje, existe essa pedra na cachoeira. Na comunidade, existem 17 pais de família e uma população total de 69 pessoas.¹⁵

SÃO JOÃO

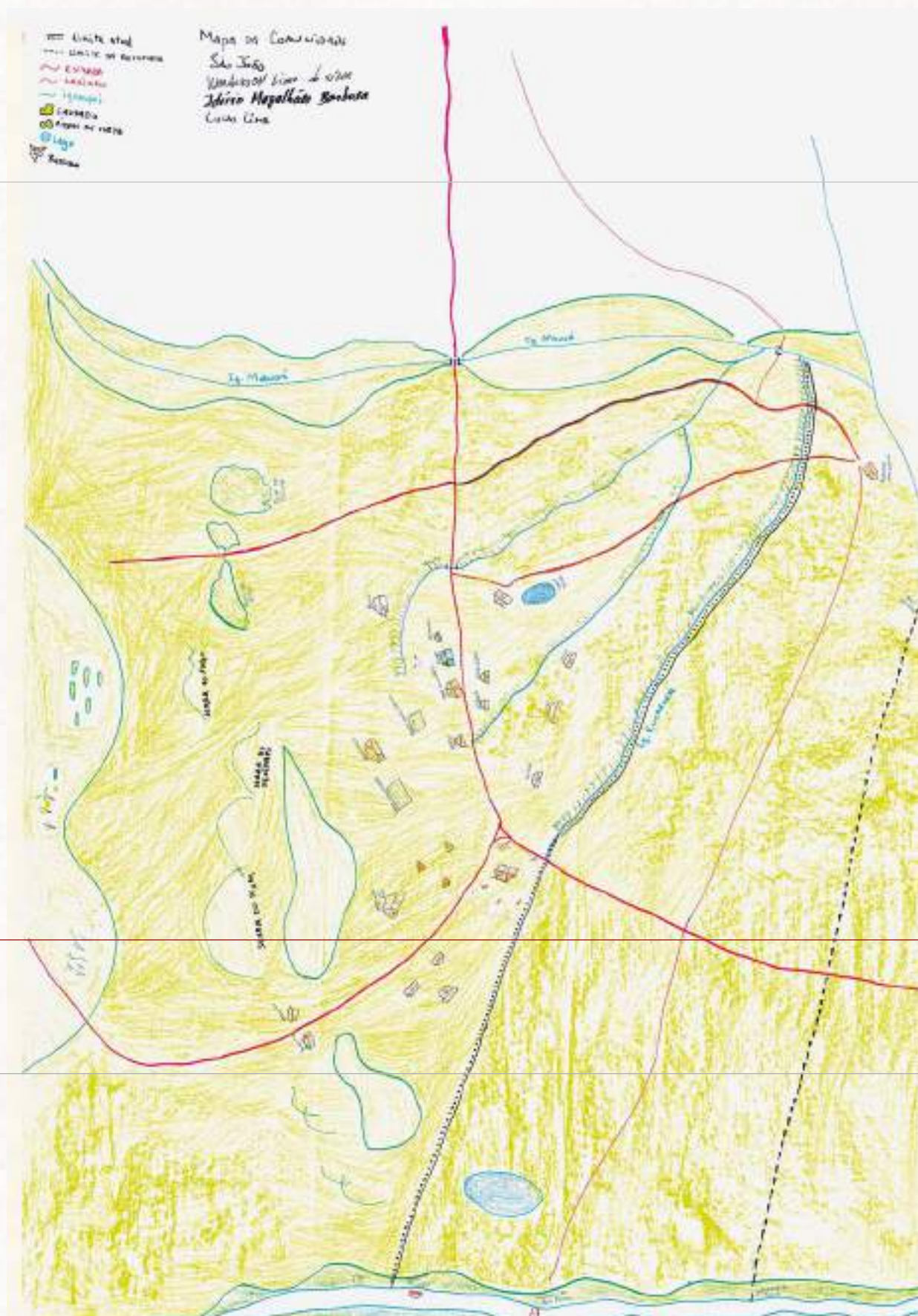
A comunidade São João teve seu nome conhecido não como comunidade, mas sim, como sítio. O ano de 1982 foi o ano da chegada dos primeiros moradores, o Sr. Esmeraldino Magalhães e família. Na época, não havia outra família neste local.

No primeiro semestre, todos viviam fazendo uma grande fogueira para passar a noite, porque não tinha outro meio para ter iluminação. No decorrer do tempo, os moradores chegaram a uma conclusão importante: “Nós estamos como se estivéssemos fazendo fogueira em festa de São João”. Em seguida, deram o nome de “Sítio São João”.

Recentemente, em 2002, foi reconhecida e fundada como uma comunidade, com a escolha do primeiro tuxaua, Damásio Bernardo da Silva. A população era de 32 pessoas. Hoje, em 2014, a comunidade conta com 23 famílias e 123 pessoas.

A demanda está crescendo, com o crescimento da população e as dificuldades também aumentando. Antigamente, na comunidade São João, tinha muita fartura, muita caça e pesca, muita criação de animais, como porco, galinha, pato, carneiro, e o gado. Também tinha muitas frutas como jaraí, tapereba, jenipapo, tucumã, caju, buriti, açaí, bacaba, entre outras. Atualmente, estas caças e produtos estão diminuindo e nós estamos discutindo isso nas nossas reuniões.

O branco diz: “Vamos preservar!”. Mas é ele mesmo que destrói, enquanto o índio preserva. Eles derrubam as árvores maiores para vender para as serrarias e nós não podemos derrubar o melhor pau para fazermos nossas casas. E, também, com a chegada da motosserra, esta máquina que está acabando com as matas da nossa terra, as coisas pioraram. Por causa de todas essas questões, nós, da comunidade São João, estamos pedindo a ampliação da nossa terra.¹⁶



ALTO ARRAIA

A comunidade indígena Alto Arraia está localizada

a 67 km de Boa Vista, na Terra Indígena Manoá-Pium, no município de Bonfim.

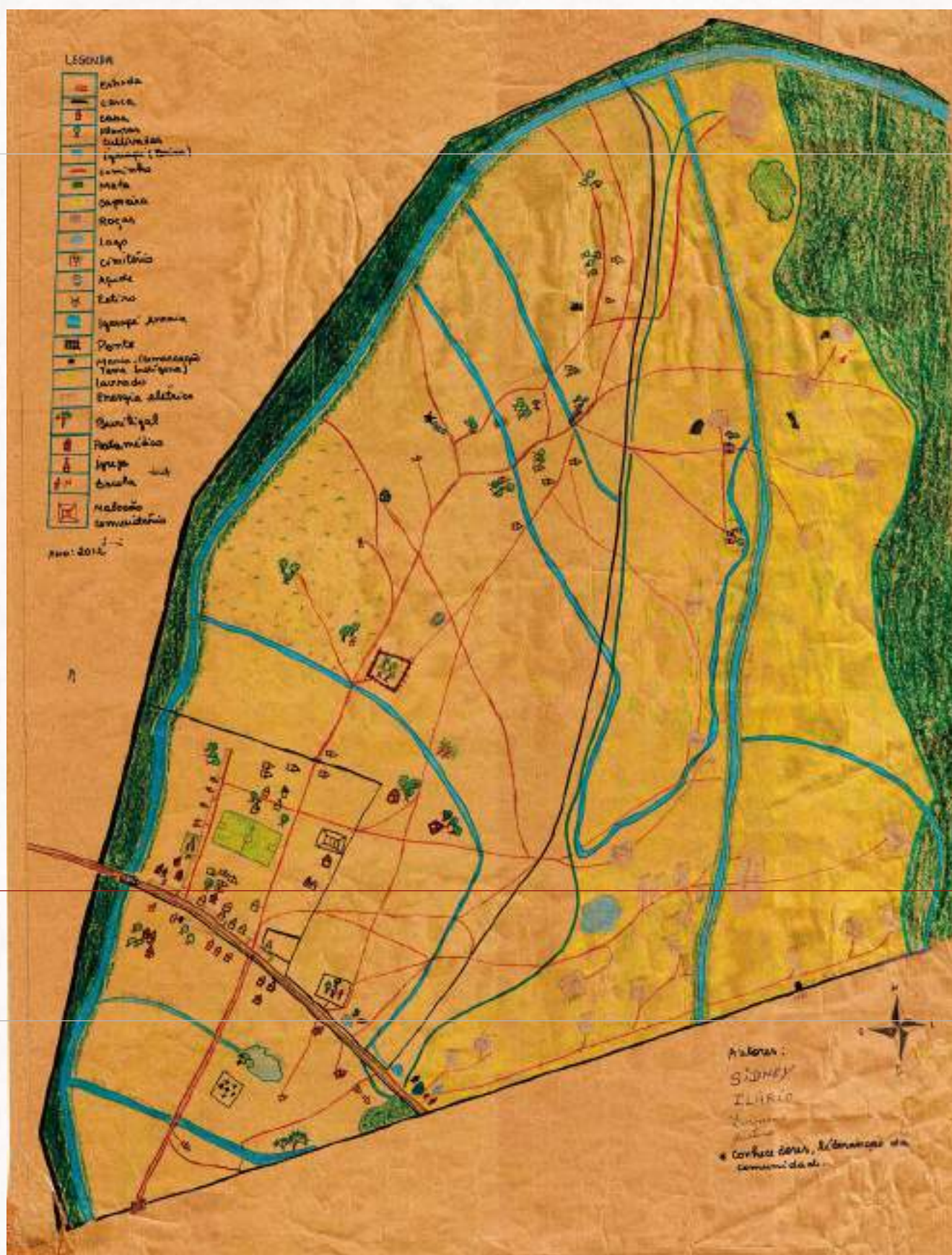
Os primeiros moradores da comunidade foram Augusto e Patrício. Depois, o Sr. Leonardo veio da comunidade indígena Moscow, passando a ser considerado como o fundador da comunidade. O Sr. Augusto foi o primeiro tuxaua da comunidade e, depois, foi seu Leonardo que chegou na comunidade. O Sr. Leonardo foi o tuxaua que apresentou a comunidade na assembleia estadual dos tuxauas, realizada na comunidade Barro Região Surumu.

Antigamente, a comunidade era chamada de Cumaca, o mesmo nome do igarapé que passava nas proximidades. O mesmo nome, depois, passou a ser Jacaminzinho devido à muita quantidade de jacamim na área. Mas não deu certo, porque já havia uma comunidade com este mesmo nome.

Passaram a chamar a comunidade de Alto Arraia porque o igarapé que passa na comunidade chega até o Igarapé Arraia. Nesse caso, as pessoas se confundiram, pensando que o igarapé cumaca fosse a cabeceira do igarapé Arraia, e, por causa disso, colocaram o nome da comunidade “Alto Arraia”. Outro fator que influenciou a comunidade, a ponto de ser chamada de Alto Arraia, foi a seca que aconteceu no ano de 1983, no poção do Aningal, próximo à estrada. Quando secou, o igarapé tinha muitas arraia. Por causa disso, a comunidade passou a ser chamada de Alto Arraia.

Atualmente, a comunidade indígena Alto Arraia tem uma população de 311 habitantes e 62 famílias.¹⁷

Hoje em dia, a maioria das pessoas da comunidade depende da caça, da pesca, e das roças, pois os mesmos não têm renda fixa.



NOVO PARAÍSO

Os primeiros moradores

de Novo Paraíso foram o Sr. Marcos e a Sra. Isabel. O objetivo era fundar uma nova morada, um novo lar, para o qual, no decorrer dos anos, estariam chegando mais parentes e mais famílias. E, assim, um novo lugar, uma nova comunidade que chamamos de Novo Paraíso.

A comunidade foi fundada em 01.02.2000. Hoje, está com 14 anos. A população é de 115 famílias, com aproximadamente 218 pessoas. Temos a escola estadual Marcos Inácio Wapichana, fundada em 2003, com uma sala anexa à prefeitura, onde temos o ensino infantil e fundamental.

Tipo de vegetação: mata e floresta.

Madeira: pau-rainha, massaranduba, tauari e outros.

Produtos: farinha, goma, macaxeira, mandioca, banana, pimenta, batata, milho, mamão, abóbora, limão.

Criação: galinha, pato, porco, gado, cachorro.

Projeto: pão caseiro, corte costura, piscicultura.

Casa de apoio: uma casa, barracão comunitário.



Posto de saúde em fase de construção. Um agente de saúde, um AÍSAN.

Na nossa comunidade já chegou energia por 24 horas.

Água: a comunidade é abastecida com água do poço artesiano. Projeto de roça comunitária.



Material permanente: dois motores de quebrar mandioca, dois fornos, uma motosserra, um motor-roçadeira, duas máquinas de costura.

Duas igrejas, uma católica e uma evangélica.

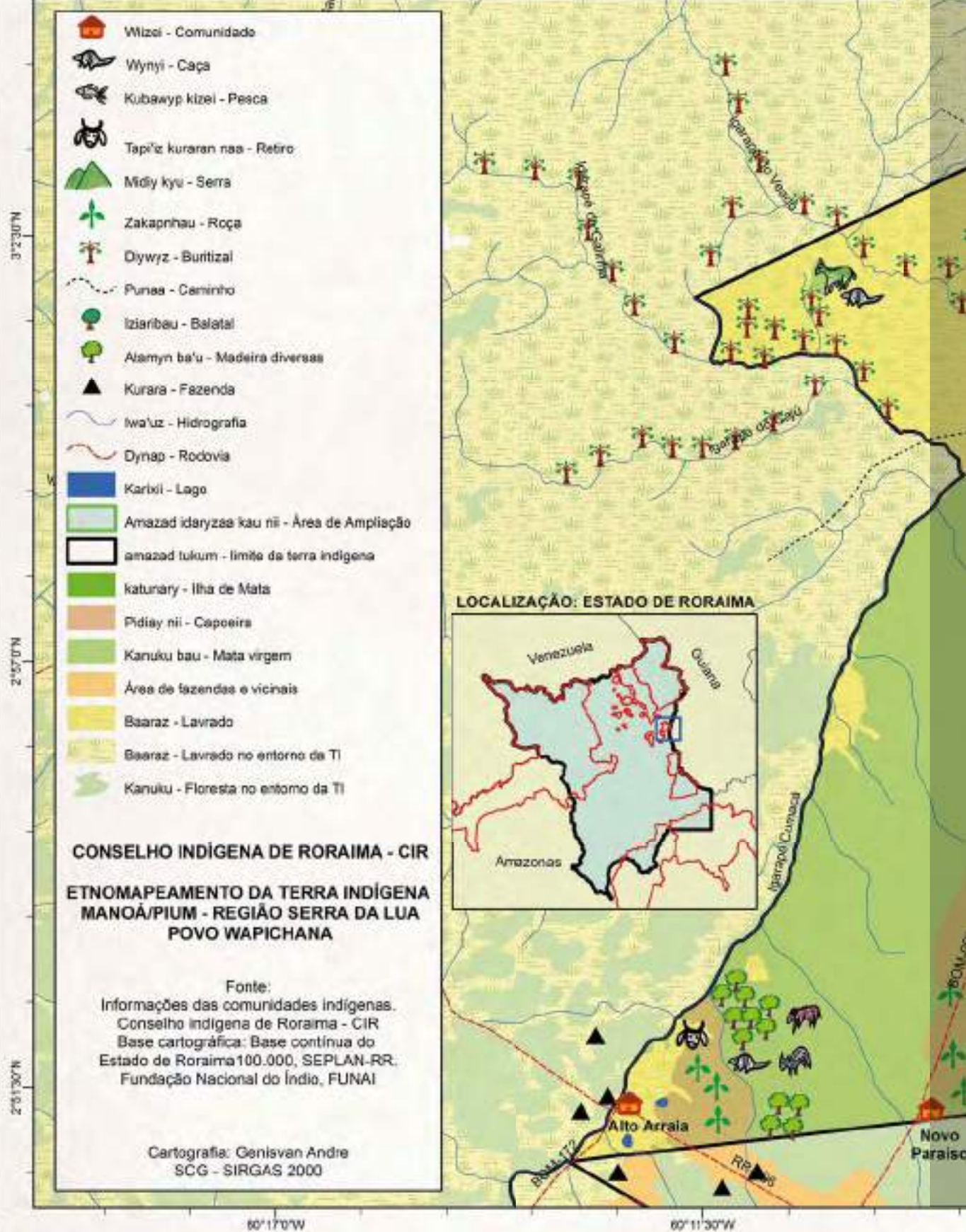
Padroeiro: Santo Antônio.

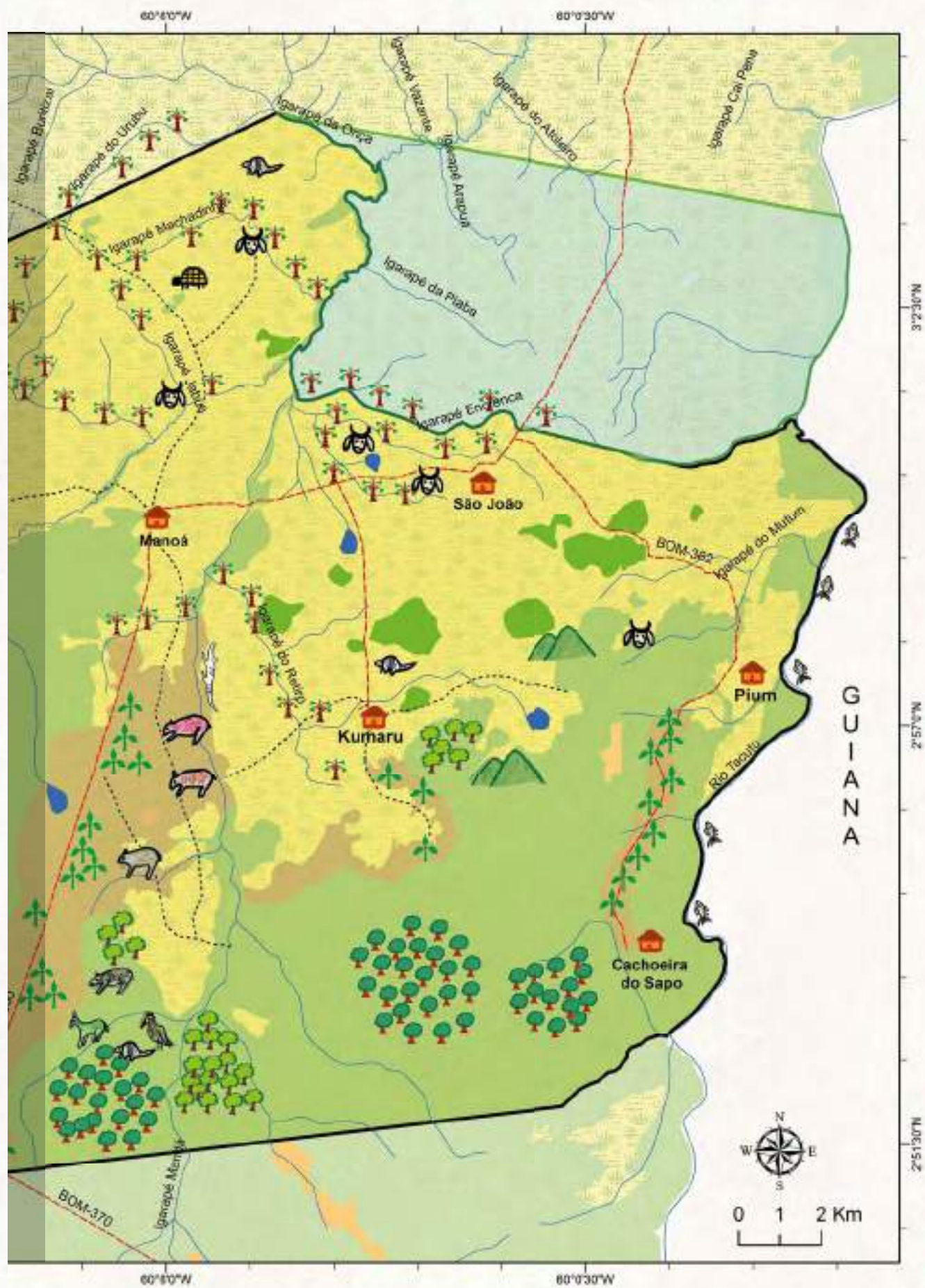
Administração: feita através de lideranças, capatazes e conselheiros.

Lideranças: oito capatazes.

Etnia: Wapichana.¹⁸

ETNOMAPEAMENTO DA TERRA INDÍGENA MANOÁ/PIUM - REGIÃO SERRA DA LUA





No mapeamento realizado na área da Terra Indígena Manoá-Pium, o primeiro passo foi localizar os rios e igarapés. O mapa mostra onde há maior quantidade de pesca e a localização dos poços que não secam no período de verão. Alguns igarapés secam no verão e ficam com escassez de peixes, além dos igarapés menores e mais pobres de peixes.

A localização das estradas indica que todas as comunidades têm acesso à via, apesar de ela estar em péssimas condições de tráfego. Também foram localizados os limites com as áreas de fazendas, assentamentos e fronteira internacional, uma vez que o estabelecimento dos limites é considerado como uma forma de defender a terra.

Estão destacados, ainda, os caminhos, indicados com linhas pontilhadas em vermelho. Existem vários caminhos que dão acesso para vários tipos de atividades como o cultivo das roças, a pesca, a caça, dentre outras.

Estes caminhos encurtam as distâncias entre as casas dos parentes. Mas, por outro lado, estão sendo usados para facilitar o tráfico de drogas, realizado por pessoas que usam esses caminhos com pensamentos ruins.

As áreas onde o projeto de criação de gado é desenvolvido e onde não existe este tipo de atividade estão devidamente apresentadas no mapa.

Cuidando do gado.



foto: Nilton

Em marrom, foram desenhadas as casas, com o objetivo de situar os centros das comunidades. Manoá é o centro principal. Todos observam que as áreas estão ficando pequenas, porque a população está aumentando. Estão sendo feitas conversações sobre uma proposta de luta pela ampliação da área.

Quanto à localização das fazendas não indígenas, destacam-se as que estão próximas da área e que podem representar riscos e ameaças para o território e as comunidades indígenas. Já ocorreram alguns tipos de invasão, que foram percebidas quando a comunidade fez a vigilância dos limites. Os marcos legais de cimento, colocados pela FUNAI, tinham sido alterados e foram corrigidos.

Na parte da pesca, estão mostrados, no mapa, os lugares exatos onde existe uma maior quantidade e variedade de peixes. As espécies em risco de extinção e a mudança de *habitat* dos peixes estão indicadas, a exemplo do que ocorre com o peixe branquinho, um peixe de escama miudinha, parecido com o curimatã, mas menor e com uma listra vermelha. Este peixe está mudando de lugar.

O desenho do tatu foi utilizado para localizar as áreas de caça existentes em cada região. Ficou registrada a pouca quantidade de caça e o risco de desaparecimento de algumas espécies.

Todos estão percebendo que, na medida em que as roças aumentam, os animais estão mudando de *habitat* e seguindo para

as serras. Principalmente o caititu e as queixadas estão indo para perto das serras. O crescimento do São Francisco, assentamento localizado na vizinhança, também está interferindo na vida dos animais.

Foram feitos desenhos de ilhas para localizar as áreas de mata. Devido ao desmatamento, estas ilhas estão ficando cada vez menores.

Existem poucos lagos no Manoá-Pium. Atualmente, alguns lagos que nunca secavam estão secando. São pequenos lagos, mas os que existem são importantes para as pescarias. Muitas vezes, as pessoas estão colocando roças próximas dos lagos e, assim, acabam provocando as secas.

Ao mesmo tempo em que se pode perceber grande parte de área verde e oferta de madeiras, tem-se, também, o risco de desmatamento, pois os moradores estão colocando roças em grande escala, de 10 a 15 linhas, as quais colocam em risco a integridade da floresta. O mapa mostra que, em todas as comunidades encontram-se grandes quantidades de capoeiras. Os moradores estão reaproveitando estas capoeiras para fazer roças.

A maior parte da terra é composta de lavrado. É neste ambiente onde está localizada a maioria das moradias. A população, em maioria, depende da roça. É uma fonte de renda para as comunidades.

A localização dos assentamentos foi feita em dois pontos. Eles representam ameaças de invasão. Um fica no São Francisco e o outro é no PA Caju. Lá, eles já começaram a tirar

o pau-rainha e isso é uma ameaça para os moradores.

No mapa, está sinalizada a área de conservação conhecida como “Área do Balatal”. Nesta área, existe uma grande quantidade de madeira de uso para casa e outros trabalhos.

Os buritizais são poucos na área. A quantidade é insuficiente para atender às necessidades das comunidades. A maioria das pessoas tem construído casas com telhas porque não há palha para todos.

Com relação a esta situação, o mapa indica a existência de uma área que é demandada como ponto de ampliação.

O pau-rainha também foi registrado no mapa, pois é muito usado pela população. Ainda existe pau-rainha, apesar de não ser em grande quantidade. Quanto ao cedro, é muito raro na TI Manoá-Pium, pois já foi derrubado em mais de 80% do total, no Manoá e no Pium. Ainda existe muito no Cumaru, no Sapo e um pouco no Alto Arraia.

O mapa mostra a localização dos postos de saúde que estão em condições muito precárias. O de Cumaru está em péssimas condições, e no Novo Paraíso estão construindo um posto.

No Manoá-Pium, as serras são consideradas como áreas de conservação. Nas serras, é muito difícil o cultivo em roças e, por isso, ficam como área de conservação e abrigo para os animais e plantas, como o cedro.



A Área do Balatal é um ponto de referência, uma área de manejo e conservação, onde podem ser desenvolvidas pesquisas importantes para a medicina tradicional. Também servirá de refúgio para os animais e para a caça.



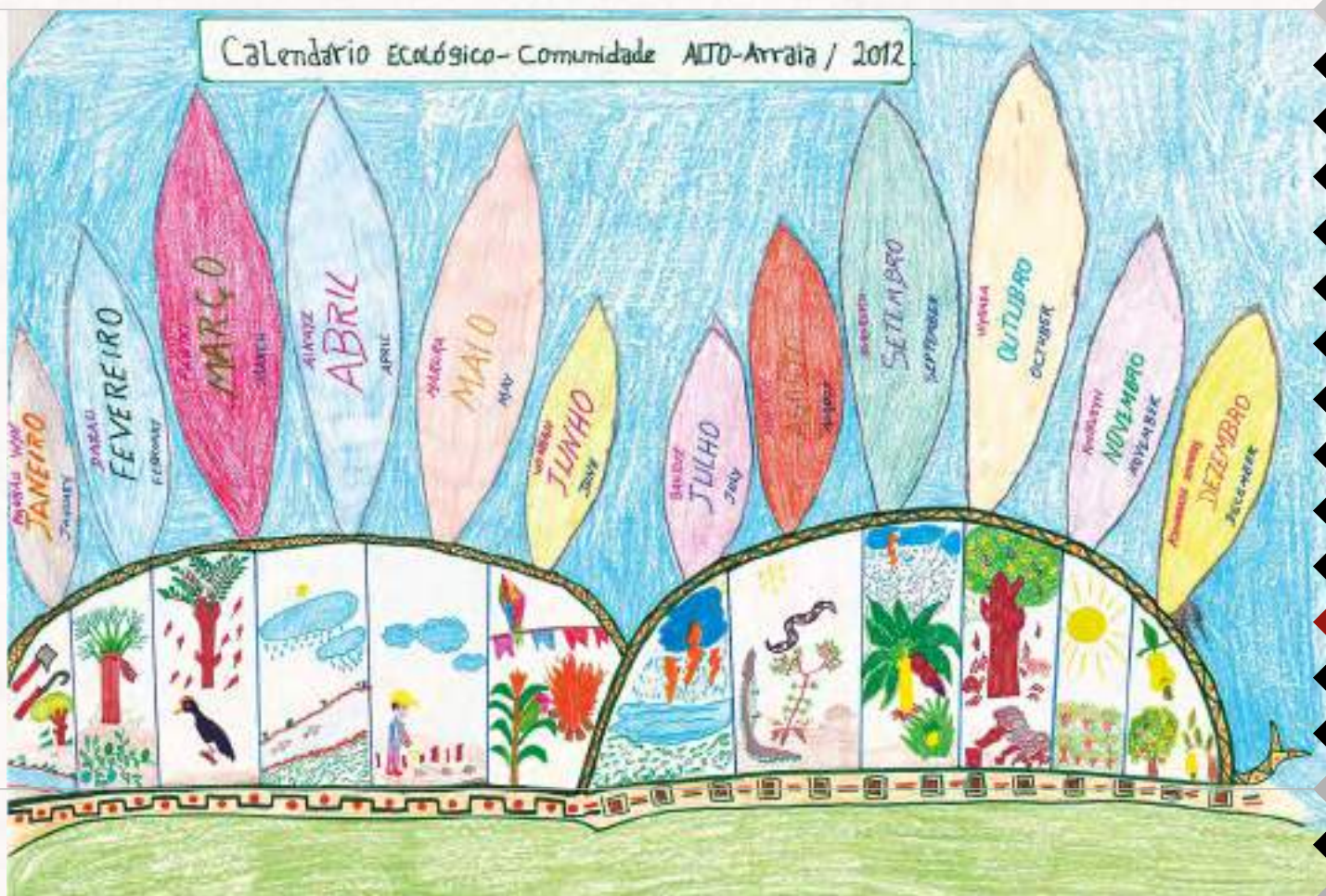
Recursos hídricos são fundamentais para a Terra Indígena.

Destacamos, aqui, um ponto do entorno que envolve os recursos hídricos e onde existe a nossa demanda de ampliação, pois as nascentes estão de fora.



Nesta parte apresentamos o atual contexto socioambiental de nossas terras. A parte a seguir detalha informações sobre as práticas tradicionais, os ciclos anuais e as dinâmicas do ambiente em cada estação do ano. Os calendários ecológicos são esquemas gráficos que representam conhecimentos sobre as interações entre as pessoas, as comunidades

e seus ambientes, e as dinâmicas de vida e alimentação de diversos seres vivos. Os calendários revelaram padrões de duração das estações do ano e a partir deles foram desenvolvidas as entrevistas sobre as mudanças do tempo e do espaço no contexto de cada comunidade, focalizando os ciclos e práticas da agricultura, do extrativismo, da caça e da pesca.



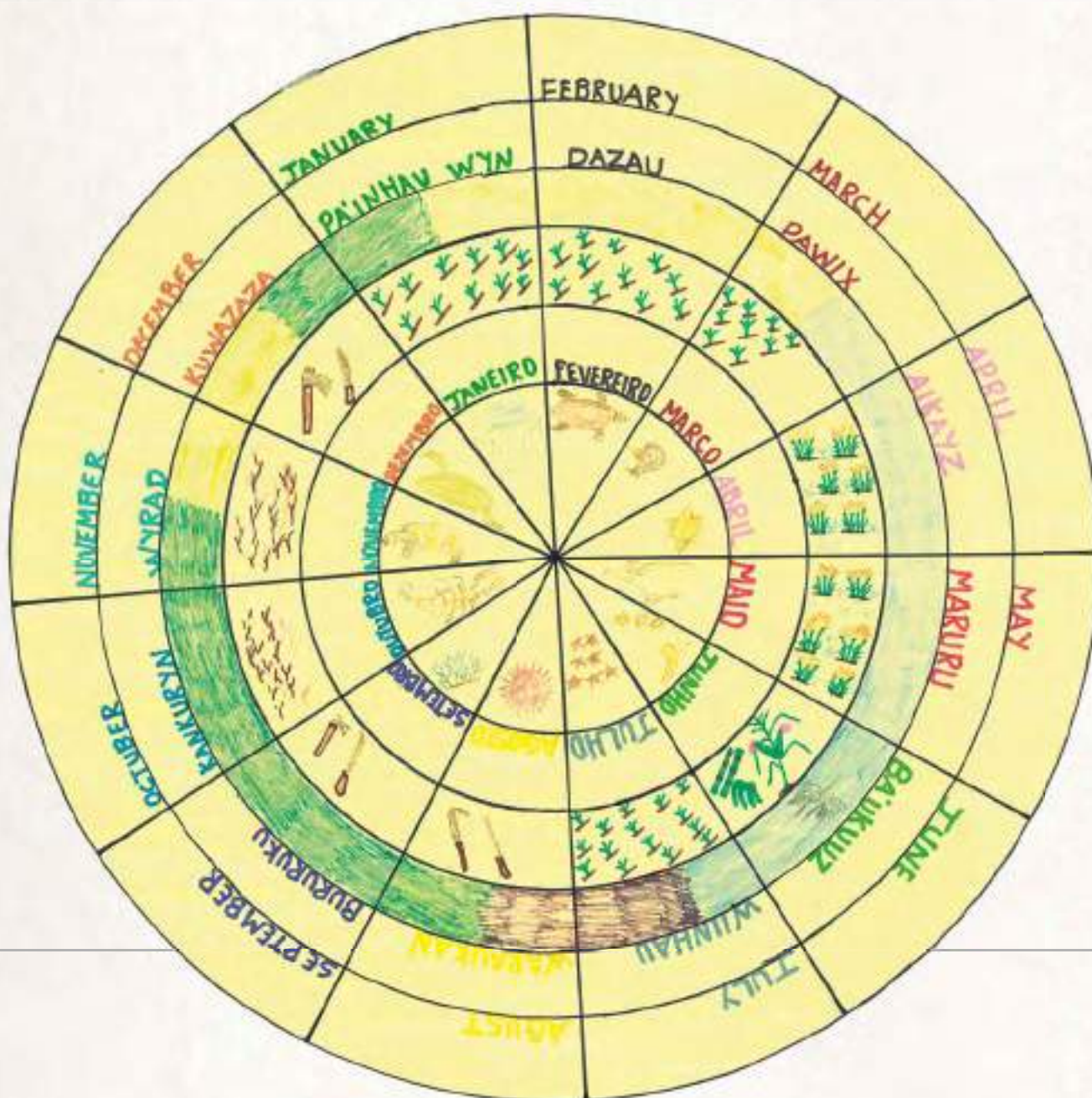
PARTE II

PRÁTICAS TRADICIONAIS E CICLOS ANUAIS

CALENDÁRIOS ECOLÓGICOS



Calendário Ecológico Jacamim



Este é o **ciclo do calendário ecológico definido** para quatro comunidades indígenas: Jacamim, Marupá, Wapum e Água Boa, todas situadas na Terra Indígena Jacamim. Através do calendário, resultante de um trabalho desenvolvido pelos próprios indígenas, juntamente com cinco Agentes Territoriais e Ambientais, todos os integrantes das comunidades do polo-base Jacamim têm acesso às informações detalhadas sobre as duas principais estações climáticas, o verão e o inverno, ressaltando o que acontece no meio ambiente, durante o tempo de cada uma delas.

De janeiro até março, o verão é mais forte. **DAZAU**, no mês de fevereiro, é tempo dos tracajás botarem seus ovos. No período de verão mais forte, chamado **PAWIX**, é feito o desenho de mutum, a partir das estrelas que aparecem no céu no mês de março.

Em abril, **AIKAYZ**, uma estrela grande e sozinha aparece ao leste, passando por **MARURU**, o mês de maio, tempo dos tatus se reproduzirem, até o meio do mês de julho, quando surgem sete estrelas no céu, denominadas **WINHAU**, é o tempo de chuva forte e todos os rios e igarapés estão cheios até o meio do mês. Depois desse tempo, começam as chuvas com trovão mais perigoso e vai até o final de agosto, chamado de **WARAUKAN**. No final deste mês, os indígenas começam a brocar a roça, estendendo-se até o final de setembro, **BURURUKU**, nome que coincide com o de um tipo de capim que dá flores amarelinhas nesse tempo.

No início do mês de outubro, **KANKURYN**, inicia-se o tempo em que começam a queimar a roça, indo até o final de novembro, sendo que passam o mês de dezembro todo só coivando.

WYRAD, o mês de novembro, é visto pelos integrantes das comunidades a partir de um conjunto de estrelas que formam o desenho de um jabuti no céu. Nesse tempo, todos os que cultivam o solo estão brocando as roças. O mês de dezembro é o mês de **KUWAZAZA**, quando uma cobra cheia de estrelas aparece no céu.

Durante todo o ano, os povos indígenas das quatro comunidades do polo-base Jacamim não param de trabalhar na roça, que é a nossa mãe e a nossa terra.¹⁹

Calendário Ecológico Malacacheta

Panhauwyn

O símbolo das serras e do sol quer dizer que um novo ano chega. É o mês em que o açaí, a abacaba, a patuá (frutas silvestres) e a jaca, a manga, a graviola (frutas domésticas) predominam. Também é o mês de verão, quando venta muito e os rios e igarapés ficam secos. Nesse tempo, os moradores preparam seus machados para derrubar a mata e fazer as roças.

Kuazaza

É o mês em que o verão está forte. Os lagos, igarapés e rios estão muito secos e alguns ficam totalmente sem água. É o mês em que as pescarias predominam, de todos os tipos, tanto dos peixes de escama como os de pele, e a pesca é feita com tarrafa e malhadores. É tempo de buriti, melancia, banana e mandioca. O milho seco dá para fazer mingau, aluá e cuscuz para o povo comer.

Kankuryn

Mês em que os ventos ficam fortes e o sol fica mais quente. É tempo de várias frutas: abacaxi, tangerina, jaca, cana, açaí e outros. E os rios, lagos e igarapés começam a secar, por causa dos ventos. É tempo de trocar as roças de lugar para deixar as matas renovarem a vegetação.

Wyrad

Mês em que os ventos começam a aparecer constantes e fortes, enquanto as chuvas diminuem. É o tempo em que os jacarés desovam, e também em que é feita a colheita de alguns produtos das roças. É o momento do início do trabalho de brocar as matas para fazer grandes roças.

Baruruku

É o mês em que o sol aparece e diminuem as chuvas, em que começa a ventar muito. É tempo de colher frutas silvestres (jatobá, jutaí) e, ainda, abacaxi. Os rios e igarapés estão muito cheios e as árvores estão com as folhas bem verdes.

Araukan

É tempo de inverno e de muitos trovões, raios e relâmpagos. É o mês em que as cobras ficam venenosas e as cutias têm seus filhotes. É época de colocar vazantes (roças pequenas, cultivadas às margens de igarapés) e colher produtos das roças como: abacaxi, cana, feijão e outros, sendo o mês da colheita.



Dazau

O tracajá simboliza o seu grande número de praias. É o mês de verão, com vento muito forte, tempo de frutas silvestres (marfim, açaí, abacaba) e de frutas domésticas (caju, manga, goiaba, ingá). É o mês onde fazem ajuris para limpar (capinar) suas vazantes, é tempo de fazer derrubada de roças e os igarapés ainda têm água.

Pawixi

O símbolo do mutum indica grande canto. Neste mês ainda é verão, mas, com alguns dias chuvosos, a fruta deste mês é a marfim (fruta silvestre), um tipo que animais como o veado gostam de comer, como também o caititu. Nesta época, pescam-se vários tipos de peixes. É, também, o mês em que as matas (áreas para roça) estão sendo queimadas e, logo em seguida, os índios começam a plantar sementes de milho, jerimum e melancia.

Aikayz

Mês que inicia as primeiras chuvas de inverno. Também é época de piracema, período proibido para fazer grandes pescarias, pois os peixes estão ovados e, também, desovando. Nasce as primeiras plantações de milho, jerimum e outros frutos começam a brotar. Todos devem ter cuidado, pois é o tempo de pragas (lagartas e gafanhotos). As frutas silvestres, como a copaíba, a taperebá e a manga amadurecem neste tempo. É nesse período que os índios mais caçam veados, devido à abundância das copaibas.

Maruru

É o início do inverno, mas não muito forte. Neste tempo amadurecem as seguintes frutas: taperebá, tucumã, jenipapo e buriti. É neste mês que a caça das pacas é mais fácil, porque elas se dirigem aos pés de taperebá. E, ainda, é quando nascem os tatuzinhos. E os milhos estão quase no tempo de colheita.

Wiinhau

Já é inverno forte, chove muito e ainda é tempo de buriti. O rio fica cheio e o milharal pode ser atacado por aves, como os periquitos e papagaios.

Baukuz

É o tempo em que o inverno está mais forte, com muitas pancadas de chuva. Nas roças, é hora de colher o milho, a banana, o mamão e as pimentas. É tempo, também, de cana e de plantar feijão. Neste mês, os tamanduás saem, depois que chove, para comer formigas. E é o mês em que nascem os periquitos e os papagaios.



Calendário Ecológico Manoá-Pium

Dezembro – Kuwazaza Zuwai – December

- as folhas de todas as árvores estão renovando e florando, é sinal de natal;
- os animais como o caranguejo, o camaleão e a cobra estão renovando a pele; o camaleão começa a desovar;
- continuação do tempo bom para a caça e a pesca, porque os animais estão bem nutridos;
- término da derrubada das roças, da mata virgem e da queimada das roças nas capoeiras;
- é o mês da segunda metade do verão, mês muito quente.

Novembro – Kankuyn – November

- mês em que os frutos começam a amadurecer (mangas, caju, azeitona, ingá, etc.);
- continuam as derrubadas e a broca das roças;
- é tempo para a espera de veados e de catitus, devido ao fato das frutas da copaíba, do piritó e da juta caírem;
- começa a florar a árvore estopeira;
- mês quente.

Outubro – Wyrarada – October

- permanece ainda a colheita dos produtos cultivados e se inicia a derrubada das roças, segue a estiagem dos igarapés, e, com isso, a pesca melhora;
- os frutos do jatobá e a azeitona braba (xuruk) caem, quando os animais como o jabuti buscam a sua alimentação e fazem espera; todas as plantas frutíferas começam a florar;
- é um mês muito quente.

Setembro – Boruruku - September

- é o mês de trovoadas, com muito vento, muita chuva passageira, período de colheita dos produtos cultivados, como banana, abacaxi, batata e cará;
- é tempo de reprodução dos peixes, tempo propício para a caça de diversos tipos de animais, por estarem bem nutridos.

Agosto – Araukan – August

- as primeiras folhas caem das manivas;
- início dos cultivos, época de fazer vazante para plantar melancia e feijão;
- período ideal para pescar, mas perigoso, pois as cobras ficam venenosas;
- os mais velhos dizem que é o mês em que as sete estrelas aparecem no céu;
- começa a reprodução dos jacarés e dos jabutis;
- o calango canta, dando sinal do verão.

Julho-Baukuz-July

- mês de muita enchente;
- época de caçar e pescar.



Janeiro – Painhau Wyn – January

- neste mês se inicia um novo ano e período da fruta piqueia (kawaz) que é de uma árvore silvestre e é também usada como timbó;
- período de queimadas das roças;
- verão;
- período de estiagem dos rios (igarapés), onde os peixes não estão em tempo de reprodução;
- período adequado para a caça, e os métodos mais conhecidos de caçar são: a varrida e o moitá.

Fevereiro – Dazau – February

- após as queimadas, os moradores da comunidade fazem o plantio da melancia;
- nesse período, as estopeiras (sum'mad) estão florando, as mesmas florescem duas vezes ao ano;
- esse mês também é bom para a caça, pois os animais como o veado, o jabuti e a anta estão se alimentando dos frutos;
- período em que os buritizais florescem.

Março – Pawixi – March

- período em que os mutuns cantam mais, e os frutos silvestres caem, como o marfim, a massarandumaba (turara), a batata (iziara), a pitomba amarela (widiuk), a abacaba (mapy'yz) e o cajú (kawaruru);
- tempo bom para caçar por causa da grande quantidade dos frutos que os animais procuram para se alimentar;
- nesse mês, muitos animais morrem devido à seca;
- tempo de fazer queimadas nas roças, na mata virgem;
- mês em que as queixadas e os catitus estão roçando;
- os animais, em geral, estão se reproduzindo muito.

Abril – Aikayz – April

- mês da estrela da manhã (mad wyn) e a época em que começa a chover, as pessoas começam os plantios em suas roças;
- os animais em geral estão se reproduzindo, os peixes estão todos ovados;
- os najão (pukurid), tucumã (waz) e os buritis (dyn) estão dando frutos;
- mês da semana santa, e quando a cutia está em reprodução.

Maio – Marura – May

- nesse mês, todas as sementes são plantadas: milho, batata, banana, cana, abacaxi, mamão, pimenta, kunam (cunani- timbó);
- os peixes começam a desovar, e também diminui a pesca com o malhador;
- em maio, o tatu está em período de reprodução, e é quando os animais estão com seus filhos pequenos.

Junho – Winhau – June

- queixo da anta: é o tempo da enchente, quando as plantas morrem por causa do excesso de água; é o tempo do milho; comemoram-se os dias de São João, São Pedro e Santo Antônio; alguns moradores, à meia noite do dia 24, têm a tradição de passar por cima das brasas da fogueira;
- nesse mês, todas as frutas já amadureceram, mas começa o tempo do jenipapo florar;
- devido à enchente, fica difícil pescar e caçar, estamos no meio do inverno (wyn-zukun).



Paupeizu



foto: Lucas Lima

Atamyn aka



foto: Silvano



foto: Antônio

Baiayt kary

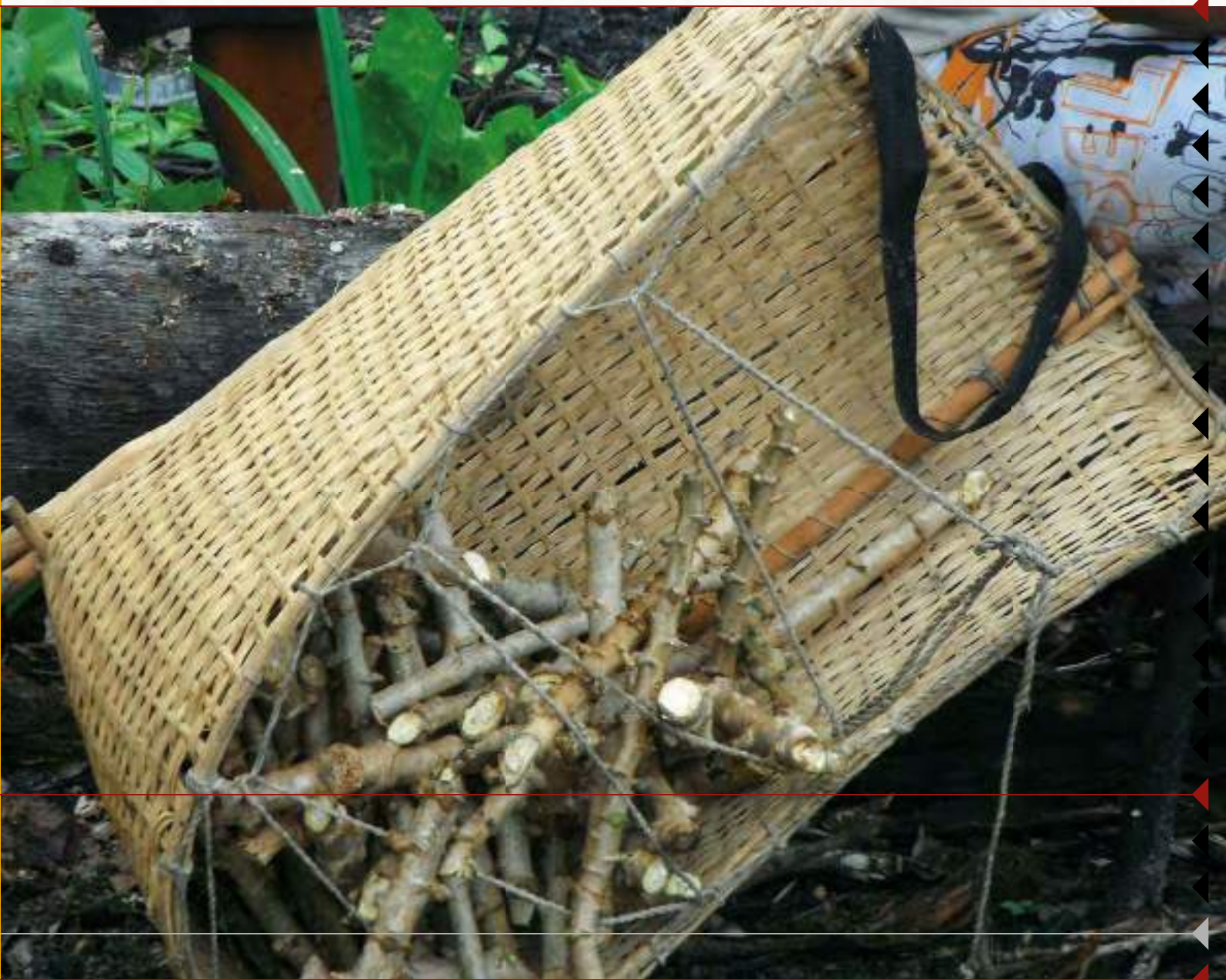


foto: Lucas Lima

Kubawyp kary



[PAUPEIZU AGRICULTURA



Kanyz Mandioca. **Makaxez** Macaxeira. **Kazy**
 Batata. **Nan** Abacaxi. **Sy'yz** Banana. **Ma'apaz**
 Mamão. **Kaiwera** Cana. **Mazik** Milho. **Pirir** Milho
 pipoca. **kawaiam** Jerimum. **Pa'achiaa** Melancia.
Didiada Pimenta. **Kumas** Feijão. **A utir** Arroz.
Kuwyr Taioba. **Kirich** Cará.



Em Jacamim, no mês de agosto, nós começamos com a broca; e, em setembro, é a derrubada da mata virgem ou capoeira. Em outubro e novembro, começamos a queimada. Em janeiro, começamos a plantação das sementes de milho, de maniva e de banana.

Em março e abril é o tempo da coleta dos produtos. Em maio, começamos novamente a plantar sementes de jerimum, taioba, cana.

foto: Raoni



Farinha no Wapum.

Nós fazemos as roças duas vezes por ano. Nós começamos em agosto e, depois, em dezembro. A plantação de arroz é feita no início do inverno e colhida no mês de agosto ou de setembro.

No mês de agosto, temos a primeira roça preparada para a plantação de arroz. Nós plantamos as plantas que funcionam com chuva. No início do inverno, nós começamos. O feijão é plantado no mês de julho, quando está quase terminando o inverno.

Os verões não são todos iguais. Na Malacacheta é outro, no Manoá, é outro.

Em Malacacheta, nós começamos, no mês de novembro, a brocar a roça. Já no mês de dezembro, começamos a derrubar; e, em janeiro, começamos a queimar, para, em fevereiro, fazer a coivara e os ajuris para plantar. No mês de março, nós plantamos. Nós esperamos as primeiras chuvas antes do inverno. Em maio, algumas famílias ainda continuam as plantações.

Em junho, já é inverno e é o tempo de milho verde. Em julho, algumas roças continuam com milho verde. No mês de agosto, nós fazemos vazante. Fazemos broca, e, em seguida, a limpa; e, com 20 dias, já podemos queimar e fazer o trabalho. Em setembro, começa o verão e é a hora de fazermos a vazante.

Chega outubro e algumas pessoas ainda estão brocando, derrubando e queimando. Assim, se completa o ciclo.



foto: Venício

Ajuri Jacaminzinho.

Muitas pessoas na Malacacheta começam a brocar em dezembro e janeiro, para começar a plantar a parte de milho, jerimum e melancia em março. Dois meses depois começa o inverno; e, no mês de junho, algumas plantações, como as de melancia, já dão frutos.

As manivas são diferentes, porque algumas delas são plantadas no período de março; e, no mês de agosto, já podem ser arrancadas e dá para fazer farinha, beiju e caxiri.

foto: Vêncio



*Mulher e suas manivas.
Jacaminzinho.*

Os mais antigos sabiam o período certo para fazer estes trabalhos. Todo mundo seguia aquela regra. Mas, nos últimos anos, as coisas estão mudando, pois, nos recentes verões e invernos, as manivas estão se estragando. Essas mudanças também trazem pragas, como a da lagarta, que prejudicam o milho.

O sistema de vazante é colocado nas capoeiras; e, se estiver fazendo bastante sol, pode queimar. E se a terra estiver **esfriada**, já está pronta para queimar. Isso foi o que eu aprendi com meu pai: quando as roças estão acabando as vazantes, já estão no ponto de colher.

No Manoá-Pium, nós identificamos que o início da broca é em outubro e novembro. Dezembro a janeiro é tempo da derrubada das roças; e, nos meses de março, abril e maio vai começar o inverno.

Este é o momento do início do plantio das manivas. Em maio, no inverno, é o começo do trabalho das capinas.

Junho a setembro é o período da colheita de milho, de melancia, de abóbora, de arroz, de mamão, de batata e de feijão.

O nosso calendário mostra o período do início da broca da vazante no começo de julho.

Dentre os seis vovôs que foram entrevistados, todos concordaram sobre os tempos certos para fazer a roça. Primeiro, chovia muito e era possível queimar a roça em agosto. Para novembro e dezembro, já tinha melancia para consumir.

Uma conclusão que a gente chega é de que a roça de vazante é para equilibrar uma família que pode estar no aperto. Se ele não coloca roça de vazante, ele pode ficar sem roça, e, principalmente, sem a maniva, que pode ser transformada em farinha para ser comercializada e ajudar na renda familiar.

A derrubada da roça de mata virgem inicia-se em outubro; e, até fevereiro, é tempo de queimada. Até março, ainda tem gente botando roça de capoeirão.

foto: Nicodemos



Manivas.

A maniva é uma semente que suporta vários tipos de mudanças no ambiente. Algumas variedades como a “de seis meses” produz mais rapidamente do que as demais. A maniva de seis meses só serve para tirar o pessoal do aperto, pois se for plantada duas ou três vezes, fica fraca. Ela não aguenta muito tempo, estraga rápido e, se passar desse período, afofa, com o calor da terra, e vai apodrecendo.

Outro exemplo é a maniva “amazonas”, planta que tem um ciclo de um ano e três meses de produção. Existe uma necessidade de acelerar o processo produtivo, adiantando as colheitas para não perder a produção.

A mandioca não está sendo colhida no momento em que ela está “enxuta” e isso tem diminuído a produtividade agrícola das comunidades.

O aumento da população e a chegada de outros produtos têm mudado este sistema. A Malacacheta já foi a maior produtora de banana de Boa Vista. Hoje a produção não é suficiente para a comercialização.

Nós percebemos que o tempo está mudando. Conversando com meu pai, ele previa que a derrubada aconteceria até março. Mas começou a chover fora de hora e, hoje, estamos vendo que está inverno e o verão desordenado prejudicou a plantação.

Analisando nossos calendários, percebemos que as mudanças do clima estão interferindo nos planejamentos das famílias. Hoje em dia, essas mudanças **deixam as pessoas em dúvida**.

Nos últimos vinte anos, nós percebemos que o clima mudou bastante. Tomando como base o que foi falado, notamos que os conhecimentos tradicionais não estão sendo tão valorizados. As sementes crioulas que as comunidades têm de milho continuam dando boas espigas. Mas, hoje, algumas famílias não estão seguindo o tempo certo para plantar.

Por exemplo, é certo plantar na lua nova? O Sr. Valdemar, da comunidade Manoá, disse que, para plantar, é importante ver que primeiro tem a lua nova, e que ninguém

planta milho, nem maniva e nem outros produtos na lua nova. Já nas luas crescente e cheia, é tempo de dar início ao cultivo. Mas o pessoal não está seguindo este conhecimento e isso atrapalha na produção, principalmente da maniva, que dá caules grandes e grossos, enquanto a batata sai fininha.

O tempo realmente mudou. Em fevereiro de 2011 e de 2012, choveu muito. E os que tinham queimado roça plantaram. E os que não plantaram ficaram espantados. Eles estão se perdendo com o clima de hoje. Muitas roças não foram queimadas no tempo certo.

Nós observamos que as roças têm que ser queimadas até fevereiro. Depois disso, é arriscado deixar para queimar no mês de março.

Acompanhando as estações no Manoá-Pium, o pau-darco só florou uma vez, quando o normal é florar duas vezes por ano. A segunda florada é o sinal do início do inverno, mas isso não aconteceu. Eles, que observam a natureza, notaram que essa segunda vez não aconteceu.



Nós, da comunidade Jacamim, durante os meses de janeiro e fevereiro, estamos fazendo roça dentro do mato e plantamos as manivas. Na nossa região, **o clima é diferente**, pois dentro do mato é **frio**. Já na beira do tacutu, **é quente**. O mato cresce mais rápido que na beira do rio, porque o clima é mais frio.

Nos últimos anos, o pessoal que plantou na beira do rio perdeu suas manivas. E, por isso, as famílias estão preferindo plantar dentro do mato. Dentro da mata virgem é **mais frio** e é melhor para a produção. Na capoeira, a gente vê que não produz como na mata virgem.

Primeiro, colocava roça na beira do rio. Mas aconteceu uma enchente grande e afogou tudo. A maniva não aguenta muita chuva. Se vem muita água, ela já começa a amarelar.

Os mais jovens reclamam da produção das roças, dos milhos tradicionais falhados, dos bichos na cana, mas eles estão plantando fora do tempo certo. Quando se planta no tempo certo, ocorrem pragas também, mas não é tanto.

No Manoá, não se está plantando tanta banana como antigamente, porque hoje tem muita doença e fica arriscado abrir roça de três linhas de bananas, porque você pode perder. Já houve muitas perdas de banana e roças que deram colheita apenas uma vez.

O verão está muito quente e quando dá essa quentura, e chove, a banana cozinha e elas amolecem os pés. Elas quebram por causa do clima quente. No verão, está muito difícil colher banana.

No Jacamim, plantamos banana no verão, para dar no inverno. Nós respeitamos essa lua, também. Nós plantamos na lua cheia.

Todos os produtos, em geral, estão sendo prejudicados por essas mudanças do clima. Os exemplos que estamos apresentando são os que os mais velhos falaram, sobre maniva, banana, milho, arroz.

No Manoá-Pium e no **Alto Arraia**, no mês de outubro, aconteceu algo que nunca tinha acontecido. Passou um vendaval nas capoeiras e virou as manivas. Então, o pessoal teve que tirar antes seus produtos, para não perder tudo. Foram tiradas mandiocas muito finas que não rendem muito diante de tanto trabalho.

Mas nunca foi todo o tempo assim. Essas mudanças são recentes. Esse ano, na Malacacheta, também aconteceu de passar um tipo de tornado. No Canauanim, passou esse vento e levou as galinhas, os porcos, as telhas das casas, as roupas.

Na Malacacheta, o vento passou e derrubou troncos grandes. Isso nunca tinha acontecido. Nós entendemos que isso é um aviso da natureza. É o retorno para nos alertar.

Nós concluímos que essas mudanças estão interferindo no ciclo da produção agrícola.



Mandiocas.

PRINCIPAIS IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS [PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES]

O que mudou nos últimos vinte anos?

- Mudanças muito drásticas, nos tempos de inverno e de verão, prejudicando os planejamentos das plantações.
- Nos últimos anos, as comunidades perceberam um desequilíbrio no regime dos ventos, o que prejudicou a produção e trouxe muitos prejuízos.
- Perdas de sementes tradicionais, que ficaram desvalorizadas, o que favoreceu o uso das sementes oferecidas pelo Estado. Mas estas sementes são híbridas, não têm continuidade e não produzem mais de uma vez.
- Perdas da produção de manivas, milho, banana e feijão nos últimos anos.
- Diminuição da produtividade de farinha (base da alimentação nas comunidades).
- Doenças e pragas (lagarta nos milhos, lagartas nas manivas, saúvas atacando as manivas, as carás e as folhas de bananas, vermes nas bananas, lagartas e gafanhotos no feijão).
- Devido às secas mais intensas, nos últimos anos, outros animais como os macacos e veados estão atacando as produções, como tem acontecido com os pés de banana no Manoá.
- A duração de verões acima da média de tempo está desorganizando o trabalho das comunidades. A produção diminui e o preço dos produtos aumenta dentro das comunidades.



Foto: Quelton

Canas.



[ATAMYN AKA EXTRATIVISMO



foto: Raoni

Massaranduba na roça.

Mapyz Bacaba. **Waba** Açai. **Uchuru** Patoa.
Pukunid Inaja. **Kumarú** Cumaru. **Kubead** Paxiuba.
Iziary Balateira. **Wain** Pau-darco. **Kawaruti** Cajuí.
Pinhau wakyn - Copaíba. **Suwirik** Massaranduba.
Tain Queima-queima. **Maipen** Preciosa.
Sapurudai Pau-rainha. **Wataba** Envireira. **Parak** Cedro.
Zyyzan Banana-brava. **Zyp** Taperebá. **Piranhauba** Sucupira.
Kukuwiz Marimari. **Waz** Tucumã.
Kazuwadpar Araraúba. **Sum mada** Tawari.
Piwera Cupiúba. **Wizin** Samaúma. **Arana** Café.
Puray Alho. **Puaty tain** Orelha de macaco.
Wawax Cabeça de macaco. **Kyzui** Louro. **Bakupara** Cuquitiriba.
Mirixei Idinha, Caimbé. **Menhary** Paricarana.
Mach Anjico. **Kuzpat** Sucuba. **Mauu** Buritirana.
Bururukux Buriti. **Diyury** Araça Mirí.
Umiz Barbatimão. **Maryy tan** Salva-do-campo.
Mary ytan Congonha. **Xakui** Douradão. **Dardar** Capituí.
Kraseai Embaúba. **Turu** Jatobá. **Naty** Jutai.
Naty Orelha de burro. **Aru'tain** Jenipapo. **Saunura** Cajuí.
Kawaruri Coco-babão. **Xauramiz**.



- No mês de janeiro, é o tempo da bacaba. Nós aproveitamos para fazer vinho de bacaba. Os animais também consomem este fruto, como o macaco, o tucano, o jacu, o mutum, a arara, a jacamim, a jandaia.

- No mês de fevereiro, tem o jaraí que serve para nós, para todas as espécies de animais, e, também, para os pássaros.

- No mês de março, tem a massaranduba, que é madeira de lei. O fruto é alimentação do macaco Guatá, dos jabutis, das pacas, dos tatus, e, também, das pessoas.

- Mês de abril é mês da castanha. A castanha acabou de cair.

- Mês de maio é tempo de taperebá (que é o mesmo que a fruta cajá). Serve para os peixes, para os macacos guaribas e, também, para as pessoas.

- Mês de junho é a vez do buriti.

- A buritirana é bem pequena e, também, dá no mês de junho. Este fruto é comido pelos animais, como a anta, o veado, a paca, o jacu, o jabuti, o caititu, o tucano e também pelas pessoas.

- Mês de julho é tempo de açaí.

- Este produto serve de alimentação para os animais e para as pessoas.

- Agosto é o mês do caiaué.

- No mês de setembro, temos o Miri - **Kumiz**.



- Mês de outubro é o tempo do cajuí kawaruri, que é o caju do mato. Jabutis, antas e macacos também comem esse fruto.

- Mês de novembro é tempo de caju.

- No mês de dezembro, temos o jatobá.

Quando você está perdido no mato, o jatobá é muito bom. Também serve para remédio. E serve, ainda, para espantar espíritos que incomodam as crianças. Na Malacacheta, temos o conhecimento de que esta planta é muito boa para curar a anemia.

- Nós observamos, através do calendário, que quando o verão é forte demais, atrapalha a bacaba. A árvore fica carregada de frutos, e cai tudo.

- A Taperebá não dá fruto, quando é o caso de um verão muito forte.

- O jatobá não dá frutos todo ano.

- O verão muito forte é prejudicial para esses produtos e isso interfere, também, na vida dos animais.

- Quando está chovendo muito, os nossos avós falam que quando dá relâmpago, estraga alguns destes produtos.

Nós observamos, no nosso calendário da Malacacheta, que em relação ao extrativismo:

- O mês de janeiro é o mês das frutas florarem, como bacaba e patoá.

- Fevereiro é tempo das sementes de pau-rainha florarem.

- Março é tempo de taperebá e o buriti está verde.

- Maio é tempo de cajuí, jatobá, jutaí.

- Junho é tempo de amadurecimento e as frutas vão caindo, como o cajuí. É tempo de inajá.

- Julho o tempo é parecido em Jacamim e em Manoá-Pium.

- Nós notamos a mudança em relação a estes frutos. Tivemos muita laranja, no ano passado. Este ano, está diferente, os frutos estão apodrecendo e apresentando furos.

Ciclo do extrativismo no Manoá

- **Janeiro** – Copaíba. Fruto marfim (até fevereiro).
- **Fevereiro** – A estopeira está florando. O jenipapo está caindo.
- **Março** – Fruto da balata (diferente da massaranduba). Pitomba amarela. O amapá começa a cair.
- **Abril** – O amapá termina de cair.
- **Mai** – O taperebá está maduro. O taberebá é um fruto de inverno.
- **Junho** – O jenipapo e a inajá estão florando.
- **Julho** – No mês de julho, geralmente, inicia-se o tempo do anajá, que também é conhecido como coquinho. Além disso, o tempo de cajá, que também é conhecido como taperebá. E da azeitona braba (Xuruk), e da bacaba (Mapyyz). Neste mês, as frutas desta planta estão caindo.
- **Agosto** – No mês de agosto, é o tempo da massaranduba soltar as flores, finalizando com as frutas, no começo de setembro. E, também, da balata.
- **Setembro** – No mês de setembro, inicia-se os jatobazeiros e o jutaí. O jatobá é uma fruta bastante encontrada na área Manoá-Pium. Estas duas fruteiras também dão muitas frutas e servem de alimento para os animais, as aves, e o ser humano. O jatobá é uma fruteira que pode dar frutas por um longo tempo, por três meses. E, ainda, é o tempo do patoá (uchuru), e caimbé (iminhary) com fruto.
- **Outubro** – Início da floração das frutas nativas (buriti, mirixi, cajuí, taperebá).
- **Dezembro** – Colheita de jatobá, de caju, e de manga.
- **Janeiro e fevereiro** (verão) - Colheita de mirixi.
- **Setembro a outubro** – Período da formação dos cachos e frutos. Temos um desenho do buriti no calendário.
- **Agosto a setembro** – Final do inverno. Colheita de buriti.
- No extrativismo, observamos que o conhecimento dos mais antigos é bem correto sobre os períodos de floração até o amadurecimento. O ciclo do buriti começou em outubro do ano passado (2012), eles estão sendo colhidos neste outubro, agora (2013). Os que vão florir agora serão colhidos no ano que vem. O buriti produz de dois em dois anos, neste mesmo tempo. As plantas que produziram no ano passado vão produzir novamente em 2015.

No Manoá, observamos que as queimadas interferem na produção dos buritis. Esse tema já foi discutido nas reuniões comunitárias. Muitas pessoas fazem uma limpeza total e botam fogo nos buritizais. Quando os cachos estavam cheios, eles botavam fogo e depois percebiam que não dava buriti. Quando se queimou uma parte, e não queimou a outra, todos perceberam que o fogo descontrolado, a queimada, afeta muito os buritizais.

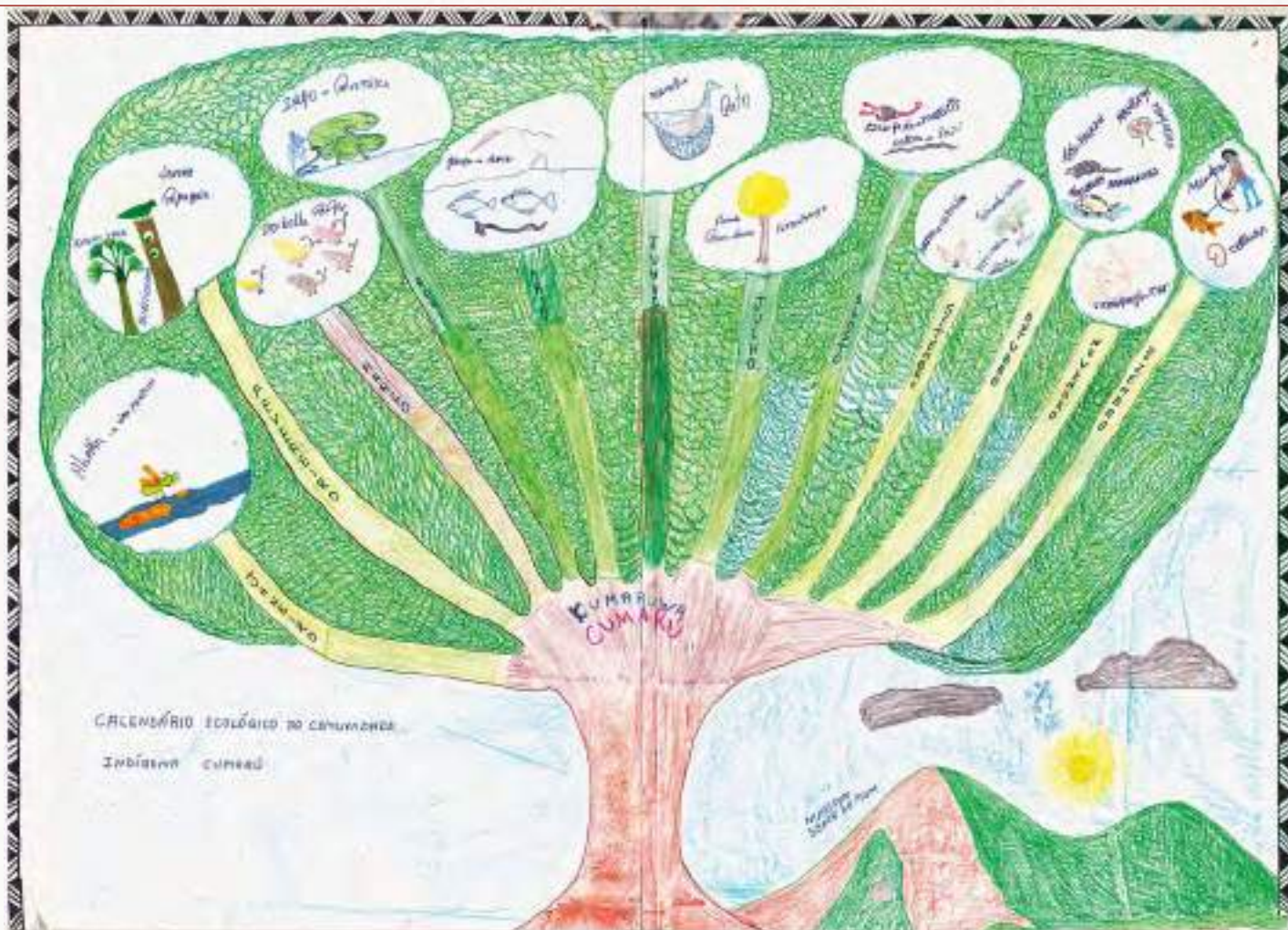
Na Malacacheta, esse ano, tem muito buriti. Hoje tem muitos cachos. As pessoas estão entendendo que é preciso manejar o buriti. Antes, lá no igarapé do Sebo, parecia que as saúvas tinham passado por ali, cortando as palhas. Hoje é uma área de conservação, porque ali fica bem perto do centro, bem na chegada da comunidade. Hoje, estão escolhendo as palhas, diferente do que acontecia antes, quando a palha era tirada ainda verde. As pessoas também estão construindo mais casas com telhas.

No Jacamim, temos bastantes buritizais. Nós usamos a palha de buriti para cobrir a casa e usamos o fruto para dar alimentação às criações. Na nossa terra, no mês de julho, o buriti vai florir até chegar dezembro. Eles não vão amadurecer da mesma forma. Neste ano, os buritis estão carregados. Já estamos começando a tirar os frutos para o consumo. Existe o manejo da retirada da palha para manter os buritizais produzindo. Em um ano, é tirado, em um buritizal, e no outro ano, ele é deixado descansando para produzir de novo.

PRINCIPAIS IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO EXTRATIVISMO [PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES]

O que mudou nos últimos vinte anos?

- Por causa das mudanças do clima, no caso de muito sol no verão, estamos perdendo muito da **bacaba**, porque quando ela começa a dar os frutos, eles estão ficando **secos**.
- A **ausência** de abelhas, morcegos e de outros pássaros está prejudicando a **polinização** destes frutos.
- Estamos observando muitos atrasos, como por exemplo, o caso do **ajaraí**. Antes, o ajaraí era coletado no mês de março e, hoje, ele está dando em dezembro.
- As **enchentes** também levam todas as frutas das árvores que ficavam no chão e serviam para a alimentação dos animais.
- Há 20 anos, nós encontrávamos muito **taperebá** na beira do igarapé. Nesse ano, praticamente não houve. O taperebá que está na beira de igarapés tem sido produzido na época certa. O que está fora, no mato, distante, tem sofrido alterações por causa da variação das chuvas no campo e no mato.
- A disponibilidade do **mirixi ocuba** (usado para pescar matrinxã), um fruto de inverno, diminuiu muito, em razão da pouca chuva na estação.
- As enchentes ocorridas, principalmente, nos últimos cinco anos, têm provocado erosão na beira dos rios e diminuído a oferta de **cumiriri**.



Calendário ecológico da comunidade indígena Cumari.



[BAIAYT KARY CAÇA



foto: Antônio/Marupá

Caça.

Porco queixada **bichi**. Porco catitu **bakyry**. Anta **kudui**.
 Capivara **kaxu**. Jabuti **wyrada**. Tatu **kapaxi**. Paca
urana. Cutia **sukury**. Macaco **puaty**.
 Tatu-canastra **maruru**. Tatu-bola **kabaz** beru.
 Veado-campeiro **aru**. Veado-mateiro **kuxara**. Onça
baydukury. Guariba **sybyry**. Cuati **kuach**.
 Tamanduá **tamanuwa**. Tatu-peba **kapaxi**.
 Mucura **iawary**. Raposa **waryyz**. Onça
 sussuarana **kuxaradin**. Tracajá **dazau**.
 Jacaré **atury**. Cutiara **adury**

• **No Jacamim**, nós fizemos um levantamento sobre a caça. Em maio e junho, na comunidade, a caça é feita no mato e no campo. É mais fácil pegar tatu, veado, anta, todos aparecem.

• **Julho e agosto** são meses mais difíceis para nós. Você pode sair para caçar por dois, três, até cinco dias, e não consegue, nem de dia, nem à noite. Dizem que todos os animais somem. Só no mês de outubro é que o jabuti vai andar. Então, começam a aparecer outras caças.

• **Novembro e dezembro** são meses de jabuti. Os veados estão reproduzindo.

• **Do mês de setembro até dezembro**, as águas estão baixando e, então, encontramos muitos tipos de caça. Caititu, queixada, paca, anta e jabuti. O tatu-canastra é mais difícil de encontrar, mas também é visto nas comunidades. Muitos tipos de aves também ficam no mato, beirando o rio. O tatu-peba e o tatu-bolinha ainda existem. As cotias, também, ainda são muitas.

- Na beira do rio Tacutu tem muitas capivaras. Esses animais de caça aumentam em número, quando encontram muitos frutos para alimentar seus filhotes. Os macacos, também, têm a quantidade aumentada nesta época. Algumas pessoas se alimentam dos macacos.
- Os animais que estão diminuindo são: veado, anta e tatu-canastra. O veado-campeiro quase não existe mais. No entanto, ainda existem alguns veados na capoeira.
- Segundo os mais velhos, estes animais estão diminuindo porque a população está crescendo.
- No inverno, quando acontecem enchentes, algumas vezes, pegam os animais de surpresa. Muitos deles, como as cotias, acabam morrendo afogados, assim como os tatus e os jabutis.



Entrevistei o Sr. Joaquim da Silva e a Sra. Madalena Belarmino.

*Perguntei a eles: “Como era antes, a caça de vocês? Como acontecia, há 20 anos?”*20 *Esta foi a resposta:*

Meus avós me falaram que, naquela época, existia muita caça. Que chegava em casa com tatu, jabuti e paca... E ninguém usava espingarda e nem lanterna. Para caçar, era só com cachorro, flecha na mão e facão, estas eram as armas deles.

Curava o cachorro para ser bom caçador de animais do mato, como veado, anta e caititu. E não existia arame para fazer o bico da flecha, só faziam com madeira, que é chamado de piritó, e canela de jacamim, além de várias madeiras que servem para os povos indígenas, que fazem vários tipos de arco como piritó, palmeiras e outros.

O arco é feito de madeira, que é chamada de piritó e é muito importante para os povos indígenas da comunidade, além de servir para os animais se alimentarem com os seus frutos. Também não é encontrada em qualquer mato, ela fica mais para dentro da mata virgem. Ela precisa de corda para esticar, para, assim, matar qualquer animal com a flecha. Esta é uma planta do mato que, há muito tempo atrás, os mais velhos usavam para matar alguns animais silvestres e, desta maneira, sustentavam os seus filhos. Até agora, ainda existem as árvores de onde são tiradas as flechas.

Então, o arco e a flecha são o nosso costume e a gente nunca vai deixar de ser indígena da comunidade de Jacamim. Os antigos povos também não usavam a linha de pesca, eles plantavam o curaua para tirar as fibras e faziam as linhas dos antigos. Não existia anzol, malhador, tarrafa como timbós, eles foram pegar o arame numa fazenda da Guiana, muito longe e grande é a dificuldade para se chegar até lá.

• **Na Malacacheta**, no mês de **janeiro**, nós observamos através do nosso calendário que os animais, como o veado e a cotia, entram no cio.

- **No mês de fevereiro**, as jabotas começam a desovar.
- **Março** é o tempo dos caititus, que começam também a andar e as fêmeas ficam no cio. Os animais circulam mais.
- **Em abril**, os filhotes de jabuti já estão grandes e começam a seguir seus caminhos sozinhos no início do inverno.
- **No mês de maio**, as frutas caem e os animais comem.
- **Em junho**, os tatus estão com filhotes.
- **Agosto** é o mês das cobras. Elas estão muito peçonhentas. Os caçadores que se arriscam sair para o mato podem ser atacados.
- Quando as plantas estão florando, o tempo é bom para caçar.
- **No inverno**, os animais vão para áreas mais altas, que chamamos de restinga. Ali, é mais fácil de caçar, porque os animais ficam ilhados. É mais perigoso, também porque cobras e onças se juntam. Tem muito tatu e cotia.
- Tem muitas capivaras que vão buscar comida dentro da área. Macaco, ainda tem muito, porque o pessoal não está comendo mais muito macaco.

Manoá-Pium: ciclo de vida dos animais

- **Fevereiro** – no verão, é tempo de reprodução dos tracajás, quando eles põem ovos.
 - **Março** – é final de verão e o mutum está chocando seus ovos e cantando.
 - **Abril** – início de inverno, período de reprodução das cotias.
 - **Mai a julho** – temporada de reprodução dos tatus.
 - **Julho** – inverno e período do cio da onça esturra.
 - **Agosto a outubro** – final do inverno e início do verão, e também início da temporada de reprodução do jabuti. Período de acasalamento.
 - **Outubro** – é verão e as queixadas estão com filhotes.
-
- **No Novo Paraíso**, a Sra. Isabel falou sobre a diminuição da caça e a necessidade de projetos de criação de animais para dar um tempo para a caça aumentar novamente. Antigamente, a região era muito rica de caça, tinha pouca gente e muita mata.
 - As enchentes no Jacamim também afastam um pouco as caças.
 - **Na TI Manoá-Pium**, todos os animais citados existem em pequenas quantidades. Antes, as pessoas caçavam os animais maiores. Mas como eles se afastaram, as pessoas começaram a caçar os menores.
 - Anta, por exemplo, é um animal muito difícil de se encontrar. Muitas pessoas nunca viram uma anta. No Cumaru e na Cachoeirinha do Sapo, onde ainda existe uma parte de mato, alguns desses animais de maior porte podem ser encontrados.
 - Primeiro, nossos avós sabiam em qual tempo as pacas e as queixadas estavam amojados. Atualmente, os integrantes da comunidade não estão sabendo como identificar quando os animais estão com filhotes na barriga, e acabam matando animais grávidos.

PRINCIPAIS IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA VIDA DOS ANIMAIS [PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES]

O que mudou nos últimos vinte anos?

- Os verões muito fortes têm prejudicado a reprodução de alguns animais, como por exemplo, o caititu.
- Percebemos que o tempo muito quente tem interferido na dinâmica dos rios e igarapés, interferindo também nas populações dos animais.
- A seca de alguns igarapés, nos últimos anos, tem interferido na movimentação dos animais, como é o caso dos porcos.
- Os filhotes dos animais estão sofrendo mais com as secas e muitos estão morrendo, por não conseguir beber água nos poços, que estão secando completamente nos verões.
- Está diminuindo a disponibilidade de alimentação para os animais.
- A necessidade de fazer roças na beira dos rios está provocando assoreamento dessas áreas, além de diminuir a quantidade de água. Isso também tem afastado os animais.



[KUBAWYP KARY PESCA



Caparari **araram** . Surubim **kuryz** . Jandiá **kinyd**
dary . Mandubé **puruab** . Lira **urudud** . Mandi-alemão
waramaxi . Braço de moça **turyd** . Mandi-rajado
katyzyd . Cambéu **kinid** . Casa velha **makawak** .
 Cangati **imiiz** . Peixe breu **amadik** . Barba-chata. Peixe-
 catitu **bakyry** . Peixe-lenha **kuryz zuwan** .
 Mapará. Piranha **pirain** . Pacu-açu **waichia'u** . Cará barrasco
azam . Cara-pequeno **diburu** . Traira **zichab** .
 Jiju **karaxai** . Jacundá **kiyd** . Peixe-cachorro **xiwiz** . Piabão
kizip . Branquinha **diaudiau** . Xidau **sabay** .
 Aracú **kamynary** . Curimatã **zuru** . Piau **kuwan** .
 Matrixã **kutii** . Mamuri **kizzpid** . Tucunaré **parizab** .
 Sulamba **arawan** . Pirandirá **daubaru** . Pirandirá terçado.
 Sarapó **wazau** . Pirapucu **murui** . Sardinha **kadakub** .
 Pescada **watukup** . Traira preta **suuz** . Acari
xazudad . Bagre **warawara** . Cachimbo **suuwirik** .
 Cuicuiu **kuzukuz uu** . Bacu. Cascudo grande
madary . Cascudo **utu**

Na comunidade **Jacamim** ainda tem peixes. Não são os peixes grandes, como antigamente, mas tem muitos. Primeiro, as pessoas usavam muito os malhadores e isso diminuiu muito a quantidade de peixes. O que mais se usa, para pescar, é o anzol.

No inverno, os peixes sobem o rio para a piracema. A água no rio Tacutu está ficando poluída e muitos peixes estão morrendo. Então, as pessoas estão escolhendo os outros rios – como o Jacamim e o Urubu – para fazer suas pescarias.

O inverno fraco atrapalha a subida de muitos peixes. Nos igarapés, nós pegávamos curimatã, matrixã, até mesmo surubim, no rio Taboca, perto do castanhal. Eles estavam aproveitando o jenipapo e o taperebá. De lá, eles vêm gordos, depois de comer frutas.

No começo das enchentes, o primeiro a subir é o jiju. O pessoal usa tarrafa, mascareta e anzol.

Janeiro e fevereiro é o tempo da pescaria com malhador, flecha e anzol.

Em abril, quando o inverno está começando, na primeira chuva, os curimatãs sobem pelos igarapés. Nós informamos aos integrantes das comunidades para não pegar tantos peixes na época da piracema.

Maio é um mês bom de pescar porque os peixes que estão subindo o rio são maiores.

Em junho, os peixes já estão achando comida. Nesse tempo, é difícil pescar de anzol porque os peixes estão satisfeitos.

O mês de julho é o pior mês para a pesca. Os peixes estão na cabeceira dos igarapés.

Em agosto, eles começam a descer. É quando acontecem muitos trovões.

Em setembro, as águas estão baixando e os parentes pegam peixes grandes como o jaú.

Em outubro, já não dá para pescar com malhador.

Novembro e dezembro são meses bons para a pesca.

Mandi, aracu, matrinxã, surubim. Ainda existem esses peixes maiores. Hoje em dia, o que pegamos mais é o mandi.

Os antigos colocam o timbó para matar os peixes de um jeito muito diferente de como fazem hoje em dia. Por exemplo, eles colocam hoje, e, amanhã, vão olhar novamente se ainda tem peixe, ou não. Eles não estragam os peixes, os parentes vão pegar tudo o que tiver na água. Hoje, muitos parentes colocam o timbó e deixam lá por mais de um dia. Os peixes morrem, estragam, e as pessoas não aproveitam os peixes.

Falando pouco do malhador e tarrafa, os nossos avós disseram que até 1950 não existiam estas coisas. O malhador apareceu no ano de 1981, quando a FUNAI doou os primeiros malhadores aqui na comunidade.

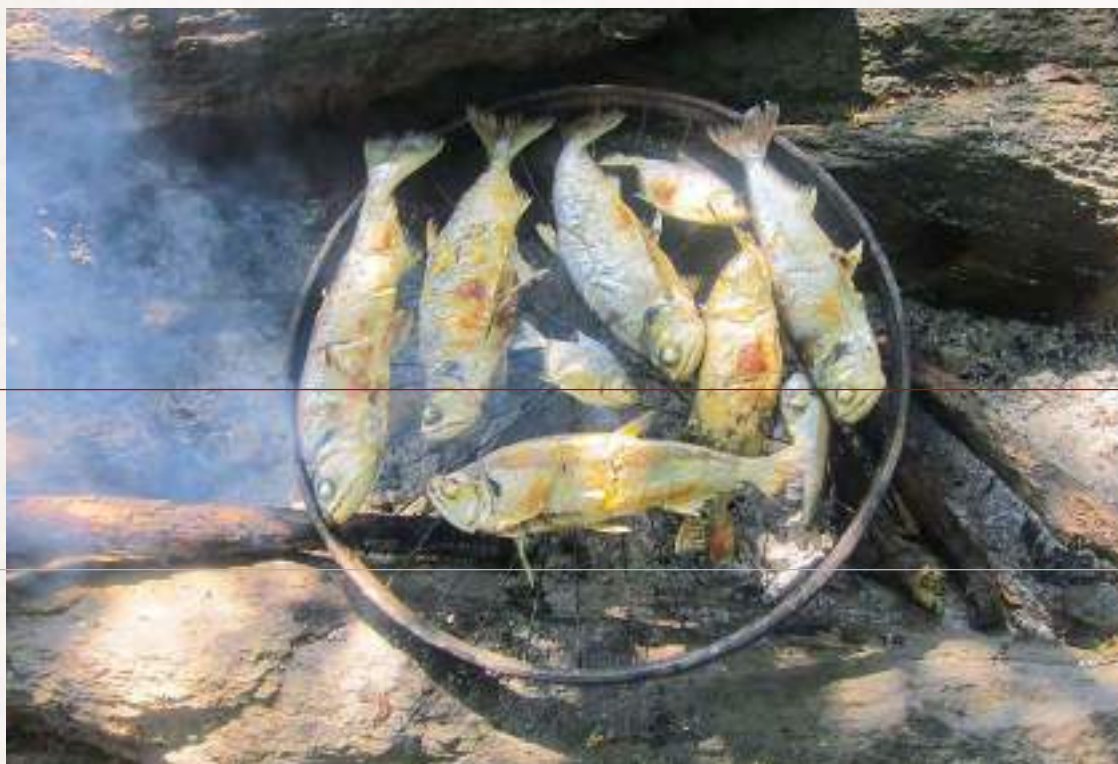


Foto: Paulino

Na Malacacheta, no mês de janeiro, todos sabem que é época de verão e muitas pessoas saem para pescar. Alguns levam malhador, outros gostam de mergulhar e usam a mascareta.

Em fevereiro, continua o verão. Em alguns anos, os rios começam a secar e então eles se apartam. As pessoas aproveitaram porque é uma boa hora para pegar os peixes que ficam entre os rios.

Em março, começam as primeiras chuvas. **É uma chuva para alegrar os peixes**. Quando é março, abril, maio, é a época em que começa o inverno. Os peixes fazem o movimento para desovar e sobem para as cabeceiras.

Em junho e julho, o rio já encheu e muitos peixes o sobem. Na nossa comunidade, ainda encontramos alguns peixes grandes. O mais pescado é o **mandubé**.

Nos meses de agosto, setembro e outubro, os peixes começam a descer e a se preparar para o verão. Vão procurar as partes mais fundas e, então, fica bom para a pesca. Algumas pessoas aproveitam para usar malhador.

De novembro a dezembro, já começa novamente o verão e qualquer pessoa pode pescar.

Observamos que, nos últimos vinte anos, os rios estão secando e os peixes pequenos acabam morrendo. Os igarapés pequenos, muitas vezes, secam e as pessoas encontram apenas os esqueletos dos peixes.

Antigamente, no mês de janeiro, as pessoas colocavam muito timbó e isso prejudicou um pouco as comunidades porque morreram muitos peixes e isto prejudicou a reprodução.

Nos meses de junho e julho, os peixes começam a se espalhar.

A chegada do malhador na comunidade também foi um prejuízo. O rio da Malacacheta segue para o rio Branco. Com o uso de malhador, depois da piracema, eles cercam a passagem, pegam muitos peixes, mas não deixam os peixes chegarem para as outras comunidades. Na nossa avaliação, o uso do malhador e do timbó trouxe alguns prejuízos para a comunidade. Os parentes colocam o timbó e acabam com os peixes. Nossos pais disseram que antes existiam muitas sulambas e surubins, mas que hoje, para se pegar uma sulamba no malhador, é como achar uma pedra de ouro.

Ciclo da pesca no Manoá-Pium

Janeiro – verão, início da reprodução. Os peixes estão ovados.

Maio – início do inverno e os peixes começam a desovar.

Junho e julho – os peixes estão magros.

De agosto a abril – os peixes estão gordos. É final do inverno.

A alimentação da comunidade é baseada, principalmente, na pesca. A pesca é mais importante que a caça e a coleta. O peixe é essencial para nossa vida e alimentação.

Manoá-Pium, hoje, está praticamente pobre de peixes. Não há mais tanto peixe. As pessoas estão consumindo

peixes de Boa Vista, que são levados para vender na comunidade.

O Sr. Arnaldo propôs que as pessoas não pesquem nos períodos de reprodução. O problema no Manoá e no Pium é que as pessoas pescam para consumo, mas também pescam muito para a comercialização e isso pressiona os estoques de peixes.

Nós temos tentado informar à população, nas reuniões comunitárias, para que controlem as pescarias desordenadas. A pesca com mascareta não é da nossa tradição e ela afugenta os peixes. Eles pescam de mascareta, fora de hora, e isso prejudica os peixes.

O clima tem afetado a pesca em diversos fatores. No Manoá, os igarapés estão secando e dificultando a subida dos peixes. Além da ação do homem, a natureza também está completando este impacto. Na Malacacheta, as secas prejudicam principalmente os lagos.

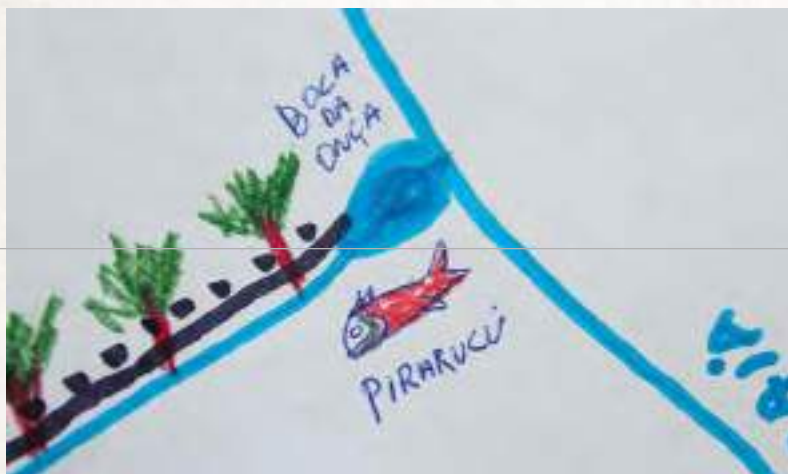


foto: Lucas Lima

PRINCIPAIS IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NOS PEIXES [PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES]

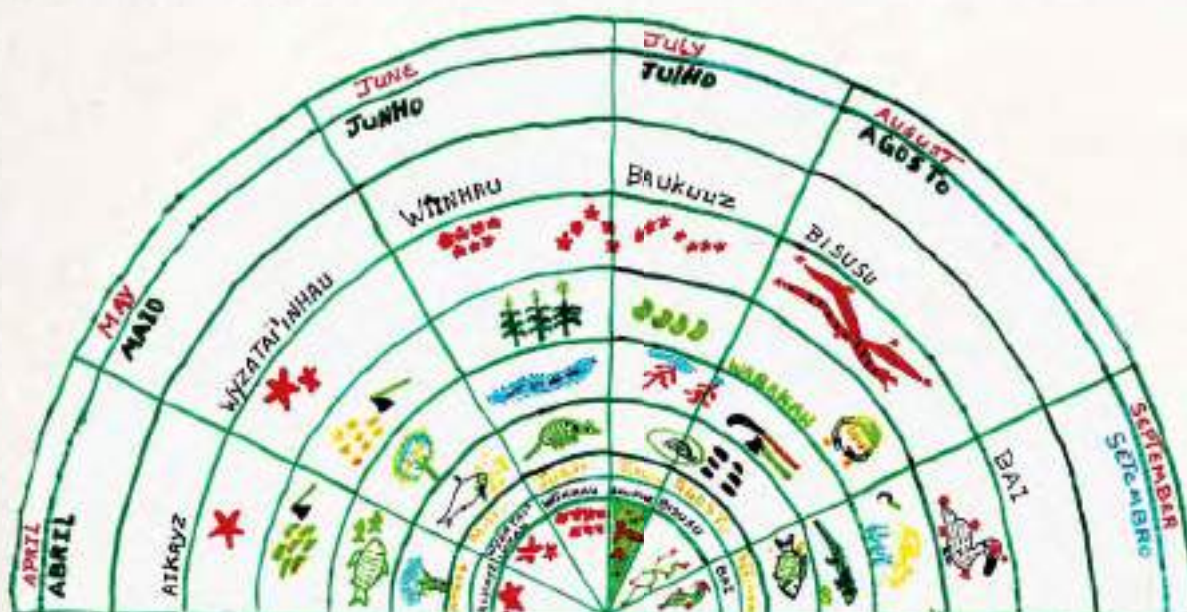
O que mudou nos últimos vinte anos?

- Os últimos invernos foram anormais. Não encheram os igarapés da mesma forma, prejudicando a subida e a reprodução dos peixes.
- A baixa muito rápida das águas prejudicou a passagem dos peixes de um lago para o outro e muitos peixes estão morrendo.
- O calor excessivo tem prejudicado a reprodução dos peixes.
- Já foram encontrados surubins, tucunarés e mandis, mortos na beira dos igarapés.
- Observamos mudanças na chuva do boiaçu, que tem provocado a morte de muitos peixes, mudando o ciclo de reprodução.

PARTE III

AMAZAD PANA' ADINHAN. PERCEPÇÕES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS DA REGIÃO SERRA DA LUA SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS





Waynau wakainhab tan amazad wiiz nhau dia'an, waparadan dia'an i dakut kau winhau. I tipchan dun naa aukaz ii wawyn dunuzun naa.

Nós fazemos nossa previsão do tempo através das estrelas. Quando as “sete estrelas” desaparecem no céu, na nossa língua, *Wiinhau*; sabemos que o inverno está se aproximando.

(Sr. Luciano, integrante da Comunidade Wapum)

Em 1982, como ainda me lembro, naquela época, deu bastante verão, e, com isso, as nossas plantações foram destruídas por causa do sol, e muita praga, durante um ano sem chuva.

Depois de um ano em que choveu, mas não deu inverno forte. No ano de 1985, também aconteceu um grande inverno e naquela época novamente fomos prejudicados porque nossas plantações foram estragadas por muita chuva.

(Sr. Luciano, Wapum/Entrevista ao ATAI Raoni).

foto: Alessandro Oliveira



Comunidade Wapum.

Inverno na comunidade Jacamim²¹

Como o inverno prejudica a comunidade, as casas, as doenças, as plantas, os animais, os peixes, as estradas e o transporte?

A comunidade Jacamim é muito prejudicada no inverno porque, quando chove muito, isto causa prejuízos para as pessoas. As paredes das casas ficam caindo, e, também, o inverno causa doenças para as pessoas. Causa problemas, ainda, para os alunos, que ficam faltando às aulas, por causa das enchentes.

Na enchente, muitas plantas estragam. Principalmente as mandiocas, porque, às vezes, a água passa por cima das roças, ou, até com os animais e peixes, eles se afastam. Alguns animais morrem afogados e os outros se afastam para longe.

Quando chove todos os dias, as pontes ficam embaixo da água. Muitas vezes, se passam uma ou duas semanas, por isso, ficamos sem transporte. Então, o inverno forte prejudica a comunidade indígena Jacamim.

21 Texto José Davi Manduca



Mudanças climáticas em nossa comunidade Malacacheta

De acordo com as entrevistas realizadas no período de 20 a 29 de julho de 2012, foram relatadas várias informações sobre as mudanças climáticas em nossa comunidade indígena Malacacheta – Jacaminzinho, ocorridas nos últimos 20 anos, da seguinte forma:

Os entrevistados relataram sobre a produção agrícola, que não era do mesmo jeito que é hoje, pois, segundo eles, já perderam alguns tipos de produtos por conta das mudanças climáticas que vêm ocorrendo a cada ano; antes, os produtos de roça eram colhidos no tempo adequado, as plantações eram feitas no tempo certo. Com o tempo, acabou ocorrendo a desvalorização dos produtos, como por exemplo, das manivas, das bananas, etc., que estão sendo substituídas por outros tipos. Antes, existia mais variedade.

A caça e a pesca, no decorrer desses últimos 20 anos, eram atividades muito frequentes. Mas, com o desmatamento e as queimadas, além do aumento da população na comunidade, foram ficando mais difíceis. Havia muitas antas, veados, pacas, cutias, tatus, queixadas, capivaras, caititus, jacamins, jabutis, araras, mutuns, jacós e outros animais.

Em relação à pesca, os peixes eram muitos. Hoje em dia, não existe mais aquela quantidade de antes, pois, com a chegada à comunidade de redes de pesca e tarrafas, além do uso de timbó e a poluição na água, a pesca não tem como descer para outras partes, ou subir para desovar. Alguns peixes já estão em extinção, como por exemplo: o sulamba, o tucunaré, o caparari, o pirarara e outros.

Tanto as madeiras, como os frutos nativos, que antes eram muitos, com o aumento da população, foram acabando e ficando extintos. Uma das causas foram as roças, tornando difícil a colheita de bacaba, de açaí, de patoá e etc. E, também, pela tirada de madeiras, pelas muitas queimadas, prejudicando, não só a comunidade, mas também a situação climática. Entretanto, nossos costumes estão sendo esquecidos. Anteriormente, as crenças eram muito respeitadas, mas atualmente não se vê mais isso. Enfim, devemos cuidar das nossas florestas, animais e outros recursos, pois dependemos deles, é nosso ambiente onde vivemos.

Lucíola Mota de Sousa

No dia 24 de julho de 2012, às 8h, fui até a casa de dona Lucíola, que trabalha como parteira e com remédios caseiros, e é aposentada, da etnia Wapichana, 11 filhos, moradora do Jacaminzinho.

Ela relatou várias informações de 20 nos atrás, disse que era melhor para plantar, que já perdeu vários tipos de maniva e agora tem as seguintes variedades: amarelão, jaca, folha fina, seis meses, acode-fome, macaxeira (roxa e jacaré), jabuti; ela perdeu as mudas de bananas boas, pois mudou o clima e também deu vários tipos de doenças.

A caça e a pesca tinham várias e muitas. Segundo ela, as caças foram acabando, por causa dos desmatamentos das florestas e queimadas sem controle, e os peixes foram sendo extintos pelo aumento da população e alguns químicos que colocaram nos igarapés. Relatou, ainda, como as madeiras, que eram muitas, e de vários tipos, e que chegaram a ser vendidas por pessoas da comunidade, também se acabaram devido às roças. Disse como foram acabando as bacabas, os patoás, os açaís e outros frutos nativos. Portanto, foi muito bom buscar conhecimento, para que possamos valorizar e preservar as nossas terras e o nosso ambiente.

Suzana de Sousa

Em busca de conhecimento sobre as mudanças climáticas, procurei informações com a Sra. Suzana de Sousa, da etnia Wapichana, moradora da comunidade Jacaminzinho. Segundo ela, tudo que era bom ficou para trás. Os tempos de plantar e os tempos de verão, que chegavam nos meses de março, abril e maio, os tempos de inverno, junho, julho e agosto. Pois, antes, tinha o tempo certo de chover. Mas, hoje, está tudo mudado no clima.

Por conta dessas mudanças, ela veio a perder os tipos diferentes de maniva, como: sabiá, jacaré, cariri e macaxeira. Ela tinha adquirido essas manivas da Malacacheta e agora chegou a perder, deixando de repassar a seus filhos e netos. As pescas também tinham muitas, nunca faltou peixe em sua casa, mas agora não há muita pesca. Isso está acontecendo por causa do aumento da população, que está acabando também com as caças, que estão sendo extintas. Isso acontece pela destruição das florestas, através de queimadas que têm afastado as caças, disse ela.

Para melhorar, ela recomendou que, em vez de só caçar, a nossa comunidade devia criar animais como porco, galinha, pato.

Ela também informou que tinha muita madeira, não era longe, era tudo perto. Mas que estão acabando por causa das derrubadas para fazer roças. Ela disse que talvez seja por causa disso que estão ocorrendo as mudanças no clima de hoje, que não deveriam se derrubar as bacabas, os açais e os patoás, por exemplo.



Sr. Edgard Antônio da Silva (foto, ao centro).

Uma conversa no meio da mata

Sr. Edgar Antônio da Silva – Na primeira vez em que eu cheguei aqui, era muito diferente do que é hoje. Depois de 1999, bem por aqui mesmo, nos igarapés, a água era bem limpa e tinha muito peixe, naqueles igarapés que nós passamos, tinha muito peixe e as caças iam beber água, e lá, onde passamos, tinha muita caça, como porcão, caititu, jabuti, mutum.

Esse é o tempo de fruto de balata, porém, hoje, por onde nós passamos, tem pouca fruta de balata. Era para nós encontrarmos jabuti, mas não encontramos. Tem, mas estão escondidos aí, no mato.



foto: Nicodemos

Antes, era normal ter o período de verão e o de chuva, tudo no seu tempo. Mas agora, já mudou. E a chuva está vindo, no período de verão, por isso, muitas frutas não estão dando. É verdade que muita coisa está mudando, a população está aumentando, não só nós, que estamos nessa área, tem o pessoal do Novo Paraíso, de Manoá-Pium, de Cumaru, e nós temos essa pequena mata, por isso, as nossas caças estão acabando.

O tempo mudou, mesmo. Imagino como será daqui a 20 anos, penso que vai ficar pior. É bom a gente parar um pouco de caçar, pescar, derrubar mata, pra poder aumentar a caça e a pesca.

Não está dando fruto, como antes, não temos mais abóbora, nem melancia, está pior, pois, a planta não cresce, não é como era antes, quando eu plantava. Melancia, tinha muito. Hoje, o mamão está morrendo a folha fica amarela, mas antes, não era assim.

Quando eu fazia minha roça, ficava alegre quando via minha mandioca bem carregada. Hoje, eu não posso dizer que está tudo bem com as plantas, por causa das mudanças climáticas, porque a gente plantava e dava milho, e hoje não dá mais. Todo mundo lembra quando plantávamos jerimum. Dava muito. Mas agora, não temos.

Sr. Adão – Acho que não é só nós, que estamos morando aqui, nessa área, que somos moradores daqui, do Paraíso. Não derrubamos muita mata, não como os brancos, que derrubam mata da beira do igarapé do Manoá, como vemos quando a gente vai ali, na área do picadão. Nossos parentes derrubaram a mata, aí, queimaram a mata, e, quando choveu, as folhas foram levadas para os igarapés. Por isso, estão acabando com tudo, com o peixe, com a caça.

Vocês podem ver que a mata daqui, do Paraíso até no Sapo, ainda é mata virgem. Quando chega na comunidade do Pium, tem um pequeno lavrado. E quando alguém entra na mata, só tem área de juquira, não tem mais mata. No Pium, não tem mata como nós temos aqui, mas aqui nós não derrubamos muito. Não chega nem a dois quilômetros.

Sobre a plantação: como eu falei antes, desde 2004, o pessoal chegou e começou a derrubar; e a área de mata, por isso, foi ficando menor... Por isso está **esquentando muito, a mata** virgem está longe. Antes, eu plantava melancia, abóbora, batata, e dava. Agora, não está dando como antes; é por isso que eu digo que está mudando. Cará e cana também não estão dando, como banana também não.

Sobre a caça: antes, tinha muita cutia, bem por aqui, mesmo, não vai longe não, a cutia ficava bem perto da casa. Mas hoje, você não consegue mais, não. Tinha também capivara, caititu, veado, mais perto e fácil de encontrar. A queixada, o porcão, também tinha muito. Tem um lago, onde sempre a gente encontrava os dois. Hoje, derrubaram as matas da beira do lago, fazendo roça, e já não encontramos mais esses animais nesse local. É bom quando o pessoal ajuda agente, dá comida para a gente, para nós acabarmos com as caças.

Sobre as manivas: temos a maniva de seis meses, a amazonas, a macaxeira... Porque, quando eu cheguei aqui, já tinham essas manivas; hoje, tem macaxeira bem amarela, e muito boa, tem também macaxeira ovo de galinha, e eu não tenho mais essa maniva. Eu perdi e nunca mais encontrei essa variedade, porque morreu. Mas eu encontrei outra maniva, e dando ainda mais. Eu acho que, daqui para depois, não vai dar mais, principalmente se a gente não pensar em renovar a maniva. É por isso que estamos perdendo a nossa maniva.

Sobre os peixes: na primeira vez em que cheguei aqui, tinha muito peixe, mas não peixe grande, não, porque aqui não tem rio, e quando você ia pescar, você voltava rápido, com sua sacola cheia de peixe. E agora, você pode ir pescar, passar um dia e uma noite, mas você não pega mais nada. Foi quando eu vi que também há mudanças nos igarapés, também há muitas pessoas chegando, que vão pescar, todos os dias e à noite, e, é por isso que os peixes estão acabando. Também, os parentes estão comprando malhador piabeiro, e pegam tudo, mesmo. Porque malhador piabeiro não escolhe nada, pega tudo, mesmo. Agora, estou pensando em mandar o pessoal ajudar a gente pra fazer um açude para criar peixe. É assim que eu vejo que é uma grande ajuda: aí, nós não vamos pescar, não vamos mexer com os peixes, por um ano, por dois anos, desta forma, vai aumentar a quantidade de peixes.

Frutos da mata – Na primeira vez quando eu cheguei aqui, quando eu ia no mato, via muitos jatobás estragando a fruta da balata; também estragavam o cajuí, o jarai, e a taperebá. Mas hoje, agora, o cajuí não está dando mais, está caindo. Só encontramos três, bem pequenos, porque antes tinha anta debaixo do cajuí. Tinha outra fruta, a uwawaz, naja (fruto comestível). Mas todos esses frutos diminuíram suas produções. Antes, quando dava fruto, eu gostava de caçar, principalmente, quando estava dando fruto e eu chegava, ou eu ia, e era só pegar. Nesses dias, eu fui lá e não encontrei nada, voltei com fome. E quando está dando fruto na mata, dando todos os frutos, a gente não passa fome porque a gente come jatobá e outras frutas. Todas as coisas mudaram mesmo, plantas, igarapés, rios, floresta, caça, até a mangueira não quer dar fruto hoje em dia.

SOBRE DESMATAMENTO E MUDANÇA DO CLIMA

Antes, não era como hoje, não havia muita gente, ninguém derrubava a mata, a mata estava perto, aqui, ficava **frio**. Agora, a população esta aumentado, estão derrubando a mata, e é por isso que está **esquentando**. Antes, a gente botava roça na mata, estava bem, ficava bem frio, aí plantava milho, macaxeira, mandioca, abóbora, melancia e cresciam bem grandes. Desde que eu cheguei aqui, no ano 2000, estava bom, 1, 2, 3 começou a mudar. Aí, o rio, onde tinha água, hoje, começou a secar. Desde então, eu penso que é a mudança, por isso, eu sei que está mudando.

Entrevistado – Edgar Antônio da Silva. Comunidade Novo Paraíso

Quando cheguei, era frio.

Meu nome é **Maria Isabel Jorge**, moro na comunidade Novo Paraíso. Tenho marido, seis filhos, três homens e três mulheres, e onze netos. Atualmente, exerço a função de coordenadora Local da OMIR.

O tempo, hoje, está diferente. Quando cheguei, era rico em caça, a planta era bem produtiva, tinha muitas árvores silvestres, que davam muitas frutas.

Nesse ano, percebi um aumento de temperatura, as plantas cresceram, mas logo secaram, por causa do calor do sol. Quando cheguei, **era frio**, hoje não é mais. Porque estamos acabando com a natureza, porque abrimos grande parte da mata para fazermos roça.

Nas assembleias dizem pra não destruir a mata, “só estamos fazendo roça na capoeira”.

Fazemos roças nos tesos e não nas baixas, por isso não produzem bem. Na minha roça, tem seis tipos de maniva: amazonas, seis meses, kamuu wayn, catitu, macaxeira.

A maniva amazonas, nós pegamos dos parentes. Tem este nome porque vem do Amazonas. Uma pessoa que foi ao estado do Amazonas e viu que a maniva era bem carregada. Logo, trouxe para Roraima.

A maniva seis meses, nós pegamos da lavoura, ela tem muita goma e a mandioca é grande. A maniva kamu wayn é chamada assim, porque é a maniva apropriada pra o verão, pois ela suporta o calor.

A maniva caititu é chamada assim porque o caititu gosta de comê-la e a mandioca tem a casca vermelha.

Aqui, no Paraíso, passamos para todas as famílias para aumentar as sementes. Passamos as manivas para as pessoas das serras e elas levaram quatro carradas de caminhão, e, sempre que podemos, nós ajudamos as comunidades de Guariba, Flexa e Raposa.

As roças, nós cuidamos com as capinas, que é para crescer bem e produzir: a banana, o mamão, a melancia, e outros... Nas atividades da comunidade, apoiamos, através de *ajuri* (mutirão), e, também, com alimentação. Mas nós falhamos, porque nós não nos reunimos com frequência.

Os peixes e as caças não têm mais bastante, como antigamente, hoje tem muita gente. Os lagos, onde ficam os peixes, secaram.

Os frutos também não tem mais, fizemos pequenas roças, não podemos mais plantar muito, se fizer roça pequena, não é bom para a planta, pois ela se sente sufocada. E se fazer roça grande, **a planta respira** e cresce bonita.

Antigamente, quando derrubavam, plantavam tudo o que se queria, e, assim, conseguiam o sustento da sua família.

Depois de vinte anos, vimos que está difícil encontrar a caça, por isso é melhor fazer a plantação para poder ter dinheiro e comprar carne. Porque está difícil a caça, e, a pesca, também.

Quero que nós fiquemos unidos para decidir como vamos levar a nossa comunidade a melhorar. Tem muitas pessoas que estão terminando o ensino médio, que vão nos ajudar sobre como vamos nos organizar. Pessoas que vão buscar projetos com as autoridades. Queremos que as plantas, a caça e a pesca melhorem. Pensamos em arado, pois assim poderemos produzir, e também queremos pessoas que vão até Brasília, para nos representar.

Entrevista e tradução: Paulino

Acondar → Plukudan

banhando → ka'upitinhue

Fazer fogo → tumpam tinez

Servindo damuriã
ma'ukupam padamuriã
aig.

Ser acunhando para a
a sua roça
minzi'utinhom

Mulher vai a sua roça.
zyn makim yakapit.

Mulher tirando
mandioca.
zyn zui'ut pan
kanyg.

ROTINA DAS MULHERES ZYNA U KAYIINKIZ



Rotina das mulheres

Aqui, vou comentar um pouco sobre os impactos dos verões fortes demais, e invernos fortes, na rotina das mulheres.²²

Aqui, é só uma mulher e o seu filho, que eu desenhei. Ela está comentando sobre essas mudanças para o seu filho, para ele ficar sabendo sobre esses verões e invernos fortes, sobre as mudanças climáticas.

Para que, mais tarde, quando ele formar a sua família, já tenha base de qual é o mês de verão forte e o inverno forte, também. Nos meses de setembro e outubro, é o verão mais forte. É o tempo das mandiocas serem fofas e as manivas murchas, como, por exemplo, da mandioca seis meses, que não aguenta verão forte, ela fica logo fofa.

É por isso que essa mulher que está no desenho está trabalhando na mandioca. No inverno mais forte, nos meses de junho e julho, chove muito, alaga tudo, alaga as roças das pessoas. Nesse tempo, a mandioca estraga e vira puba. Mas essas mandiocas, nós, mulheres, aproveitamos para o consumo ou vendas. Fazemos farinha, beiju, caxiri e tiramos goma para vender.

²² Texto e trabalho gráfico de Geniveive a partir do diálogo com as mulheres.

Últimas palavras: percepções e ações²³

Este volume é resultado do trabalho dos Agentes Territoriais e Ambientais Indígenas, desenvolvido em suas comunidades da região Serra da Lua, em Roraima. Os estudos de caso realizados em Jacamim, Malacacheta e Manoá-Pium trouxeram muitas informações sobre o atual contexto socioambiental nestas três terras indígenas. Estas informações serão valiosas para a implementação dos Planos de Gestão Territorial e Ambiental que estão sendo elaborados em diálogo com a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas (PNGATI).

Esta publicação é uma amostra de como os povos indígenas estão percebendo as mudanças dos ciclos anuais na região, nos últimos anos, e como a desordem na variação do clima é vista sob o ângulo dos conhecimentos e práticas tradicionais. Como estes estudos de caso revelam, as pessoas dentro das comunidades estão identificando essas mudanças do clima. E, assim, muitas ações de adaptação já são colocadas em prática nas atividades de manejo ambiental dos povos indígenas. São muitos os exemplos de soluções encontradas, sendo que uma

delas está ligada à agricultura, com o aprimoramento de variedades de manivas mais resistentes e que têm o ciclo de produção mais curto.

Como uma realidade cada vez mais presente no cotidiano das comunidades indígenas, o enfrentamento deste cenário de mudanças climáticas coloca uma série de novos desafios. Como resultado propositivo dos estudos de caso, os Agentes Territoriais e Ambientais Indígenas identificaram uma série de ações estratégicas que devem ser colocadas em prática, nos próximos anos, com vistas a enfrentar os impactos das mudanças climáticas na região Serra da Lua. Algumas ações serão planejadas e executadas pelas próprias comunidades, de acordo com suas formas específicas de planejamento e pactuação de consensos em relação à gestão ambiental e territorial. Outras iniciativas demandam articulações com parceiros e com o poder público para que possam ser colocadas em prática. A seguir, apresentamos como foram sistematizadas as propostas de ação dentro de um “Plano regional de enfrentamento às mudanças climáticas na região Serra da Lua”.

23 Texto: Sineia Bezerra do Valle – Gestora Ambiental. Coordenadora do Departamento de Gestão Territorial e Ambiental do CIR.



foto: Francivaldo

Percorrendo os limites.

PARTE IV

PLANO REGIONAL DE ENFRENTAMENTO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA REGIÃO SERRA DA LUA



PLANO REGIONAL DE ENFRENTAMENTO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS REGIÃO SERRA DA LUA

IMPACTOS DAS MUDANÇAS DO CLIMA	Ações necessárias	Como? (estratégias)	Quem? (responsáveis)	Parceiros	Quando?	O que é necessário? (condições materiais)
Impacto na produtividade agrícola e nas variedades de sementes tradicionais	a) replantio b) promover a troca de variedades de sementes tradicionais c) criar um banco de sementes tradicionais intercomunitário	a) promover a feira para o intercâmbio de variedades de sementes tradicionais b) definir o local para a criação do banco de sementes tradicionais	a) agricultores b) um grupo de pessoas representantes da TI Manoá-Pium c) comunidade, tuxauas, agentes ambientais, técnicos agrícolas indígenas, capatazes, professores e AIS	a) as próprias comunidades b) CIR, SEI, CAFOD, SEAPA, EMBRAPA, FUNAI, MDA	a) continuamente b) levar uma pré-proposta na Assembleia Geral dos Tuxauas em 2014 c) após a feira de sementes tradicionais	• Combustível • Transporte • Alimentação • Sementes • Grupo de animação TI Manoá-Pium • Divulgação e convites • Ferramentas (terçados, enxadas)
Impacto sobre os peixes	a) promover manejo de pesca, inclusive no período de piracema	a) através de acordos internos b) criação e reprodução de peixes em tanques-redes ou açudes PGTA Jacamim 2015	a) as comunidades	CIR, FUNAI, SEI, Ministério da Pesca	a) em médio prazo (Manoá – PGTA 2014)	a) materiais de informação do estudo de caso, legislação e divulgação b) tanque-rede: boia, canoa, alevinos, ração. Açude: máquina retroescavadeira, ração, tela e alevinos
Impacto sobre os animais silvestres e de caça	a) preservar os animais que não são para o consumo b) promover o manejo da caça	a) sensibilizar as pessoas da comunidade	a) ATAs, lideranças, professores	a) a própria comunidade e o CIR	a) continuamente em reuniões comunitárias, e durante atividades de caça. Seguindo os calendários ecológicos	Material informativo
Impactos na redução de espécies de madeira de lei e frutíferas	a) fazer reflorestamento b) promover o manejo da retirada da madeira e derrubada c) limitar o tamanho das roças	a) coletar sementes e construir o viveiro c) estabelecer acordos internos	a) a comunidade, alunos, agentes ambientais, professores, lideranças	a) CIR, FUNAI, CIFCRSS, INPA, ISA	a) a médio prazo c) a definir	a) materiais para construção de viveiro

IMPACTOS DAS MUDANÇAS DO CLIMA	Ações necessárias	Como? (estratégias)	Quem? (responsáveis)	Parceiros	Quando?	O que é necessário? (condições materiais)
Desmatamento descontrolado (entorno)	a) fazer a vigilância e monitoramento dos limites da TI	a) denunciar, enviando documentos aos órgãos competentes	a) a comunidade, agentes ambientais, professores, lideranças, alunos	a) FUNAI, MPF, IBAMA	a) Sempre que ocorrer a infração ou crime ambiental	a) máquina fotográfica, GPS, transporte, combustível, placas de identificação
Muita quentura (surgimento de novas doenças)	Reflorestamento de árvores e frutos da própria floresta (manga, caju) para atrair os animais	(vide o problema do desmatamento descontrolado)				
Dificuldade de acesso, provocada pelo inverno rigoroso	a) manutenção das estradas e pontes	a) Drenagem, aterramento, bueiros e construção de pontes de concreto	a) DNIT, SEINFTE, FUNAI		a) manutenção necessária sempre antes do inverno	a) de responsabilidade dos órgãos públicos competentes

POTENCIALIDADES

Potencialidades	Avanços	Como (estratégias)	Quem (responsáveis)	Parceiros	Quando?	O que precisa? (condições materiais)
Área de Balatal	Transformar em área de conservação	Acordo TI Manoá-Pium	Comunidades da TI Manoá-Pium	CIR, FUNAI e comunidades	Para 2014	—
Produção de farinha	Reconhecimento da qualidade da farinha	a) através da certificação b) criação de uma marca da TI Manoá-Pium	a) órgãos públicos competentes b) TI Manoá-Pium	CIR, FUNAI e as comunidades	Apresentar proposta na reunião do polo-base neste ano de 2014	Garantir a produção, casa de farinha, organização institucional da proposta
Castanha	Proposta dentro do PGTA	Implementação do projeto 2014	Comunidades	CIR e Católica	2014	Detalhadas no projeto
Buriti	Dentro do PGTA				2015	Detalhadas no projeto

Referências bibliográficas

CABALZAR FILHO, Aloisio (org.). 2010. *Manejo do Mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do rio Negro*. São Paulo, SP: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN (em especial os artigos de Adeilson Lopes da Silva/ISA e Antonio Nobre/INPE).

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela e ALMEIDA, Mauro Barbosa de (orgs.). 2002. *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Cia. das Letras. 735 pp.

Diálogos interculturais – Povos indígenas, mudanças climáticas e REDD. 2010. Brasília: FUNAI – GTZ, 28p.

FARAGE, Nádia. 1997. As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapichana. FFLCH/USP: Tese de doutorado apresentada à Área de Estudos Comparados em Literaturas de Língua portuguesa, 1997, 298 p.

IEB (Instituto Internacional de Educação do Brasil). 2011. Povos Indígenas e Mudanças do Clima: da adaptação à escala microrregional à contribuição à política nacional. Proposta ao FNMC.

IEPÉ (Instituto de Pesquisa e Formação Indígena). 2010. *Boletim Povos Indígenas e Meio Ambiente: Amapá e Norte do Pará*. Nº 10, Jan.-Jun. de 2010, Ano 04: “Mudanças Climáticas e Povos Indígenas”.

LIMA, Lucas Pereira das Neves Souza. 2013. “Ilhados”. Estratégias e feições territoriais Wapichana na Terra Indígena Manoá-Pium. Dissertação de Mestrado, CEPPAC/UnB.

Mudanças Climáticas e Povos Indígenas Orientações sobre Mudanças Climáticas (Alunos de 2009). 2010. COIAB – Centro de Formação Indígena (CAFI).



OLIVEIRA, Alessandro Roberto de. 2012. Tempo dos Netos - abundância e escassez nas redes de discursos ecológicos entre os Wapichana na fronteira Brasil-Guiana. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Brasília: DAN, Universidade de Brasília.

PINTO, Erika de Paula Pedro; MOUTINHO Paulo; STELLA, Osvaldo; CASTRO, Isabel; MAZER, Simone; RETTMANN, Ricardo; MOREIRA, Paula. Perguntas e Respostas sobre Aquecimento Global. 2010. 5ª edição. Belém, Pará, Brasil. Dezembro.

entender como tais povos e comunidades estão modificando seus meios de vida e incorporando novas abordagens para lidar com o que eles entendem serem transformações do mundo, do tempo e do espaço em que vivem – transformações das quais eles são, como eles mesmos reconhecem, agentes e pacientes.

Amazad Pana'adinhan se junta, assim, ao movimento crescente de fazer pontes entre regimes de conhecimentos indígenas, resultantes de experiências locais, e a formulação de políticas e estratégias de enfrentamento às mudanças climáticas – nas escalas nacional e global – desafiando estas a abdicarem de posturas tecnocráticas, científicas e coloniais.

Henyo T. Barretto
Fº (Diretor Acadêmico/IEB)

Toda mudança climática vai afetar alguma coisa na área de saúde? E de educação? E na convivência das famílias? Causa interferência na nossa economia? Tem a ver com pobreza? Sobrevivência? É um tema muito importante. É um trabalho riquíssimo. A cigarra não cantou, o pau d'arco não florou, tudo o que é a sabedoria que temos para dar para plantar, para colher. Desde quando mesmo, começou a variação climática aqui, na Malacacheta? Fazer um acompanhamento. Tudo é produto de pesquisa. Às vezes, não damos valor à pesquisa do nosso aluno; pesquisar é detectar o problema, para solucionar depois.

(Sr. Almerindo Raposo – Coordenador Regional do Centro de Formação Serra da Lua)

O clima tem hora que está chovendo e tem hora que está sol, antes, tinha a bananeira, a maçã, e, hoje, não tem mais. Até outros tipos de banana, não tem mais, hoje, como antigamente. O jacaminzão era produtor de banana, e hoje não é mais. Também, tem as doenças que vêm junto com a mudança do clima como pneumonia e gripe. As acácias estão aí, o clima não é apropriado para estas acácias. Na minha observação, não tem mais o peixe sulamba no Rio Quitawaú, está sendo extinto por várias situações, colocávamos muito timbó e degradamos. Dentro destas mudanças, estão as nossas madeiras de lei e, principalmente, o cedro, que tiraram bastante. Tem muito pouco na região, pau-rainha e caferana estão crescendo muito, nessa derrubada. A maniva está ficando fraca, achamos que deve ser adaptação difícil ao clima. Sabemos que a mata, de tanto ser queimada, vai perdendo a força de plantar. Vamos, com certeza, continuar com este trabalho.

(Sr. Simeão Messias – Coordenador Regional Serra da Lua)



Conselho Indígena de Roraima - CIR

APOIO:

